
O CRIME DO PADRE AMARO

I

Era em Leiria. Começava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau, sobre a ribeira do Liz, tinha sido destruído, e já se passava sobre a ponte nova, baixa, com dois arcos de pedra fortes, atarracados e largos. Para diante revolvía-se ainda o terreno, desbastavam-se os silvados, esboroavam-se monturos de saibro, e a espaços erguiam-se os montes de cascalho; com os seus grandes chapéus desabados os calceteiros britavam o calhau, e viam-se os grossos cylindros de pedra que acamam e recalcam os macadams, um pouco enterrados na terra negra com as ultimas chuvas de maio.

Sobre a ponte a paisagem é larga e d'alta respiração. Para o lado do interior, d'onde o rio vem, elevam-se collinas baixas cobertas das ramas verde-negras dos pinheiros, ou, a espaços, escalvadas, onde fazem nodoa as grandes amarellidões dos saibros: em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes. A's vezes n'uma clareira, ao sol, uma parede branca e caiada destaca-se na clara tranquillidade das tardes, e esbatem-se no ar os fumos esbranquiçados das lareiras. Da banda da cidade, que é tambem a do mar, para onde o rio vae entre dois renques de salgueiros esguios e pallidos, estende-se até aos primeiros areaes o campo de Leiria, verde, fechundo com o aspecto das aguas abundantes e batido da larga luz. Da cidade veem-se apenas alguns telhados negros, as cantarias pardas, pezadas e jesuiticas da Sé, o muro do cemiterio coberto de parietarias, deixando ver as pontas agudas dos cyprestes; e sobre o seu escuro monte, revolido e duro, ourissado de vegetações rebeldes, estão as ruínas do castello, destacando em negro, quadradas, com um grande ar historico.

Ao fim da ponte uma pequena rampa desce para a alameda á beira do rio. Ha ali arvores antigas; e o chão baixo, ao abrigo dos ventos in-

quietos, tem quasi sempre uma camada amarella e pisada de folhas secas. Duas velhas mós de moinho, esquecidas alli, esverdeam-se de musgos. A alameda é curta, e acaba n'um caminho estreito, vincado das rodas dos carros, que leva para os campos e para as fazendas distantes, apertado e quasi escondido entre as duas altas sebes de relva: é a azinhaga. Do outro lado do rio, defronte da alameda, são campos cultivados, que chegam quasi junto d'agua: apenas um pequenino caminho, negro, humido, lodoso, com hervas pobres que agita a palpitação da corrente segue rente do silvado que fecha as culturas, ao longo do rio. Por alli, em Junho, uma tarde, ainda na luz vigorosa, caminhavam de vagar, com o seu passo poderoso e tranquillo, duas grandes vaccas. Guardava-as com uma vergasta uma rapariga de dez annos: era esguia, magrinha, com sardas, um lenço vermelho na cabeça d'onde caíam felpas esguedelhadas e seccas, os hombros com saliencias d'ossos, um colete desbotado d'atacadador e uma saíinha curta. A agoa ia clara, n'uma toalha delgada e vagarosa; pedaços d'area em secco reluziam; e o rio arrastava-se com um marulho doce todo enrugado do roçar dos seixos; e os arcos estendiam n'agoa a sua sombra macissa. O ar estava immovel, penetrado de luz; nos campos viam-se ás vezes entre os milhos, os chapéus negros, as brancuras de camisas que se moviam. Os passaros chilreavam: e como havia alli madre-silvas, ainda áquella hora as borboletas brancas, aos pares, esvoaçavam palpitando. Sentia-se a grande distancia um tambor. A estrada estava solitaria: um ou outro homem vinha da cidade montado na sua egoa, direito, de jaqueta ao hombro, o cajado entalado entre a perna e o albardão coberto com uma pelle de cabra, trotando n'um choito indolente para o lado das freguezias... e ainda todo o ceu tinha a cor d'uma velha porcelana azul. As vaccas tinham parado com a cabeça erguida, derramando em roda o seu olhar tranquillo, e a rapariga procurava as amoras que já começavam a escurecer nas sebes, quando um rapaz de onze annos que viera pela azinhaga, parou á beira da agoa, com uma canastra de herva á cabeça, e umas compridas calças azuladas que arrastavam.

— Oh Farrusca, gritou elle, passa para cá com as vaccas.

— Passa tu, disse a rapariga com a sua vósinha arrastada e fanhosa.

O rapaz arregaçou as calças, e com um grande ruido da agua, chapinhando, com as pernas muito abertas, ia atravessar segurando com os braços esticados a canastra. Mas com a rumor, as vaccas que iam entrar no rio a beber, voltaram para o carreiro com um movimento brusco, as carnes tremulas, balouçando a papeira.

— Deixa beber as vaccas, rapaz, gritou a rapariga, com uma voz acre e aguda. Eh maldada!

O rapaz voltou para a alameda, pousou a canastra e com as calças arregaçadas, as canellas brancas e delgadas, as mãos nos bolsos, e o barrete azul enterrado na cabeça, dizia-lhe:

— Então passa tu, Farrusca, corta ao atalho... anda!

A pequena gritava ás vaccas que iam voltando á agoa, e que estendendo o pescoço pellado da canga, bebião de leve, vagarosamente, sem

ruido. A espaços erguiam a cabeça lentamente, olhando com a passiva tranquillidade dos seres fartos, e fios d'agoa, babados, claros, brilhantes á luz, pendiam dos cantos do focinho. Ficavam assim olhando vagamente, davam outro passo indolente procurando o fio da corrente, com uma perna estendida, tornavam a beber, roçando a agoa ao arrepio, e a sua sombra corpulenta tremia na fina enrugação da agoa.

—Depois passa para cá, dizia sempre o rapaz.

—Passa tu.

—Olha a casmurra! E p'ra subir p'rá estrada?

—You lá para a estrada!

—Estou-te a dizer: cortas pelo atalho!

—Passa tu.

O rapaz tornou a entrar na agoa, segurando com as mãos as calças que se desarregaçavam e cahiam. Mas com o ruido, as vaccas voltaram outra vez devagar, com a cabeça baixa, batendo a cauda...

—Deixa beber as vaccas, rapaz! —E como elle, continuava chapi-nhando e resmungando: —Deixa beber as vaccas rapaz! — gritava quasi chorando a rapariga.

O rapaz parou.

—Olha a sarna! disse elle; e a grandes passos, com as pernas muito abertas saltou para a alameda, poz a canastra á cabeça ageitando-a, e ia-se pela rampa todo callado.

—Oh *Moriço*, espera que eu enxoto para lá, gritou-lhe a rapariga, espera lá *Moriço*!

—Adeusinho, disse elle, subindo sempre a rampa, e a cada momento voltava-se resmungando-lhe: Casmurra!

—Oh *Moriço*, espera! e toda apressada, atirava ás vaccas. Espera *Moriço*!

O rapaz pousou a canastra, esperando.

A pequena tinha entalado as saias nos joelhos, e com as suas per-ninhas brancas e finas, cortava a agoa baixa, devagarinho, fallando ás vaccas. Com a inclinação do sol a agoa perdia a sua claridade espelhada e estendiam-se mais as sombras dos arcos da ponte. Os passaros chilreavam por todas as arvores. Pela estrada começava a passar gente na volta do trabalho. Então entrou na alameda, sahindo da estreita azinhaga, um homem a cavallo: era grosso, com o pescoço curto, os hombros subidos, o rosto trigueiro carnudo e avermelhado, e os beiços grossos. Parecia dormir. Trazia um chapéu desabado, uma quinzena curta, e os seus largos pés, calçados com botas cheias de rugas, de canos vermelhos, assentavam pesadamente nos estribos de pau. A agoa era branca, com a clina cortada, um passo curto, e ao entrar na alameda relinchou fortemente.

—Chó! disse o homem espertando. E as vaccas, enxotadas pela Far-rusca, quasi ao pé da alameda, estacaram. A pequena gritava: —Eh! *malhada*! eh! — As vaccas paradas olhavam.

—Espera lá, espera lá, disse o rapaz, e com uma pedra na mão, entrou na agoa correndo.

—Não atires, *Moriço*! Mas a pedra tinha acertado no lombo da *malhada* ao pé do pescoço, mesmo em cheio.

A vacca assustou-se e fugiu para a alameda n'um largo passo, manso e pesado.

O *Moriço* correu para a cercar, gritando:

—Eh! eh!

Mas então a egoa branca que vinha, recuou, deu um salto de repellão e o homem destribou-se, oscillou pesadamente, e foi cahir com um som baço sobre as mós de moinho, onde ficou espapado de bruços, com os braços abertos, e um fio de sangue escuro, delgado, que escorria pela pedra, e cahiu gota a gota no chão.

O pequeno atirou-se á estrada, gritando. Dois trabalhadores que passavam correram:

—Que é lá? que é lá? E um, forte e espadaudo, ergueu o homem por debaixo dos braços: o corpo ficou todo pendente, descaído, e os fios de sangue escuro corriam-lhe pela cara.

—Queres tu ver!? Ai que é o sr. parcho!

E então tinham vindo os britadores da estrada, as mulheres que levam o saibro. O apontador das obras, um loiro de bonet de oleado e ocuclos azues, amarrou-lhe um lenço em torno da-testa. Um velho appareceu logo, em mangas de camisa, todo esbaforido, com uma escada curta: estenderam-lhe em cima uma manta velha e a tampa d'uma canastra, e estiraram o corpo do parcho, hirtto, com o seu ventre proeminente, a camisa ensanguentada, o rosto amarello com nodoas roxas, os labios cheios d'uma espuma sanguinea; e em quanto os dois homens o levavam como n'uma maca, quasi correndo, os seus dois braços pendiam, com as mãos lividas, polpudas e cheias de cabellos.

A tarde esmorecia, e o poente inflammava-se, com grandes laivos es-carlates. Acabavam os trabalhos e, recolhendo, pelos estreitos caminhos dos casaes, e das freguezias, com a jaqueta ao hombro, a enxada ás costas, as mulheres levando os farneis, ia áquella gente espalhando pelas portas, a historia da morte do parcho.

No emtanto tinham conduzido o corpo á botica ao pé da Sé.

—Foi apoplexia, disse o Carlos, o boticario: está prompto!

Arregaçou-lhe a manga e ainda lhe picou a veia com a lanceta, mas formou-se uma gota quasi coalhada e negra, e o golpe arrocheou-se.

—Está morto, resumiu o boticario.

À porta entre a gente que se juntára n'uma curiosidade assustada, os trabalhadores, aterrados, escorrendo em suor, contavam a uma velha cheia de *ais* que perguntava, encolhendo-se e dobrando-se no seu chaile preto, *quem o tinha matado*; e já era noite quando se ouviu o sino grande tocar vagarosamente o dobre.

Assim ficou vaga a parochia da Sé.

II

Foi pouca gente ao enterro do parcho. Em Leiria ninguem o estimava. Tinha a voz brusca e plebea, e o temperamento impetuoso e acre. Os pobres voltavam sempre, ralhando e murmurando, da sua porta fechada. As devotas temiam-no: e quando iam com voz penitente fallar-lhe de peccados e de escrupulos, resmungava sempre apressado:

— Outra occasião, sanctinha, outra occasião.

Tinha sido mestre de latim até 46; e os novos lembravam os seus asperos gritos quando ouvia syllabar Virgilio, e as severidades tyrannicas da escola.

Era pobre, vivia n'uma casa sua, desconfortada e escura, ao pé do quartel; tinha uma creada velha e um cão, o *Joli*. O seu amigo unico era o chantre Valladares, que governava então o bispado, por que o sr. bispo D. Joaquim, havia alguns annos, que gemia o seu rheumatismo, n'uma quinta do alto Minho.

O chantre quiz ir aspergir-lhe a cova — e como era elle que fornecia o parcho de rapé — disse ao conego Campos, ao deitar sobre o caixão, segundo o velho ritual, um pequeno torrão de terra:

— É a ultima pitada que lhe dou.

No adro, os srs. conegos do cabido, riam ainda com esta graça do sr. governador do bispado: o conego Campos, contou-a á noite ao chá em casa do deputado Novaes: as senhoras idosas tinham então exaltado as virtudes do chantre — e affirmava-se com respeito, *que sua ex.^a tinha muita pilheria!*

Dois dias depois do enterro appareceu, errando pela praça e ganindo, o cão do parcho, o *Joli*: soube-se que a antiga creada d'elle entrara, com uma febre, no hospital: a casa fôra fechada e o cão abandonado, velho, gemia a sua fome pelos portaes: era um gozo pequeno, com o pello encanecido, extremamente gordo, as pernas arqueadas e curtas e todo tropego: e como tinha uma ferida e não cheirava bem, enxotavão-n'o. Com o habito das batinas, e avido d'um dono, o *Joli* sempre que via um padre, punha-se a seguil-o arrastadamente, e ganindo, baixo, com uma asthma lastimosa. Mas nenhum o queria, davão-lhe com as ponteiras de ferro dos guardas soes — e o *Joli* como um pretendente, ficava a uivar. Uma manhã o *Joli* appareceu morto ao pé da Misericordia: esteve alli dois dias a apodrentar, todo enxames de moscardos sobre a roxa pustulação das feridas: — uma carroça de estrume levou-o: e como o cão desappareceu da praça onde dormia ao sol e tremia a sua velhice, o parcho José Miguel foi definitivamente esquecido.

Dois mezes depois, soube-se em Leiria que estava nomeado o novo parcho. Dizia-se que era um homem extremamente novo, sahido apenas do seminario; attribuia-se a sua escolha a influencias politicas: e o jornal de Leiria, *A voz do Districto*, fallou com pompa, citando o Golgotha, em favoritismo da corte e na reacção clerical. O seu nome era Amaro Vici-

ra. Alguns padres tinham-se escandalizado lendo o artigo: fallava-se n'isso acremente deante do sr. *chantre*: era á tarde, nos terrassos do paço, depois do café:

— Não, não, lá que o homem tem padrinhos, isso tem — disse o sr. *chantre* passeando a sua pesada corpolencia, com as lapellas do seu casaco de linho todas deitadas para traz — a mim quem me escreveu para confirmação foi o Brito Corrêa. — Brito Corrêa era então ministro da justiça. — O homem tem padrinhos.

Em Leiria só uma pessoa conhecia o parochi novo: era o sr. conego Dias, — que fora nos primeiros annos do seminario seu mestre de moral. O conego dizia que no seu tempo, o parochi era um rapaz fransino, um pouco corcovado, acanhado, com os olhos pisados, a cara cheia de espinhas carnaes — minucioso nos estudos, passivo na obediencia.

— Parece que o estou a ver, dizia elle na botica do Carlos, com uma batinita muito coçada, cara de quem tem lombrigas.... Ha que tempo isto vae!

O conego Dias não era sympathico aos liberaes de Leiria. Era um homem redondo e baixo, com um ventre saliente que lhe enchia a batina, as pernas curtas e esguias, e fortemente pousado n'uns pés chatos onde reluziam as fivellas: a cara era molle e cheia, d'um pallido baço, as olheiras papudas, e o beijo descabido e espesso — e todo o seu aspecto, com um cabellinho curto grisalho, fazia pensar nas velhas anedoctas de frades lascivos, enfartados de peccado.

O tio Praticio, o *Antigo*, negociante da praça, que fora da revolução de 20, e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia sempre quando o via atravessar a praça, pesado e ruminando a digestão, encostado ao seu guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D. João VI.

O conego vivia só com uma irmã velha, a sr.^a D. Josepha Dias e uma creada que todos conheciam em Leiria, sempre entrouxada n'um chale castanho, arrastando as chinellas d'ourello, e desfiando as camandulas negras do seu rosario. O sr. conego Dias, tinha ao pé de Leiria propriedades arrendadas: dava ás vezes jantares com perú: e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815.

Era nos fins d'agosto, e em algumas fazendas começava já a primeira apanha da *azeitona*: n'esse dia as pessoas, que de tarde iam para os Marrases tinham sentido, ao passar na estrada nova, repiques na sé. O sr. parochi novo devia chegar pela deligencia de Chão de Maçans. A deligencia trazia o correio e chegava depois das 7 horas. O conego Dias e o coadjutor tinham ido esperar o parochi, e passeavam monotonamente defronte do chafariz. Aquella hora o largo, no pardo claro do crepusculo, é vivo: os caixeiros, em cabello, esperam, na deligencia, as encomendas, caixas, os *Diarios de Noticias*: e garotos, á espreita de malas ou passageiros, encostam-se tranquillamente ao muro da ponte, com as mãos cruzadas de traz das costas, o barrete sobre os olhos, a cara escavada, o aspecto avinhado, rotos e chupando o cigarro. O chafariz está

cheio do ruído das creadas; a agoa cae sonoramente, os cantaros arrastam sobre a pedra: os soldados com a sua fardeta suja, as enormes botas cambadas, namoram em redor, meneando a chibata de junco; sente-se o agudo ralhar das velhas; ha desordens: e com o seu cantaro bojudo de barro, equilibrado á cabeça sobre a rodilha, as creadas vão-se, aos pares meneando os quadris: algumas paradas, o cantaro vasio atravessado sobre a cabeça, tem com os rapazes de officio conversas abafadas: as lavadeiras passam, com as suas trouxas brancas; e os officiaes ociosos, com a farda desapertada sobre o estomago, encostados ás bengalas, conversam, esperando, *a ver quem vem*. No entanto defronte allumiam-se uma a uma, d'uma luz soturna, as janellas do hospital. Já tinha anoitecido, quando a deligencia com as lanternas accesas, com um *tilintar* saccudido dos caixilhos de vidro, entrou na ponte, no trote esgalgado dos seus magros cavallos brancos, e veio parar adiante do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz. Ficou logo cercada de gente. O moço de cavallariça desatrelava-a; o tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, mandava descer as mallas, praguejando tranquillamente: vozes impacientes pediam as encomendas, os jornaes: — um coxo resmungava padres nossos, saltando sobre a sua moleta: e um homem, que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu, um comprido capote ecclesiastico e um guarda chuva, desceu cautellosamente agarrando-se ás guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para desenturpecer, e olhou em redor.

—Oh Amaro, disse-lhe o conego! oh ladrão.

—Oh *padre mestre*, disse o outro, com alegria. E abraçaram-se, em quanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão. Era o parcho.

E d'ahi a pouco, as pessoas que estavam nas lojas, viram atravessar a praça, entre a corpulencia vagarosa do conego Dias, e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado, com um capote de padre e um chapéu alto. O João Bicha levava adiante um bahu e um sacco de noite, e como áquella hora já estava um pouco bebado, ia cantarolando o *Bemdito*.

O parcho vinha fatigado e a cidade parecia-lhe triste. Eram 9 horas, a noite cerrara. As casas em redor da praça tinham as janellas fechadas; das lojas debaixo da arcada, vinha uma luz escassa e somnolenta: viam-se sobre os balcões os candieiros de petroleo amortecidos, e figuras d'aspectos enfastiados. As ruas que vinham dar á praça estreitavam-se estreitas, turtuosas, apertadas entre altas casas cheias de sombra, e a espaços um candieiro de vidro baço, fazia reluzir vagamente em baixo, a humidade das immundicies: a um canto da praça, n'uma taberna que ainda estava aberta, uma fumarça parda sahia do peixe. Na pharmacia, ao meio da praça, destacavam-se á porta, na luz, vultos de chapéu alto; e o sino da Sé dava vagorosamente o toque das almas.

No entretanto o conego Dias, ia explicando ao parcho a casa que lhe arranjava: para viver só, não encontrára nada conveniente:

—E depois creada, roupas, *et caetera*! Era o diabo para você.

Por isso tomara-lhe um quarto, em casa d'uma mulher viuva que recebia hospedes: era a sr.^a Augusta Caminha, natural de S. João da Foz, e chamavam-lhe a *S. Joanneira*. O secretario geral estivera lá: e o conego mostrava-a como uma mulher temente a Deus, accada, de boas contas, economica e cheia de condescendencias.

—Você está alli como em sua casa. —Boas noites sr. Vasco —era um homem que ia passando, com um chaile-manta, chapéu desabado, e que vendo um padre novo ficara voltado a reparar. —E cá o nosso recebedor, disse o conego. —Você tem cosido, prato de meio, o seu café....

—E preço? hein! disse o parcho.

—Um crusado. Que diabo! Tem um quarto, tem uma saleta. Ha uma saleta, não ha? —disse voltando-se para o coadjutor.

—Uma rica saleta, respondeu o coadjutor, com a sua voz de timbre invejoso.

—É longe da Sé perguntava Amaro.

—Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinellos. — O coadjutor tossiu. —Na casa ha uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o conego Dias. É a filha da *S. Joanneira*. Uma rapariga de 22 annos. Bonita. Sua pontinha de genio.

E explicava a casa, as suas commodidades, que era bem arejada, o cano da cosinha não deitava cheiro, tinha cavallariça....

—É aqui disse elle, batendo na aldraba d'uma porta. Era uma casa de dois andares: no primeiro duas varandas de ferro, d'aspecto antigo, faziam saliencia com os seus arbustos de alecrim que se arredondavam em caixas de madeira: as janellas de cima, pequeninas eram de peitoril, e a parede não era lisa, e pelas suas irregularidades fazia lembrar uma lata amolgada. A rua era estreita, lageada, com casas pobres; sentia-se um piar agudo. Amaro notou, escutando....

—Ah! são as corujas na misericordia: e o conego mostrava com o guarda-chuva, ao fim da rua, as altas paredes de um edificio velho, de construção de D. Maria I.

Mas abriram a porta e a sr.^a Augusta Caminha estava no alto da escada: uma creada, enfesada, cheia de tosse, de aspecto pasmado, allumiava, com um candieiro de petroleo: e a *S. Joanneira* destacava plenamente, na luz sobre a parede: era uma pessoa gorda e branca, e os seus olhos pretos tinham em roda a pelle engilhada e pisada; a carne era abundante e molle, e tinha uns cabellos arrepiados, já um pouco raros e com fios brancos aos cantos da testa e no começo da risca: trazia uma fita escarlata.

—Ora aqui tem a senhora o seu hospede — disse o conego, subindo.

—Muita honra, em receber o sr. parcho! — muita honra! Ha de vir muito cansado por força, —dizia ella com a sua voz fina, carregando nos RR.

Na saleta João Bicha, com o barrete na mão, os cabellos esguedelhados, nodoas avermelhadas na cara, em farrapos, os olhos piscos da luz esperava ao pé da bagagem.

O parcho remecheu no bolso das calças.

—Deixe estar sr. parcho, deixe estar, eu cá pago, accudiu o conego.

E os dois padres, entraram para uma sala pequena caiada de amarello. Um canapé de pallinha, estava encostado á parede, e por cima, aos cantos, na cal, á altura da cabeça, tinham ficado os vestigios roçados do oleo dos cabellos: no meio estava aberta uma mesa forrada de baeta verde, com um cofre feito de conchas.

—É a sua sala, — disse a S. Joanneira entrando. Para receber, para espairecer....

—Aqui — disse abrindo uma porta — é o seu quarto — uma comoda, o seu guarda roupa: e abria as gavetas da comoda, gababa a cama, battendo a elasticidade dos colxões, e ageitava a travesseirinha com froinha de renda.

—Uma campainha para chamar sempre que queira.

O parcho tinha pendurado o capote n'um cabide.

A S. Joanneira explicava:

—As chavinhas da comoda, tem-n'as aqui. Se gosta de travesseirinho mais alto.... Tem uma coberta só, mas querendo....

—Está bem, está bem, minha senhora.

—É pedir! o que ha, da melhor vontade.... E contra os seus habitos taciturnos e passivos, desfazia-se em palavras, em cumprimentos.

—Olhe que elle deve vir cheio de fome, senhora, interrompeu o conego.

—É um instantinho. Está a mesa posta.

—Vá, apressar a *Russa*, vá.

A S. Joanneira, cruzou lastimosamente os braços.

—Ah d'isso, é que nós estamos muito mal! de creadas, é uma terra em que se não pilha uma em termos.

E sahio, subindo pela escada proxima.

—Vá *Russa*, vá mexe-te — e sentiam-se na salla do jantar os seus sapatos com um rangido, pisarem fortemente o soalho.

—É contentar, meu rico, é contentar. — Foi o que se poudo arranjar.

—Eu estou bem em toda a parte, disse o parcho, calçando os seus chinellos d'ourello — olha o seminario....

—É verdade, oh Amaro, aquelle caldo!

—É verdade, é verdade — e rindo passeavam na sala. Mas o padre Amaro, parou escutando.

—Que é aquillo, disse elle. Ouvia-se o tocar de cornetas na praça.

—É ás 9 e meia: o toque de recolher.

Amaro abriu a vidraça da salla e com as mãos no ferro da varanda, olhou. Ao fim da rua, um candieiro esmorecia: a noite negra parecia alargar-se n'um silencio concavo: só a espaços, um piar de coruja vinha das paredes da misericordia: o som das cornetas cessara, e o rufar lento dos tambores affastava-se; mas o som agudo das cornetas recommçou, e por baixo da janella um soldado passou correndo.

—É triste isto, disse Amaro.

—Póde subir sr. Conego, disse de cima, a S. Joanneira.

—Vá, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro.

E fallando da jornada, iam subindo—e o conego apoiava-se ao corremão, com os seus cançassos asthmaticos. A creada allumiava de cima.

Mas logo no meio da sala de jantar, larga, forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava: á luz forte d'um candieiro, com abat-jour, a toalha branca e fria, a louça de porcelana e os copos reluziam: — da terrina exhalava-se um vapor do caldo quente, e na larga travessa, a galinha gorda, affogada n'um arroz humido e branco, com um naco de paio avermelhado, dava a sensação do conforto, d'um bem estar dilatado, d'uma vida succulenta e farta que faz engordar. Havia um armario envidraçado, na sombra, onde se viam as côres claras da louça, e a um canto, ao pé da janella, estava um piano coberto com uma colxa de setim desbotado. Sentia-se frigir na cosinha: e sob o contentamento da comodidade, o parcho esfregava as mãos.

—Para aqui sr. parcho, para aqui, dizia a S. Joanneira, d'ahi pode-lhe vir frio. E arredava-lhe a cadeira, empurrando para junto d'elle com a ponta do sapato um caixão de arca, para os escarros e as pontas dos cigarros.

O conego tinha-se sentado, com um *ah....* satisfeito.

—O sr. conego toma um copinho de geleia,—sim? disse a S. Joanneira. — Mexe-te rapariga.

—Para fazer companhia; vá lá: disse o conego desdobrando o guardanapo, que, punha ao pescoço, como um *bibe*: e a S. Joanneira atou-lhe por traz as duas pontas.

—Sim senhor, sim senhor, dizia elle — e olhava para Amaro.

—O parcho, com a cabeça sobre o prato, comia em silencio o seu caldo, soprando a colher. Estava salientemente na luz: da volta aberta e alta, sahia a sua cabeça, pequena, com um cabello preto, cortado, onde destacava a corôa: era pallido, a pelle tinha um aspecto fino, o nariz aquelino e curto, e os seus olhos pretos e grandes, com pestanas compridas,—mostravam o seu temperamento sensivel, inquieto e curioso.

O conego não o via desde o seminario: achava-o mais forte, mais viril!

—Você era enfezadito....

—Foi o ar da serra, dizia o parcho, com uma perna da galinha na mão — fez-me bem. E contava ao conego a sua estada n'uma freguesia da alta Beira, nas asperezas da serra. O conego deitava-lhe vinho d'alto, fazendo espuma.

—Beba, homem!

Fallavam então do Seminario, da escassez do refeitório, do mestre de canto.

—Que seria feito do Costa? dizia o conego.

—E do Carcho?—Riam:—E o reitor! e o porteiro!

E bebendo, dilatados na alegria das recordações, contavam as historias esquecidas.

A S. Joanneira, sentada, sem comer, servia o parochio, apressava a creada.

— Mexe-te, rapariga, mexe-te.

A creada corria com os pratos um pouco erguidos, e das suas saias, rapidamente saccudidas, vinha um cheiro de chita tingida e de lavagens gordurosas.

Tinha vindo um prato covo, com maçãs assadas, e um molho d'asucar.

— Viva! Não, lá n'isso tambem eu entro — disse o conego, e preparou-se limpando com a ponta do guardanapo o seu prato, e fazendo á luz reluzir a porcelana. — E elogiava a S. Joanneira, que se ergueu para ir buscar colheres, — dizia a sua economia, o accio da sua cozinha e a sua devoção.

Ella ria-se: viam-se os seus dois dentes de deante, grandes e chumbados. E battendo-lhe nas costas com a mão gorda e carnuda:

— Isto é um santo, sr. parochio, isto é um santo. — Ai, devo-lhe muitos favores.

— Deixe fallar, deixe fallar, disse o conego. — Mas um grande contentamento clareava-lhe o aspecto.

E a S. Joanneira foi ao armario, trouxe uma garrafa de vinho do Porto com letreiro escarlata.

— Olhe que ainda é dos annos da Amelia, sr. conego — disse ella, erguendo o *abat-jour* e pondo a garrafa á luz, para mostrar a côr transparente e opalica do vinho.

— Viva! viva! disse elle. — E' verdade, onde está ella, a pequena?

— Foi ao Morenal com a D. Maria. Aquillo, naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Olhe que cá esta senhora é proprietaria, explicava o conego, fallando do *Morenal*. E' um condado! Aqui onde a vê!

— Ah, sr. parochio, dizia a S. Joanneira, deixe fallar. Ora? é uma nesga de terra! E fallava das difficuldades da cultura, da altura das decimas. Conversavam então sobre os generos. O conego Dias, proprietario, explicava o rendimento das terras, bebendo o seu vinho aos goles. Sim senhor, boa gota! — No entanto a creada, encostada á parede, esperava, e ás vezes vinham-lhe as afflicções da tosse.

— Vae, vae tossir lá p'ra dentro, rapariga, disse a S. Joanneira. A Russa saiu, pondo o avental sobre a bocca, toda suffocada.

— Parece doente, coitada, disse o parochio.

E a S. Joanneira explicava que *aquella creatura* era sua afilhada, orphã, estava quasi phthisica e tinha-a tomado por piedade.

— E tambem, por que a creada que cá tinha adoeceu.

Fallaram então de doenças, de sessões do campo, dos ares de Leiria. Eu agora, dizia o padre Amaro, louvado seja nosso Senhor Jesus Christo, tenho saude, tenho, e fazia um rosto modesto.

— Ai, nosso Senhor lh'a conserve, que nem sabe o bem que é! — exclamava a S. Joanneira, e contou então a sua desgraça: tinha uma irmã idiota, havia dez annos: não saía da cama; tinha quasi setenta; era a mais velha, mas no inverno viera-lhe um catharro, e desde então extinguiu-se.

— Ha bocado, ao fim da tarde, teve ella um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descansou mais. Ora veja o sr. parcho! Com os remedios caros! É uma desgraça.

O conego fallou então das mortes que houve durante o mez.

— Olhe que não é mau rendimento aqui, disse elle ao parcho. E os baptisados? os baptisados não ha que dizer.

E a esse proposito, os dois padres conversavam sobre os rendimentos de parochia, pagamentos de congrua. Fallavam vagarosamente; o conego a espaços ficava callado.

— Póde aqui fazer seu vintem, sim senhor — disse elle bocejando.

A S. Joanneira, com o gato no colo, rolava com os dois dedos monotamente, bolinhas de pão: começava a bocejar um pouco; a physionomia tornava-se-lhe espessa: sentia-se o alongamento da noite.

— Pois senhores, isto são horas, disse o conego.

O padre Amaro ergueu-se com os olhos baixos, as mãos postas, e deu as graças.

O conego espreguiçava-se.

— O sr. parcho quer lamparina? perguntou cuidadosamente a S. Joanneira.

— Não, não minha senhora — e dando as *boas noites*, descia de vagar, palitando os dentes. A S. Joanneira allumiava, no patamar, com o candieiro. Mas nos primeiros degraus o parcho parou, e com a voz affectuosa:

— É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum.

— Ah deixe estar, sr. parcho.

— Não, não disse o conego, que punha nos hombros a sua comprida capa de lustrina, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá — vamos ao chantage, á sé, por ahí — e tenho lullas. Olhe que é um milagre. Isto aqui nunca ha peixe.

Mas a S. Joanneira tranquillisava o parcho.

— É escusado lembrar, disse ella. E affirmava que a sua casa era escrupulosa nos preceitos, dizia as suas assiduidades na egreja, a sua devoção com S. José.

— Eu dizia, explicava o parcho, porque infelizmente... hoje em dia ninguem cumpre...

— Tem v. s.^a razão, atalhou ella. Mas eu cá... E contava a sua piedade, a religião da filha, o seu temor de Deus...

— Bem sei, dizia o parcho, bem sei — e elogiava-a, fallando-lhe da salvação — quando a campainha retinio fortemente.

— Abre, Russa, disse a S. Joanneira. Ha de ser a pequena. A porta batteu, rijamente impellida, — sentiam-se vozes delgadas, pequenos risos.

— És tu Amelia?

Uma voz disse *adeus, adeus*, e appareceu, subindo quasi a correr, com os vestidos um pouco levantados adiante, uma rapariga forte, alta, direita, com o peito bem feito, uma manta branca pela cabeça, e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aqui está o sr. parochó. Chegou agora á noitinha, sobe.

Amelia tinha parado, no patamar de baixo, um pouco embaraçada; e olhava para os degraus de cima, onde o parochó de pé, encostado ao corrimão, destacava na luz: respirava fortemente, de ter corrido, toda corada, com o aspecto pittoresco e alegre, a boca vermelha, um pouco entre-aberta: os seus olhos vivos e negros luziam — e vinha d'ella uma sensação de frescura, de agilidade e de prados atravessados, entre o aroma dos lenos.

— Olhe que é uma mocetona, disse o conego, rindo.

O parochó desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, dizendo *boa noite*, com a sua voz velada, o olhar baixo. O conego, que vinha atraz, com a sua alegre plenitude, tomou o meio da escada, deante de Amelia:

— Então isto são horas!

Ella teve um risinho.

— Ora va-se encommendar a Deus, vá, e batteu-lhe no rosto docemente, com a sua mão grossa e polpuda.

E embrulhando-se na capa, saiu dizendo á creada, que erguia o candieiro sobre a escada da rua:

— Está bom, eu vejo. Não apanhes frio, rapariga. Então, ás oito, Amaro.... Esteja a pé. Vae-te, rapariga. Adeus. E descia pesadamente.

O parochó tinha fechado a porta do seu quarto: a roupa da cama estava entre-aberta, fresca, fria, alva, com um bom cheiro de linho lavado: por cima da cabeceira estava dependurada a gravura antiga d'um Christo Crucificado, d'um desenho ingenuo. Amaro abriu o seu breviario e ajoellou aos pés do leito n'um tapete desbotado, e persignou-se: mas estava fatigado, a pelle excitada da jornada, vinham-lhe grandes bocejos, e por cima, sobre o tecto, através das orações rituaes, sentia o *tic tic* das botinas d'Amelia e o ruido de saias engommadas, que se saccodem ao despir!

III

Amaro Vieira tinha nascido em Lisboa, em casa da sr.^a marquezia d'Alegros: seu pae era creado do marquez, tinha sido seu camarada nas campanhas de 33. A mãe era creada de quarto, quasi uma amiga da sr.^a marquezia. Amaro possuia um livro, o *Menino das Selvas*, com ingenuos desenhos coloridos, que tinha escripto na primeira pagina branca: — Á minha muito estimada Joanna Vieira, verdadeira amiga que sempre tem sido — Markezia d'Alegros. Tinha tambem uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas viam-se as suas sobranceiras cerradas, a boca larga sensualmente fendida, e o colorista dera á sua pelle um

tom trigueiro e ardente. O pae d'Amaro tinha morrido d'apoplexia, e a mãe, que era forte e sã, succumbiu d'ahi a um anno, a uma phthisica inoperada. Amaro tinha então 6 annos. Ficou em casa da sr.^a marquesa, que vivia um pouco isolada na sua quinta de Bemfica. Amaro tinha uma irmã de 12 annos, que desde pequena estava com a avó, em Coimbra.

A sr.^a marquesa ficara viuva aos 33 annos: modesta, passiva, com uma bondade indolente, voltára-se para as largas sensibilidades da religião: tinha capella em casa, recebia os padres de S. Luiz, e palpitava toda em interesse da egreja. Tinha duas filhas, que foi educando na devoção e nos apparatus da vida: eram beatas e com miudezas aristocraticas: fallavam da humildade e dos renunciamentos christãos, espartilhadas em vestidos preciosos e galantes. Um jornalista d'então dissera d'ellas: — Pensam todos os dias na *toilette* com que hão de entrar no pa-raiso.

No isolamento de Bemfica, n'aquella quinta de doces alamedas, altos teixos recortados e arvores aristocraticas, onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A religião e a caridade eram então occupações, interesses aproveitados: coziavam vestidos para os pobres da freguezia, bordavam frontaes para as egrejas pobres; voltavam-lhes escrupulos que tinham esquecido no inverno. Como não tinham as visitas finas, procuravam as convivencias dos padres: faziam uma accumulção piedosa de devoção para o inverno, como n'um celleiro provido. Liam então os livros beatos e doces. E Deus era o seu luxo de verão.

A sr.^a marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida ecclesiastica: a sua timida figura, amarellada e assustada, pedia aquelle destino recolhido. Tinha então 9 annos: era todo affeiçãoado ás cousas da capella; cheio de temor do inferno e dos quartos escuros — o seu encanto era estar aninhado ao pé de mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo fallar de padres, de santos e de festas de egreja. A sr.^a marquesa não o quiz mandar ao collegio: receiava a impiedade dos tempos, os contactos da rua, as camaradagens immoraes e as palavras impuras que se decoram. O capellão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a sr.^a D. Joanna, pessoa esguia e alta, de nariz adunco e peito chato, dava-lhe lições de francez e de geographia. Amaro não brincava; só á tarde é que acompanhava a sr.^a marquesa ás alamedas da quinta: ella ia pelo braço do padre *Lizet* e do respeitoso procurador Freitas. Amaro ao lado, caminhava debilmente, quieto, encolhido, torcendo com as suas mãos humidas o forro das algibeiras. Tinha-se assim tornado medroso e extremamente sensível. Dormia com lamparina ao pé d'uma creada velha; o contacto permanente de mulheres, os conchegos cheios de mimo, as longas orações obrigatorias, o abafado das alcovas, tinham-lhe debilitado o character. Além d'isso, as creadas feminisavam-n'o, vendo-o assim bonito, tinham-n'o no meio d'ellas, amolleciam-n'o com mimos, punham-n'o no collo, rindo, davam-lhe beijos, faziam-lhe cocegas, e elle rolava por entre as saias, em contacto com os corpos, ganindo baixo, com gritinhos. As vezes, quando a sr.^a marquesa saia, vestiam-n'o de mulher

entre grandes risadas: elle abandonava-se, com os seus modos indolentes e languidos, os olhos amortecidos, e uma roseta de febre nas faces. As creadas, além d'isso, utilisavam-n'o nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazias as queixas*. Tornou-se enredador, subtil, e disfarçado. Aos 11 annos era já um complemento do capellão, ajudava á missa, e aos sabbados limpava a capella. Fechava-se então por dentro, como n'um dominio glorioso: collocava os santos em plena luz, em cima de uma mesa: fallava-lhes, beijava-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; quando algumas imagens estavam sujas do pouso das moscas, elle com a ponta do lenço molhada em agoa, esfregava e polia os dourados. — Deus devia agradecer-lhe, pensava elle. Revolvía toda a capella, tirava a traça dos vestidos das santas, lustrava o sacrario, e com gesso e cre limpava as aureollas de prata; um dia fôra encontrado, pelo mordomo, abraçado a uma imagem da virgem, de aspecto sympathico, cobrindo-a de beijos. O mordomo rio muito. No entanto crescia e o seu aspecto era sempre miudo e amarellado; nunca dava uma larga e saudavel risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Ia para os quartos das creadas mecher nas saias, holir nas botinas. Cheirava os algodões postiços, cheirava os colletes. Já era um pouco corcovado, e o creado chamava-lhe já o *Padrêca*. Era guloso de doces, preguiçoso: custava de manhã a arrancal-o d'uma certa somnolencia doentia, em que estava amollecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro.

Mas de repente, uma manhã, a sr.^a marquezia morreu d'apoplexia. Deixava no seu testamento, para que Amaro, o filho da sua criada Joanna, entrasse aos quinze annos no seminario e se ordenasse. O padre *Lizet* ficava encarregado de realisar esta disposição piedosa. Amaro tinha então doze annos, e no entanto foi para casa do tio, que era um mercieiro, no bairro da Estrella.

As filhas da sr.^a marquezia, tinham deixado Bemfica, e estavam em Lisboa, em casa da sr.^a D. Barbara de Noronha, sua tia paterna. — O tio d'Amaro era um plebeu grosso e espesso. Era casado com a filha d'um empregado publico, que o aceitára para sahir da casa do pae, onde a vida era apertada, a mesa escassa, e ella tinha de fazer as camas. Mas detestava o marido, e durante todo o dia, sentada na sala, lia livros de versos, e nos jornaes as analyses dos theatros. O marido adorava-a como a cousa fina e superior da sua vida, a sua elevação e o seu luxo: dava-lhe vestidos e pedia-lhe um amor abundante. De modo que Amaro não encontrou ali o elemento feminino, em que estivera tepidamente envolvido. A tia quasi não reparava n'elle. O mercieiro appropriara-se então d'Amaro, como d'uma utilidade imprevista: tinha só um caixeiro e mandou Amaro para o balcão. Fazia-o erguer logo ás cinco horas da manhã: o rapaz tremia na sua jaqueta de panno azul, molhando á pressa o pão na chavena de caffè, ao canto da mesa da cosinha. A cada momento, lhe gritava asperamente. Dava-lhe com uma regoa pela cabeça. Deixavam-n'o andar com a mesma camisa quinze dias. Amaro emmagrecera, e todas as noites chorava.

Amaro sabia que aos quinze annos devia entrar no seminario: o tio todos os dias lh'ó lembrava:

—Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, não... Em tendo quinze, é para o seminario. Não tenho obrigação de carregar contigo, percebes?

E Amaro desejava o seminario, a vida ecclesiastica, como um libertamento. De resto, accostumara-se á idéa d'aquelle destino.

Nunca ninguém consultara as suas tendencias, os impulsos do seu temperamento. Impunham-lhe a sobrepele de padre, e a sua natureza passiva, facilmente dominavel e flexivel, accetava-a, indifferentemente, como accetaria a farda de soldado. Por que cada vez era mais inerte, e sem resistencia: tinha um ar de parasita, amollecido, todo curvado: e o que havia de mais vivo, no seu character, era uma certa astucia, e a subtilidade d'intrigas.

Além d'isso, não podia ser senão padre: o legado da sr.^a marqueza, que era todo o seu meio d'educação, determinara forçosamente aquelle estado. De resto, a vida ecclesiastica, agradava ao seu character passivo: não que tivesse os impulsos religiosos proprios d'uma natureza meditativa, e desde que sahira das devoções perpetuas da quinta de Bemfica, tomara os habitos dos tios, que não iam a egrejas, nem se ajoelhavam em rezas. Mas quando pensava em que seria padre, lembravam-lhe aquelles que tantas vezes vira em casa da sr.^a marqueza: eram pessoas brancas, bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, em porcellana, tomavam rapé em caixa d'ouro, e diziam docuras, e o estado de padre convinha-lhe então como uma profissão em que se dizem missas, se comem doces finos, e se falla baixo com as mulheres, vivendo entre ellas, cochichando, e sentindo-lhes o calor penetrante.

Um anno antes de entrar para o seminario, o tio fel-o ir a um mestre, para se affirmar mais no latim. Foi um anno mais repousado. O tio dispensava-o d'estar ao balcão, vendendo. E pela primeira vez, na sua existencia, lhe tinhão vindo grandes melancolias, e um certo impeto de vida. A sua hora triste era sobretudo ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro, ao jardim da Estrella. Era no seu quarto, que ficava em cima, na trapeira, com grandes traves negras, e um cheiro de ratos: uma janellinha, aberta n'um vão, sobre os telhados: encostava-se ahi olhando: anoitecia, e d'ali via parte da cidade baixa, que pouco e pouco se allumiava, de pontos de gaz: parecia-lhe receber, vindo de lá, um largo rumor indefinido: era a vida que não conhecia, e que julgava radiosa, com caffés abrasados de luz, e mulheres que saltam com um rumor de sedas do estribo dos cupés sob o peristillo dos theatros: perdia-se n'uma imaginação insondavel, em cujo vago se moviam, em attitudes vagarosas, fórmas, peitos femininos, e braços brancos.

Mas em baixo, na cosinha, a creada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga grossa, de encontros fortes e robusta. Amaro

gostava de entrar na cosinha, de a chamar, de a ver andar: então vinham-lhe outras impressões, desejos incoherentes, lembravam-lhe mulheres, que obsevava, nas viellas, á volta da escola, com saias engomadas e ruidozas, passeiando na rua, em cabello, com botinas cambadas: vinham-lhe da profundidade do seu temperamento, fadigas, preguiças, e como um desejo de abraçar alguém, de não se sentir só. A melancolia do seu quarto amargurava-o. Espreguiçava-se, julgava-se infeliz, e pensava em matar-se—Mas então o tio chamava-o de baixo:

—Então tu não estudas, mariola?

E d'ahi a pouco, sobre o *Tito-Livio*, cabeceando de somno, sentindo-se desgraçado, bocejando, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dicionario. E por esse tempo começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, por que não poderia casar. Já então as convivencias da escola tinham introduzido, na sua natureza inferior e effeminada, curiosidades e corrupções. As escondidas fumava cigarros. Emagrecia e estava mais amarello.

Entrou no seminario. E desde os primeiros dias, os longos corredores de pedra um pouco humidos, as lampadas funebres, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silencio regulamentado, o toque dos sinos, o abatimento passivo das phisionomias, deram-lhe uma tristeza, uma magoa insondavel. Mas teve logo intimidades. O seu rosto pallido, pensativo e fraco, agradou aos mocetões sanguineos e plebeus. Informavam-no dos habitos do seminario, das intrigas pequenas e canonicas, contavam-lhe as historias maliciosas dos mestres, e as melancolias da clausura. Eram então lamentações perpetuas: quasi todos fallavam com pena das existencias livres de que sahiam: as claras aldeas lavadas de sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, em quanto um vapor se exhala dos prados, e as ruas tortuosas e tranquilas no fundo das villas d'onde se namoram as visinhas: e todos tinham para contar aventuras do tempo em que estudavam latim. Por que o que mais affligia aquellas naturezas difficilmente domadas era a falta dos livres campos, das ruas, das liberdades da noite: e invejavam dolorosamente o almocreve que viam passar na estrada, tocando os seus machos, o carreiro que passava, cantarolando, ao aspero chiar de rodas, e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforge escuro. Tinham saudades dos jantares de familia, porque o refeitório era escasso e enjoava a monotonia do caldo d'hortalice, e desolava-os a falta de vinho.

Amaro não deixava cousas queridas: vinha da dureza hostil do tio, da fria loja lageada, do rosto infastiado da tia coberto de pó d'arroz: mas insensivelmente poz-se a ter saudades dos seus passeios aos domingos, do rumor das carruagens, da claridade do gaz, e das voltas da escola, com os livros n'uma correa, quando parava encostado á vitrina das lojas contemplando a nudez das bonecas. Lentamente, porém, com a sua natureza incaracteristica, foi-se amoldando ás lentas melancolias d'aquella existencia. Estudava com uma regularidade trivial e mediocre, fazia com uma

atenção machinal os serviços ecclesiasticos: a regra seminarista dobrara-o e vincara-o, como um papel inerte: era regular e banal: a sua obediencia era apreciada e tinha boas notas.

Era sobretudo lymphatico.

Todavia elle sentia, nas grandes conversas, ás horas de recreio, no quarto ou no pateo, grandes desejos rugirem baixo. Às vezes, na intimidade dos quartos, cada um mostrava a sua ambição, como uma arma prohibida: uns queriam ser caudatarios d'um bispo, e nas altas salas dos paços episcopaes erguer os reposteiros de velho damasco: outros desejavam viver nas cidades, depois de ordenados, servir uma egreja aristocratica, e deante de devotas ricas, que se accumulam no *fru-fru* da seda, cantar com voz sonora: outros, modestos, queriam apenas uma parochia na aldeia, uma mesa farta com Perú, e uma creada gorda. Muitos, porém, sonhavam destinos fóra da egreja: os sanguineos e os vaidosos queriam ser militares, e arrastar nas ruas lageadas o *tlín-tlín* d'um sabre: aquelles queriam a farta vida da lavoura, e desde a madrugada, com um chapéu desabado, bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens, nas largas eiras batidas do sol, apear á porta das adegas. E todos, ou desejando o sacerdocio, ou preferindo os destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminario, para comer bem, ganhar dinheiro e gosar. Amaro não desejava nada.

—Eu nem sei, dizia elle. No entretanto certas conversas perturbavam-no: por que alguns mais nervosos, quando fallavam muito tempo nas alegrias da vida livre, exaltavam-se, faziam planos, fallavam em fugir; calculavam a altura das janellas: anteviam as peripecias da aventura: seria de noite; tomariam os negros caminhos apertados, entre silvados; entrariam nas cidades, iriam logo beber e rolar-se no misterio dos bairros escusos. Então Amaro sentia aspirações indifinidas: sobre o catre revolviam-se sem dormir, e persignava-se. Tinha então 20 annos. Na sua cella havia uma imagem da Virgem, que, coroada de estrellas, pousada sobre a esphera, com o olhar errante na luz immortal, calcava aos pés a serpente.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas do domingo, o mestre de Historia Sagrada, fallar-lhe com a sua voz roufenha, do peccado, comparal-o á serpente, e com palavras umctuosas, gestos arqueados, deixando cahir vagarosamente a pompa meliflua dos seus periodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem a *serpente ominosa*.

Mas Amaro sentia debaixo dos seus pés fracos, que a serpente inchava, crescia, arqueava-se, e sentia elevar-se-lhe no dorso e pertencer-lhe todo. E, ás vezes, vendo os louros cabellos da Imagem, e o seu rosto captivante como uma claridade, sentia-se possuido d'um vago amor phisico, e acariciava o vidro do quadro com os dedos tremulos.

O seu mestre de theologia mistica, fallava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza*; e um dia, citando S. João de Damasco, e S. João Crisologo, S. Cypriano e S. Jeronymo, explicava os anathemas dos santos contra a mulher, a quem chamava, segundo as expressões mis-

ticas, serpente, dardo, filha da mentira, porta do inferno, cabeça do crime, escorpião...

—E, como diz o nosso padre S. Jeronymo,—assoava-se estrondosamente,—caminho de iniquidades: *iniquitatis via*.

E era então que Amaro mais pensava no peccado. Debalde a regra do Seminario pesava, para vencer a Natureza immoral. Os estudos trabalhosos, o decorar monotonico, as perpetuas rezas, os jejuns, as penitencias, as vigilancias tyrannicas emagreciam e domavam o corpo; mas dentro os desejos luziam como brazas; a propria fraqueza, a falta de sono, a insuficiencia de alimento, davam uma vaga febre, um estontecamento incoherente ás imaginações, uma subtilidade de vontade, e suspiros incessantes.

De resto, elle via em redor, nos seminaristas, a rebellião da natureza; a maior parte vinha da aldeia: eram fortes, sanguineos, plebeus, e os seus pulsos trigueiros e grossos andavam arrocheados nos punhos das camisas; quando estavam sós nos quartos, os seus desejos eram fazer forças, dilatar o temperamento, dar liberdade á vida muscular. Luctavam, arremessando-se sobre as camas, soffucando gritos de alegria; diziam obscenidades, abraçavam-se furiosamente e provocavam desordens. A severidade do regimen impellia aos pequenos vicios: jogavam com um velho baralho ensebado e gasto, que estava escondido sob a peanha d'um santo; alcançavam depois de intrigas demoradas, meio quartilho de vinho, e muitos, por intermedio do marido da lavadeira, arranjavam cigarros, escondiam-nos sob o colção, e fumavam no silencio da noite, chupando o papel deliciosamente, orgulhosos da aventura.

Alguns estavam quebrados pela regra, tinham-se resignado, estudavam cuidadosamente, tomavam notas, no silencio da alta livraria. Tinha a espinha curvada, tomavam já rapé, eram pallidos e hypocritas. Outros succumbiam á vida anti-natural: estavam phthisicos. Um aspecto vicioso amarellava as phisionomias; todos tinham os olhos pisados, as mãos sempre humidas, as batinas com nodoas. Uma porcaria habitual relaxava a dignidade. Cheiros infectos condensavam-se nos corredores. E poucos havia que em segredo não amassem a lavadeira, uma pessoa de 50 annos, grossa e musculosa, que era a unica mulher que ás vezes entreviam, na sachristia, quando dava ao rol as sobrepelizes: e os seus pesados tamancos soavam nas lages que cobriam as campas.

Amaro ordenou-se pelas temporas de S. Matheus, e pouco tempo depois recebeu, ainda no Seminario, esta carta do sr. padre Luct:

«Meu querido filho e novo collega:

«Agora que está ordenado, entendo em minha consciencia que devo dar-lhe conta do estado dos seus negocios, pois quero cumprir até ao fim, o encargo, com que carregou os meus hombros debeis a nossa chorada marquezia, attribuindo-me a honra de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco devam importar a

uma alma votada ao sacerdócio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho, que tão novo conheci, que o legado da querida marqueza, — para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna — está inteiramente exausto. Aproveito esta ocasião para lhe dizer, que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabelecimento, se entregou a um caminho, que o respeito me impede de qualificar: cahiu sob o imperio das paixões; tendo-se ligado illegitimamente, vio os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hospedes, na rua dos Calafates. Se toco n'estas impurezas, tão improprias de que um tenro levita, como o meu querido filho, tenha d'ellas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitavel familia. Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o oiro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circumstancias, que o meu querido filho esteja de posse d'este facto. Do que me escreveu o nosso querido Reitor a respeito de o mandarmos para a freguezia de Feixão na Gralheira, vou fallar com algumas pessoas importantes, que tem a extrema bondade de attender um pobre padre que só pede a Deus misericórdia. Espero todavia conseguir. Persevere, meu querido filho, nos caminhos da virtude de que sei que a sua boa alma está repleta e creia que se encontra a felicidade n'este nosso santo ministerio, quando sabemos comprehender quantos são os balsamos que derrama no peito, e quantos os refrigerios que dá o serviço de Deus. Adeus meu querido filho e novo collega. Creia que sempre o meu pensamento estava com o pupillo da nossa chorada marqueza, que decerto do céo, onde a elevaram as suas virtudes, supplica á Virgem, que ella tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupillo.

«O appellido do marido de sua irmã é Trigoso. — *Lizet.*»

Dous mezes depois Amaro foi nomeado e confirmado parochio de Feirão, na Gralheira, que é uma serra da Beira-Alta. Esteve ali desde outubro até abril do outro anno.

Feirão é uma parochia pobre, de pastores, e n'aquelle tempo quasi deshabitada. De modo que Amaro passou aquelle tempo inutilisado, quasi ocioso, ruminando o seu tedio á lareira, ouvindo fóra o inverno bramar e roncar na serra. Pela primavera, vagaram nos districtos de Santarem e de Leiria parochias populosas, com boas congruas, em bonitas villas. Amaro escreveu á irmã, contando a sua pobreza em Feirão, e ella mandou-lhe, com recommendações de economia, doze moedas, para vir a Lisboa requerer. Amaro sahio de Feirão: o seu ser moral nada ganhara com aquelle salutar e duro isolamento da serra; sómente os ares lavados e vivos, a influencia dos pinheirões, tinham-lhe fortificado o sangue, e voltava mais robusto e musculoso, sem a pallidez doentia, sem as espinhas carnaes, os suores e os seus cansaços.

Em Lisboa, foi logo á rua dos Calafates, a casa da tia: achou-a velha, com vestido negro escoado, uma cuia pendente, e sempre, com

a pelle engilhada coberta de pó d'arroz. Tinha-se dado á devoção e á frequentação das Igrejas: e foi com uma alegria piedosa que abriu seus magros braços a Amaro.

—Como está bonito! dizia ella, e padre!

E admirava-lhe a batina, a corôa aberta, e a compustura ecclesiastica. E com phrases sobre a salvação e sobre os negocios da casa, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

—Está aqui como um abbade; disse-lhe ella.

Amaro procurou logo o padre *Lizet*, em S. Luiz. Tinha ido para França. Então lembrou-se da filha mais nova da sr.^a marquesa d'Alegros, a sr.^a D. Joanna. Estava casada com o conde de Riba-mar, que era par e tinha uma influencia segura: fôra regenerador desde 51; não tinha accitado, na ultima organização, o ministerio dos estrangeiros, mas a sua authoridade politica dominava.

Por conselhos da tia, Amaro logo que metheu o seu requerimento, foi n'uma manhã a casa da sr.^a condessa de Riba-mar, em Buenos-Ayres. A' porta um *coupé* esperava.

—A sr.^a condessa vae sahir;—disse um creado de gravata branca e quinzena d'alpaca, que estava á porta com um cesto na mão, e de cigarro na bocca.

N'este momento, d'uma porta de batentes de baeta verde, que havia sobre um degrau de pedra, ao fundo do pateo lageado, uma senhora sahiu, vestida de claro. Era alta e magra, loira, com pequeninos cabellos frisados sobre a testa, o rosto secco, o nariz comprido e agudo, com lunetas de ouro, e no queixo um signalsinho de cabellos claros.

—A sr.^a condessa já me não conhece, disse Amaro com o chapéo na mão, curvando-se. E depois d'um silencio:—sou o Amaro.

—O Amaro?—disse ella, como estranha ao nome.—Ah, bom Jesus, quem elle é! Ora não ha! Está um homem. Ora, ora! Ha que tempos....

Amaro sorria-se com os seus dentes brancos.

—Quem podia esperar!?—continuou ella, admirada. E está agora em Lisboa?

Amaro, contou a sua nomeação para Feirão, a pobreza da terra...

—De maneira que vim requerer.

Ella escutava-o, com as mãos apoiadas n'uma umbella de cabo alto; e Amaro sentia vir d'aquella loira e magra condessa, um perfume de pó d'arroz, uma frescura de seda e cambraia, e ainda uma sensação aromatica que não comprehendia.

—Pois deixe estar, disse ella. Meu marido ha de fallar. Eu me encarrego d'isso. Venha por cá.—E com o dedo sobre o canto da bocca:—Olhe, amanhã vou para fóra. Domingo... não, o melhor é d'aqui a quinze dias: d'aqui a quinze dias, sim, pela manhã. Sou certa.

E rindo, com os seus dentes frescos e um aspecto claro e aloirado em toda a sua pessoa:—Parece que o estou a vér a traduzir Chateaubriand com a mana Luiza. Oh! que tempos...

—Passa bem, a senhora sua mana?

—Sim, bem. Está n'uma quinta em Santarem.

—Então domingo, sim?

E estendeu-lhe a mão calçada de *peau de suède* esverdeada com um aperto saccudido, e os seus braceletes tilintaram finamente. E Amaro viu-a saltar para o *coupé*, magra e ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias.

Amaro então começou a esperar. Era no pleno calor. Os seus dias eram enfastiados e longos. Dizia missa em S. Domingos; depois, em casa, de chinellas e casaco de ganga, arrastava a sua occiosidade pelo quarto, e pelo canapé da sala de jantar: as janellas estavam cerradas, o chão regado, e na penumbra zumbia o monotono burburinho das moscas. Fôra o sol pesava; o *mac-adam* estava cheio de pó, e uma seccura adstringia a pelle.

Ao anoitecer sahia, passava vagamente pelo Rocio. As noites estavam abafadas; havia multidão, e a cada esquina se apregoava agoa fresca. As luzes dos cafés estendiam-se em barras luminosas sobre as lages dos passeios; as carruagens vãs giravam vagarosamente; as vitrinas das lojas reluziam em roda da praça. Famílias tranquillias, em cabello, passeiavam a sua calma, e pelos bancos, velhos rutineiros dormitavam apoiados aos castões das bengallas: vadios esfarrapados, encostados às costas dos bancos e de perna estendida dormiam a somno solto. A cada momento Amaro sentia-se roçado pelas saias engomadas e ruidosas de mulheres que passavam com attitude provocante, offerecendo-se brutalmente.

Amaro sentia-se isolado n'aquella vida; a athmosphera quente dava-lhe preguiças; e ia para casa enfastiado, sentindo-se profundamente só, cansado, com vontade de suspirar; assaltavam-n'o ambições confusas, incoherentes, em que havia o dezejo de ser bispo, e passar abençoando a cidade, ao trote de suas mulas, e de levar comsigo, para longe, para alegrias profundas, uma d'aquellas mulheres que passavam balanceando a sua cauda ondeada.

No fim de quinze dias, foi a casa da sr.^a Condessa.

—Não está, disse-lhe um creado da cavalhariça.

No outro dia voltou, com uma certa palpação de susto, d'embaraço: vio o pateo deserto: a carroça da agua estava a um canto, com os varaes arrimados ao chão: e do lado, d'uma pequena porta azul serrada, sahia uma voz grossa, que resmungava tossindo. Mas os batentes verdes estavam abertos e Amaro subio de vagar, pisando, um pouco tremulo, um largo tapete vermelho, fixado com varões de metal: d'uma alta clara-boia cahia uma luz branca: no patamar, sentado n'uma banquetta de marroquim escarlata, um creado, todo encostado á parede branca envernizada, com a cabeça pendente, o labio descabido, e o aspecto espesso, dormia. Fazia um grande calor, e aquelle alto silencio aristocratico aterrava Amaro. Esteve um momento, com o seu guarda-sol pendente do dedo minimo, hesitando: mas decidio-se a erguer um reposteiro, que na frente da es-

cada pendia todo corrido e vio apenas, na penumbra das janellas fechadas, uma sala pesada e molle de estoffo, onde um espelho relusia vagamente, e na sombra, os pingentes de cristal do lustre tinham juntos claridades luminosas. Amaro embaraçado tossia de vagarinho e sentia em suor a raiz dos cabellos. Esteve para descer. Mas o seu interesse dominava-o: quiz acordar o creado, que dormia espapado na sua preguiça, e que lhe parecia terrivel com a sua suissa preta, e o grillão d'ouro. Mas então ouviu por detraz d'um reposteiro lateral, o riso grosso d'um homem. Saccudio com o lenço, devagar, o pó esbranquiçado dos sapatos, puxou os punhos, e entrou resolutamente. Era uma pequena saleta com o chão coberto d'oleado, tamboretos de marroquim, e cabides de metal que relusiam em roda fixados em travessas envernizadas: na sala seguinte, destacavam na grande luz d'uma varanda, tres homens de pé: e Amaro via através da cortina de seda amarella, e das figuras vestidas d'escuro, em relevo, arvores de jardim n'uma luz clara e fresca. Amaro adiantou-se, um pouco curvado.

— Não sei se encommodo... disse elle.

Um homem alto voltou-se, com o charuto um pouco erguido sob o seu bigode grisalho e farto, com oculos d'ouro, e as mãos nos bolsos: era o sr. conde.

— Sou o Amaro.

— Ah, disse o outro, o sr. Padre Amaro. Tem a bondade. Minha mulher fallou-me. Tem a bondade...

E dirigindo-se a um homem baixo e grosso, quasi calvo, de bigode e pera aguçada, e de calças brancas curtas, com joelheiras:

— E' a pessoa de quem fallei:— e voltando-se para Amaro — é o sr. ministro. Amaro assombrado curvou-se, raspando o tapete com o pé, todo toско.

— O sr. Padre Amaro, disse o Conde de Riba-Mar, foi creado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

— Saiba V. Ex.^a que sim, disse Amaro, que estava de pé, um pouco afastado, com o guarda-sol na mão.

— Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora, — já não ha d'isso! — fel-o padre. — Houve até um legado, creio eu... Em fim aqui o temos parochio de... onde é?...

— Feirão, Excellentissimo Senhor.

— Feirão?!... disse o ministro, estranhando.

— Na serra da Gralheira, disse o outro homem, que ali estava, que era um sujeito hirtto, entalado n'um collarinho alto, com uma gravatinha de seda, e os seus cabellos lustrosos, abundantes, apartados n'uma risca até á nuca, cobrindo as fontes com dois bandós.

— Em fim, resumio o Conde, um horror! Na serra, pobre, sem distracções.

— Bem, bem, disse o Ministro.

— Eu metto já requerimento, meu senhor, arriscou Amaro timidamente.

— Bem, bem, afirmou o Ministro. Ila de arranjar-se.—E mascava o seu charuto.

— É uma justiça. E mais é uma necessidade. Os homens novos, activos, devem estar nas parochias difficeis, nas cidades... Mas não, olhe lá, ao pé de minha quinta, em Alcobaça, ha um velho, gotoso, um padre mestre antigo... Assim, perde-se a fé, dizia encolhendo os hombros.

— Perdão, dizia o Ministro—mas essas collocações, nas boas parochias são recompensas de bons serviços. É necesario o estímulo.—O homem de suissas espessas, tinha um gesto contraditivo:—Não acha? disse o Ministro.

— Respeito muito a opinião de V. Ex.^a, mas se me permite... Sim, digo eu, os parochos, olhe que na cidade são-nos d'um grande serviço nas crises eleitoraes.

— Pois sim... mas...

— Olhe V. Ex.^a, continuava elle, com grandes gestos, soffrego da palavra:— Olhe V. Ex.^a em Thomar: Por que perdemos? Pela indolencia dos parochos. Nada mais.

O conde acudio:

— Mas, perdão—não deve ser assim: a religião, o clero, não é agente eleitoral.

— Perdão... queria interromper o homem das suissas espessas.

O Conde teve um gesto:

— A religião, pode, deve mesmo, auxiliar os governos, no seu estabelecimento, operando, por assim dizer como freio...

— Justamente, justamente, murmurou o Ministro.

— Mas descer ás intrigas, aos *embroglios*, perdoe-me meu caro amigo, mas não é d'um christão.

— Pois sou-o, sr. Conde, disse gravemente o homem das suissas espessas. Mas tambem sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim digo eu... com as garantias...

— Olhe, disse o Ministro, sabe o que isso faz?—desacredita o clero e desacredita a politica.

— Mas são ou não as maiorias um principio sagrado... gritava rubro, o de suissas espessas.

— E' um principio respeitavel.

— Upa! upa! Ex.^{mo} Senhor.

O padre Amaro estava immovel, escutando.

— Minha mulher hade querer vel-o, disse-lhe o conde,—e dirigindo-se a um reposteiro, que levantou:—Entre.—E' o sr. Padre Amaro, Joanna.

Amaro entrou com o seu guarda sol. Era uma sala pequena toda estofada de casimira branca. Apenas o tapete, branco tambem, tinha espalhadas folhas d'um verde pallido: as janellas de peitoril, estavam cerradas, e as cortinas de pregas largas, apanhadas quasi junto do chão por largas fachas de seda branca, cujas pontas franjadas recahiam no tapete. Aos cantos dos vãos arbustos delgados, sem flor, erguiam ai-

rosamente, a sua folhagem fina. Os assentos das poltronas, das pequenas cadeiras de costas envernizadas de branco, arqueavam a sua saliência elastica e doce. Aos lados de dous espelhos ovaes venesianos, com fina moldura de prata, serpentinas d'um relevo antigo em prata, tambem sustentavam vellas de cera fina. Do tecto pendia suspenso por uma fina corrente d'aço, um globo fusco: uma meia luz fresca amaciava os aspectos: havia um aroma subtil: e nas costas d'uma cadeira uma arara, empoleirada, firme n'um pé negro e engilhado, coçava vagarosamente, com as contracções aduncas, a sua cabeça verde.—Amaro vio ao fundo a condessa, sentada com abandono ao canto d'um sophá, e os seus vestidos alargados em roda, como um leque mal aberto: os cabellinhos loiros e frisados enchiam-lhe vaporosamente a testa e os aros d'ouro da sua luneta relusiam. Um rapaz gordo, de face vermelha e rochumchuda, com um buço castanho, sentado quasi deante d'ella n'uma cadeira baixa, fallava-lhe curvado com os cotovellos sobre os joelhos abertos, fazendo balançar, entre elles, como um pendulo, uma luneta de tartaruga. Estava vestido d'azul. A condessa escutava-o, e ao pé tinha uma cadelinha felpuda, toda aninhada, e sob o espesso pello das suas largas orelhas pendentes, via-se um focinho rosado. A Sr.^a Condessa, acamava-lhe o pello com a sua mão seca e fina, cheia de veias, que sahia d'um punho todo fofo de frescura de rendas.

—Como está sr. Amaro?—A cadella rosnou.—Quieta Reina! Sabe que já fallei no seu negocio. Quieta Reina!—O ministro está ali.—

—Vi, vi, disse Amaro de pé.

—Sente-se aqui.

Amaro ia sentar-se:—mas ergueu-se logo, com uma cortesia apresada: junto do piano, uma senhora, fallava de pé, com um rapaz loiro, que estava sentado no mocho de casimira branca.

—Então que tem feito, sr. Amaro?—disse a Condessa—diga-me uma cousa: sua irmã?

—Está em Coimbra, casou.

—Ah! disse a condessa, toda abandonada á elasticidade do soffá, fazendo girar os seus anneis.

—Houve um silencio.—Amaro, com o guarda-sol entre os joelhos tinha os olhos baixos, e passava com um gesto embaraçado e errante os dedos pelos beijos.

—O sr. Padre Lizet, está para fóra, disse elle.

—Foi para Nantes. Tinha uma irmã a morrer.—Está o mesmo sempre: muito amavel, muito doce, é a alma mais virtuosa...

—Eu prefiro muito o padre Felix, disse o rapaz rochumchudo, esticando as pernas, encavallando a luneta.

—Não diga isso, primo! Jesus, brada aos céus! Pois então, o padre Lizet, tão respeitavel...

—Ah sim...

—E depois outras maneiras...

—Bem...

—E então um modo de dizer as cousas... com uma bondade... Vê-

se que é um coração tão bom... E com aquelle accio, umas mãos tão brancas...

—Sim, mas...

—Ai nem diga isso! Que o padre Felix é uma pessoa de muita virtude. Mas o padre Lizet... tem uma religião mais... E com um gesto delicado, procurava a palavra: — mais fina, mais... Em fim: vive com gente. — E voltando-se para Amaro: — Pois não acha?

Amaro, não conhecia o padre Felix: pouco se recordava das convívencias de Bemfica e da figura do padre Lizet.

— Já é velho, disse elle.

— Crê? disse a Condessa. Mas muito bem conservado! Uns cabellos brancos muito bem tratados. — E voltando-se para a senhora, que estava junto do piano: — Pois não achas Theresa?

— Já vae, respondeu ella.

Era uma pessoa alta, e de perfil, a linha soberba, do collo, do seio, e do vestido era voluptuosa e magnifica: os cabellos pretos um pouco ondeados destacavam sobre a pallidez do rosto aquilino, que tinha um desenho um pouco borbonico, e se assemelhava ao perfil dominador que tem, nas gravuras antigas, o rosto real de *Marie Antoinette*: o seu pescoço, forte, cheio, redondo, tinha tons lacteos, e uma carnação firme e macia. O vestido de seda preta tinha um decote quadrado; e o collo e os braços, estavam cobertos por uma gaze transparente e negra, e a brancura da carne apparecia através, como um torneado de marmore, e um aspecto captivante. Amaro, absorto, direito, com o seu guarda-sol entre os joelhos, os pés debaixo da cadeira, humilhado, com um suor á raiz dos cabellos, sentia como um zumbido d'abelhas, vagamente um desejo de tocar com a ponta do dedo n'aquelles braços brancos e de lhes sentir a elasticidade, — e pensava como seria um encanto celeste ouvir-a de confissão rojada e exhalando aromas.

Ella fallava de vagar, baixo, sorrindo, n'uma lingua aspera que Amaro não comprehendia, com o seu leque preto, fechado, que movia: — e o rapaz loiro que a escutava, sentado, com os olhos erguidos para ella, uma das mãos esquecidas no teclado de marfim do piano, attento, risonho, dizia só, de vez em quando, como machinalmente:

— Yes, Yes.

Era loiro, e o cabelo apartado ao meio tinha um anellado lustroso: no seu perfil direito, um pouco feminino mas serio, destacava um bigode loiro, fino, arqueado: um alto colarinho branco, quebrava-se adiante, e uma gravata larga de setim escuro dava gravidade á sua phisionomia: parecia airoso, apertado na sua sobre-casaca azul, com um bolso sobre o peito, d'onde sahia a ponta d'um lenço de seda com barra escarlate.

— Havia muita devoção na sua parochia, senhor Amaro? — disse no entanto a Condessa.

— Muita. Boa gente...

— E aonde ainda se encontra muita fé, é nas aldeas. — E lamentava

a vida da cidade, os captiveiros do luxo; desejava viver sempre na sua quinta de Bemfica resar na pequena capella antiga...

O rapaz rochumchudo disse preferir as ricas egrejas. Citava Paris, a Madeleine e St. Roch. Não podia supportar uma festa ecclesiastica, sem boas vozes.

— Sempre é mais bonito, disse Amaro.

E então a Condessa fallava da senhora que cantara na semana santa na festa da paixão.

— A Ribeiro: tem boa voz, mas mal educada.

— Lembra-se d'aquelle tener... Ora!? Vidalti, é verdade: lembra-se do Vidalti, na quinta-feira d'Endoenças nos Inglesinhos? O *tantum-ergo*?

— Eu preferia-o no *Baile de Mascaras*.

— Olhe que não sei, prima, olhe que não sei.

No entanto o rapaz loiro erguera-se: e de pé, alto, com o seu olhar escuro e um pouco triste, os punhos da camisa, brancos, lustrosos, cahindo sobre luvas claras, apparecia a Amaro como um typo superior de existencia, onde abrasam as vehemencias do amor e se anda triste no fundo dos *coupés*, sobre a areia dos parques. — Elle veio apertar a mão á Condessa, todo curvado, com palavras risenhas que lhe dizia, e sahia com o seu andar airoso, quando já ao pé da porta, lhe cahio uma luva. Amaro esgheu-se precipitadamente, quasi correndo, e deu-lh'a com corteias de creado. Elle sorriu, agradeceu, e quando Amaro se voltou vio Theresa de pé, que olhava para elle com agrado, como agradecendo. Amaro tornou a sentar-se então e viu-a aproximar-se vagarosamente da janella, bulir na folhagem dos arbustos como indifferente, e quando na rua um *coupé* rodou ligeiramente no *macadam*, Amaro vio-a olhar para a rua, — por entre as portas cerradas da janella, — com um longo olhar negro e vehemente que seguia, e sorrindo tinha appiado os labios no seu leque fechado. Depois arrancou um raminho que enrolou nos dedos, e veio sentar-se n'uma *causeuse*, com um abandono que punha em relevo os contornos esculpturaes, e um peso magnifico de corpo, dizendo preguiçosamente:

— Vamo-nos João?

Este, o rapaz rochumchudo, voltou-se:

— Vamos já filha — e continuou a fallar á Condessa, contando uma historia de cartas perdidas, e a cada momento voltavam nomes titulares:

— De maneira que o barão fez-lhe uma scena. Imagine lá!

A Condessa voltou-se para Theresa:

— Sabes que o sr. Padre Amaro foi quasi creado commigo em Bemfica?

Amaro fez-se vermelho. Sentia que aquella magnifica pessoa vestida de preto, Theresa, pousava sobre elle os seus bellos olhos peninsulares d'um negro humido e triste, como setim preto coberto d'agua.

— Está na provincia agora? disse ella.

— Sim minha senhora: vim ha dias.

— E na aldeia? continuou abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque, toda deitada, a cabeça inclinada sobre o peito.

—E na serra! disse elle.

—Imagina tu disse a Condessa, ha sempre neve: diz que a igreja não tem telhado. Uma desgraça!—Eu pedi ao Correia. Pede-lhe tu tambem.

—O que?

E então a Condessa contou que Amaro requerera, que havia boas parochias vagas, fallando de sua mãe, da amizade que ella tinha a Amaro:

—Morria-se por elle.—Amaro corava.—Ora um nome que ella lhe dava!... Era.... Não se lembra?...

—Não sei, minha senhora, disse Amaro surprehendido.

—Ora...! Ah! Frei *Malteas*... Tem graça! como elle era assim amarello, sempre mettido na capella...

—Bons tempos! disse elle.

—Diga-me uma cousa sr. Amaro, disse Thereza, com a sua voz indolente e abstraida, movendo lentamente o leque.

Amaro curvou-se para ella.

—Pois olhe passou-me... Não me lembra...

A condessa, no entanto, insistia.

—Logo pedes ao Correia—sim?

Thereza inclinou-se, e erguendo a voz para a outra sala:

—Oh Sr. Correia!

—Chut! disse a Condessa. —Logo. Parece combinação, credo! e abaixando a voz rindo:—Tinha muita graça dizer-lhe que o sr. Amaro é o confessor agora de Luiza.

O rapaz das bochechas rochumchudas deu uma risada aguda.

—Então elle...

—Sempre, disse a Condessa rindo: e Luiza tambem, sempre fallando na sua alma, na salvação, no inferno, no temor de Deus...

Thereza encolheu os hombros.

—De modo que o pobre Correa, n'outro dia, em Cintra, pergunta-me, muito serio: quem é o confessor d'esta senhora?

—Isso tinha immensa graça dizer que era o Sr. Amaro!

—Valeu, disse Thereza rindo. Oh sr. Correa!

—Chut, disse a Condessa erguendo-se. Oh doida!

—Mas então a Luiza?... dizia o rapaz rochumchudo.

—Mas tambem, elle é doido! Uma pobre creatura, toda dada aos seus santos... Ella dizia-me n'outro dia: Elle é sympathico...

O rapaz rochumchudo, torceu-se de riso.

A Condessa, tinha o lenço na boca abafando a alegria.

—Mas as penas do purgatorio...

—Ella disse lá isso! atalhou Thereza, scandalisada.

—Assim eu tenha a salvação Thereza! Foi até em S. Luiz, depois da missa. Ora não sabes como ella é!

—Vá, vá, oh Thereza, dize ao Correa, que este senhor é que é o confessor de Luiza.

—Calla-te lá, disse Theresa enfasiada.

—Não, não, disse a Condessa seria.

Houve um pequeno silencio.

—Ah! disse Thereza. E voltando-se para a Condessa: —Sabes com quem se parece este senhor?

A Condessa afirmou-se: e o rapaz rochumchudo fincou mais a luneta.

—Não se parece com aquelle pianista do anno passado, — continuou Theresa, — ora não me lembra o nome...

—Bem sei, disse a Condessa. Mas... no cabello, por exemplo, não.

—Está visto disse Thereza, o outro não tinha coroa. E ergueu-se com o seu andar sereno e onduloso.

Amaro ficou humilhado e succumbido.

Thereza tinha-se sentado ao piano.

—O Senhor sabe musica? disse ella a Amaro.

—A gente aprende no seminario.

Ella correu a mão pallida, sobre o teclado, sonoro e profundo. Amaro pareceu-lhe ouvir um órgão santo. Ella tocava aquella phrase do *Rigoletto* que tem o desenho do *Minuete de Mozart*, — phrase que diz Francisco I, n'um compasso triste, despedindo-se, no sarau do 1.º acto, da Sr.^a de Crecy, — e cujo rithmo desolado tem a abandonada tristeza dos amores que findam, saudades d'adulterics, e é cadente e expirante, como brancos braços que se desençam nas despedidas supremas.

Amaro estava suspenso. Aquelles estoffos brancos, o piano apaixonado d'uma tristeza aristocratica e adultera; os hombros de Thereza que elle via sob a negra transparencia da gaze firmes e pallidos, as suas grandes tranças, que deviam ser ao contacto pesadas e deliciosas, punham nos seus nervos um contentamento indifinivel, constringido e doce; e era como o mendigo, que um dia prova um creme fino, e está assustado, demorando o prazer, todo perturbado do cheiro da baunilha, e pensando que vae voltar á duresa das codeas seccas e á poeira dos caminhos. E no entanto as notas do piano, desciam devagarinho, com uma melodia expirante, como um peito amoroso que desmaia.

—Bravo! bravo! disse o ministro da justiça apparecendo á porta, com o seu chapéu na mão: Muito bem, muito bem, deliciosamente!

—Tenho um pedido a fazer-lhe sr. Correia, disse Theresa erguendo-se e vindo sentar-se na *causeuse*. — Sente-se aqui.

O ministro veio, com uma pressa galante.

—O que é então minha senhora?

O conde e o sujeito empertigado de suissas espessas, tinham entrado tambem.

—A Joanna e eu temos que lhe pedir, disse Theresa.

—Eu já pedi, disse a condessa.

—Mas minhas senhoras, disse o ministro, amplamente sentado, com as pernas um pouco separadas, a aba do chapéu apoiada sobre um joelho: — E então uma cousa grave? Mas obedeco, meu Deus!

—Bem, disse Theresa, fazendo com a mão um gesto de pausa. Qual é o melhor logar vago?

- A melhor parochia, tonta, accudiu rindo a condessa.
- Ah! é... disse o ministro olhando para Amaro que se curvou todo vermelho.
- Qual é a melhor, sr. Correia?
- O homem de suissas espessas que estava de pé, fazendo saltar circumspectamente os berloques, adiantou-se:
- Das vagas minha senhora é Leiria, capital do districto, e sede do bispado, minha senhora...
- Leiria? disse Thereza. É onde ha umas ruinas?
- Um castello, minha senhora, edificado por D. Diniz, disse gravemente o homem das suissas espessas.
- Justamente, disse a condessa, Leiria e muito bom.
- Quer? disse Theresa a Amaro.
- Eu, minha senhora?... e olhava anciosamente com medo para o ministro.
- Mas perdão, minha senhora, disse o ministro, Leiria, sede do bispado, uma cidade... Este senhor é tão novo...
- Ora sr. Corrêa, disse Theresa com um risinho sonoro e metallico; e o sr. não é novo?
- Dize alguma coisa, tu, disse a condessa a seu marido que ria.
- Eu digo que o sr. Corrêa está vencido. A prima Theresa chamou-lhe novo.
- Ah! sr. Corrêa, chamaram-lhe novo, disse a condessa.
- Sr. Corrêa, disse o rapaz rechunchado, com um riso agudo e ridiculo, chamou-lhe novo Theresa.
- Mas perdão, disse o ministro, eu não sou, assim, tambem antigo.
- Oh desgraçado, gritou o Conde, lembra-te que já conspiravas em 1846.
- O que!? disse elle com um aspecto de contradicção.
- Deixe lá, sr. Corrêa: É novo, é um rapaz. Mas ha de fazer-me isto.
- Mas minha senhora, eu tinha promettido ao Coelho a freguezia...
- E então? disse Theresa, crusando os braços.
- Perdão, bem sei... Mas emfim...
- Sr. Corrêa, disse a condessa, eu por mim já chamo ao sr. padre Amaro, o sr. Amaro, parcho de Leiria.
- Bem, succumbo; disse o ministro com gesto resignado. E a confirmação?
- Hein, o que? disse a condessa.
- Ah! lá por isso... eu arranjo: o chantre de Leiria, que está com o bispado, é meu amigo, um bom rapaz, o Valladares.
- Está decidido, disse Theresa.
- Está decidido, respondeu o ministro. É uma tyrannia!
- Thank you*, disse Theresa estendendo-lhe a mão.
- Mas, minha senhora, estou a estranhal-a, disse o ministro.

—Estou contente hoje, disse ella rindo. Mas a sua physionomia tornou-se seria, olhou um momento para o chão distrahida, dando pequenas pancadas no vestido de seda, e levantando-se, foi sentar-se ao piano bruscamente: a aria do Rigoletto, cantou docemente na tristeza do teclado.

Entretanto o conde tinha-se aproximado de Amaro, que se erguera.

—É negocio feito, disse-lhe elle. Eu escrevo ao chantre que é meu amigo. Pode estar descansado.

Amaro fez uma cortezia, e curvando-se, foi dizer á condessa.

—Minha senhora, eu agradeço...

—Ai agradeça a Theresa. Ella quer ganhar indulgencias, parece.

—Minha senhora, foi elle dizer a Theresa...

—Lembre-me nas suas orações sr. padre Amaro, disse ella, e continuou, magoando o ar com a melancolia italiana d'aquella aria.

Amaro sahio. D'ahi a uma semana soube o seu despacho. Mas partia triste. Não tornára a esquecer aquella manhã em casa da senhora condessa de Riba-Mar, aquella magnifica pessoa, Theresa, os seus braços brancos cobertos d'uma *gase* negra, e o rapaz loiro, attrahente e fino, que dizia *yes*. E cantava-lhe no cerebro, como um coro de sensações amorosas, aquella aria triste do Rigoletto. E a cada momento voltavam-lhe á idéa os braços de Theresa: via-os nus, com o encanto dos marmores pallidos, cahidos ao comprido do corpo magnifico, destacando sobre setim negro, via-os arquearem-se, com gestos doces, unctuosos e tenros, via-os, enlaçarem-se de vagar, pesados e meigos, redondos, frescos, doces ao contacto, como o pulido d'uma porcelana, em torno do pescoço d'aquelle rapaz loiro, e todo o corpo d'elle, nobre e branco, desfallecia, com um peso sublime, nos esquecimentos dos amores profundos como a morte, e o seu pescoço pallido estaria tumido de suspiros...

E uma madrugada partiu para Santa Apollonia, com um gallego que lhe levava o bahu. A madrugada vinha e uma claridade nascente e fria azulava-se; mas a cidade estava silenciosa, na sua côr parda. Os candieiros apagavam-se. Às vezes uma carroça, passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam vastas e interminaveis, todas desertas: ás vezes homens com as golas dos casacos levantadas, os aspectos amarellos fatigados, passavam, vindo do jogo, ou de casas publicas; os saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas baloçadas, cobertas d'altas botas, enlameadas; n'uma ou n'outra rua, uma voz isolada apregoava os jornaes, e os moços dos theatros, corriam, com o pote da massa pregando nas esquinas os cartazes. Amaro ia triste, todavia. E sem razão, vinha-lhe, sem a comprehender uma saudade d'aquella vida que não vivia, que devia accordar mais tarde, ao meio dia, e que continuaria o seu ruido cheio de luz, de musica e do rumor de beijos, em quanto elle iria, na segunda classe d'um *Wagon*, encolhido no seu capote, com o olho na sua mala, só, ruminando baixo o preço do seu bilhete. Mas ao voltar d'uma esquina, um *coupé* com dois creados de casaco branco e chapeu de oleado, quasi o derrubou.

—Eh! gritou o cocheiro.

E á claridade que já havia, Amaro julgou conhecer, no fundo da carruagem, abafado no seu paletot, com o chapéu derrubado sobre os olhos, o charuto acceso, o bello rapaz loiro, que em casa da senhora condessa dizia *Yes*. Amaro ficou a olhar o *coupé*, que rodava rapidamente. E aquelle homem, tão lindo, recolhendo áquella hora da madrugada, deu-lhe uma idea d'uma existencia plena, amada, rica, coberta de luxo, e via-o sempre enlaçado indefinidamente, por aquelles dois braços brancos, cobertos de gaze negra.

No entanto clareava; as andorinhas cantavam em telhados, e ao pé de Santa Apolonia, o rio estendia-se, branco, immovel, coalhado, riscado de correntes, de cor d' aço sem lustro, e já alguma vela de falua passava silenciosa e lenta. Amaro ia revolvendo baixo as suas orações da manhã.

(*Continua*).

EÇA DE QUEIROZ.

O CRIME DO PADRE AMARO

IV

Fallava-se, ao outro dia, na cidade, curiosamente, da chegada do parochio novo: todos sabiam já que tinha trazido um bahu de lata, que era magro, e que chamara Padre-Mestre ao conego Dias.

—Mas tão novo! dizia-se.

Porque enfim era uma parochia difficil, na sede do bispado.

—E é Leiria, acrescentavam com orgulho caturra.

Outros, porém, achavam peores os parochos velhos, acalmados dos primeiros fervores, tropegos, com doenças e egoismos, todos occupados de intrigas.

—Veremos, veremos, era o resumo.

As amigas da S. Joanneira, as suas velhas convivencias, a sr.^a D. Maria da Assumpção, as senhoras Gansozos, tinham ido logo pela manhã a casa d'ella *para se porem ao facto...* Eram 9 horas; Amelia ainda estava com a rede de dormir na cabeça, chambre e saia branca; uma restca de sol entrava pela janella, e no pateo, sob a alegria da luz, os gallos cacarejavam. A S. Joanneira estava radiosa, escaldava louças, arrumava o armario, com vivacidade, fallando do seu parochio, da doçura dos seus gestos, da brandura da voz. Foi-lhes mostrar os arranjos que tinha feito: cedera o seu quarto ao parochio, em baixo, com a saleta, e dormia no chão n'um colxão, ao pé de Amelia.

—Dizem que é filho d'uma fidalga, disse a sr.^a D. Maria da Assumpção, que descendia d'um juiz de fóra.

—Qual! dizia a S. Joanneira.

—Mas venham cá, venham vocês cá abaixo. — Foi-lhes mostrar o quarto do parochio.

Amaro sahira ás 8 horas com o conego Dias.

Está muito bem; muito bem, diziam as velhas: e andavam pelo quarto, de vagar como n'um templo, bolindo no breviário, tocando no chapéu alto, de forro oleoso.

—Que rico capote, disse a sr.^a D. Joaquina Gansozo apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. — É obra para um par de moedas!

—E boa roupa branca, disse a S. Joanneira, erguendo a tampa do bahu de lata: o grupo das velhas curvou-se com admiração.

—Ih! diziam.

—Ora vejam que saber que elle tem, assim tão novo, para ser parochinho, disse a sr.^a D. Maria da Assumpção.

Mas a sr.^a D. Joaquina Gansozo entendia que só as cabeças calvas teem a gravidade catholica.

—Deixa lá filha, disse a sr.^a D. Maria da Assumpção, a gente sempre gosta de ver caras frescas.

—Ora não sei que é: á missa por exemplo....

—Sim, e á confissão, estar a gente alli e ver o pingo do rapé, e a baba!... como era com o Raposo. Não lá isso Deus me mate com gente nova.

—Lá isso é elle, disse Amelia, e nada má figura. E uns olhos...

—E as suas escovas de dentes, disse a sr. D. Joaquina Gansozo.

—E pós!... É o mais que se póde, dizia, é o mais que se póde!

E beijando a S. Joanneira felicitavam-n'a, por que adquirira, hospedando o parochinho, uma authoridade inesperada, quasi ecclesiastica.

—Vocês apparecem á noite, disse ella, do alto da escada.

—Sim, sim... e com um burburinho de vozes velhas, saíram traçando os seus manteletes.

Ao meio dia, veio o sr. Libaninho, um devoto, e subindo a correr os degraus, gritava com a sua voz fina:

—Oh S. Joanneira!

—Sobe, Libaninho, sobe.

Estava ella a preparar para a noite o candieiro grande de petroleo.

—Então o sr. parochinho veio, hein? disse o Libaninho, com o seu rosto todo barbeado, e geitos sacudidos de cintura. — Que tal, que tal?

A S. Joanneira começou a glorificar o sr. parochinho novo. Dizia a sua mocidade, a sua pouca barba, o seu zelo nos preceitos, o seu ar descorado.

—Coitadinho, coitadinho, dizia com um pasmo beato, o Libaninho.

Mas não se podia demorar, ia para a repartição.

—Adeus, filhinha, adeus, dizia elle, pondo a mão no hombro á S. Joanneira. Estás cada vez mais gordinha. Olha que reseí hontem a Salve-Rainha que tu me pediste, ingrata! A creada tinha entrado:—Adeus Russa. Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens, filha. — E apressado, bulicoso, saracoteando-se, com um pequeno pigarro, desceu a escada rapidamente, gritando:

—Adeusinho, adeusinho! pequenas!

Amaro, depois do jantar em casa do conego Dias, foi passear com elle pela estrada dos Marrases. Estava contente: o sr. chantre batera-lhe affavelmente no hombro:

— Conheci muito o sr. conde de Riba-Mar, disse-lhe elle, em 46 no Porto. Sim senhor: somos amigos velhos. Era eu cura de Santo Ildefonso: ora veja!—E fallando do seu tempo, contava anedoctas, curiosidades ecclesiasticas: mostrou Manoel Passos, passeando na Praça Nova, com o seu comprido casaco pardo, chapéu de grandes abas, dizendo: *Animo patriotas, animo!*—*O Xavier aguenta-se!*—Todos tinham rido.

—Esta imitação sae-me bem, disse elle, modesto.

A especialidade de s. ex.^a era imitar vozes, e o zumbir d'uma mosca.

Depois Amaro jantara bem em casa do conego Dias, tomara vinho do Porto, e sentia dilatar-se na vida, como na tepida consolação d'um banho. A tarde estava placida: a paisagem alargava-se nos seus grandes valles: e os pinheiraes rareados das collinas destacavam, atravessados de luz, no ar claro e fino: fumos esbranquiçados sahiam dos casaes: e sentiam-se os chocalhos dos gados que recolhem. Amaro, caminhava de vagar, respirando largamente, com a carne contente e dizia olhando em redor:

—Pois senhores, parece-me que me hei-de dar bem aqui.

A gente voltava do trabalho: as mulheres trasião os seus grandes feixes de herva; os homens, com a jaqueta ao hombro, a enchada ás costas, passavam dando as boas tardes. E no entanto no convento de S. Francisco, onde é a cadeia, macisso e baixo, já se tinham accendido luzes, e uma claridade soturna e mortuaria vinha atravez das grades.

—São horas de nos irmos chegando; disse o conego Dias.

E voltaram, callados, já na penumbra nocturna, para casa da S. Joanneira.

Eram 8 horas. Todas as velhas amigas estavam já na sala do jantar. Tinha-se chegado a mesa para junto da parede, um candieiro de petroleo allumiava sob o seu *abat-jour* de rosas verdes em relevo; e a linha das cadeiras, cobertas de vestidos, arqueava-se em redor. Ao pé da luz, Amelia costurava isolada.

A sr.^a D. Maria da Assumpção vestira-se como para uma gala: o seu *chinô* de um loiro avermelhado apparecia sobre a testa enrugada, por baixo da renda d'um *enfeite* preto; e os seus oculos azues, pousados sobre um nariz agudo, fino, e saliente, destacavam sobre o rosto d'uma brancura amarella como um marfim antigo. E, quando ella ria, viam-se os seus dentes enormes separados, cravados nas gengivas como cunhas: as mãos grossas, calçadas de mitenes de seda preta, relusiam de aneis: na cintura comprida destacava a hirta rigesa dos espartilhos, e do broche, sobre o pescoço, até ao cinto de seda preta com vidrilhos, um grosso grillhão de ouro cahia com passadores lavrados. Era viuva e rica, dizia-se fidalga, e tinha o habito de estar sempre sorvendo, pelo nariz, com um ruido immundo.

—Ora aqui tem o sr. parochô novo, sr.^a D. Maria, disse a S. Joanneira.

Ella ergueu-se, direita, e fez uma mesura, com um movimento de quadris, commovida. Mas uma cadellinha felpuda, que tinha aninhada na barra do vestido, perturbada na sua somnolencia, ganio, e a sr. D. Maria da Assumpção dizia, batendo-lhe meigamente com a ponta do leque;

—Quieta, amorsinho, quieta.

—Estas são as sr.^{as} Gansozos ha de ter ouvido... disse a S. Joanneira, ao parochio.

Amaro comprimentou timidamente. Eram duas irmãs: Passavam por ter algum dinheiro mas costumavam receber hospedes a 15\$000 réis por mez. A mais velha, a sr.^a D. Joaquina, era uma pessoa secca, com uma testa enorme, larga, abaulada, onde se estendiam, no alto, os bandós chatos d'um cabello castanho; e os olhos pequenos, vivos e encovados, o nariz arrebitado, o queixo agudo, accumulavam-se quasi juntos, n'um pequeno espaço, no baixo do rosto. Embrulhada no seu chale, direita, com os braços cruzados, fallava perpetuamente, com uma voz dominante e aguda, cheia d'opiniões. Dizia mal dos homens, e lia versos; ultimamente, dava-se toda á egreja; mas levava para a devoção certas impertinencias: discutia, era casuística, subtil e lia livros de theologia.

A irmã mais nova, a sr.^a D. Anna, era extremamente surda. Nunca fallava, e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquillamente os pollegares. Magra, com o seu perpetuo vestido preto de riscas amarellas, um rolo de arminho ao pescoço, as feições grossas e trigueiras, dormitava com o beijo descahido, e só accentuava a sua presença de vez em quando, por grandes suspiros agudos: dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam, admirando a sua habilidade em recortar papeis para caixas de doce.

Estava tambem a irmã do conego Dias. Chamavam-lhe a *castanha pillada*. Secca, engilhada, ossea, aguda, livida, fallava sempre, com uma voz sybillante, e o seu temperamento aspero, intrigante, subterraneo, dava-lhe maneiras bruscas, e uma grande irritação de palavras. Era beata e azeda.

—Então passeou muito sr. parochio? perguntou ella, empertigando-se.

Fomos quasi até lá ao fim da estrada dos Marrases, disse o conego sentando-se pesadamente, por traz da S. Joanneira, e saccudindo com a ponta da capa o pó dos sapatos.

—Não achou bonito, sr. parochio? disse a sr.^a D. Joaquina Gansozo.

—Muito bonito.

E então fallavam das paisagens de Leiria, de boas vistas: a sr.^a D. Josepha Dias gostava muito do passeio ao pé do rio, e até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia cousa assim. A sr.^a D. Maria da Assumpção preferia a egreja da Encarnação, no alto.

—Disfructa-se muito d'alli, disse ella pomposamente.

Amelia disse então:



—Eu por mim gosto ali de ao pé da ponte, d'aquelle logar, debaixo dos chorões, — e partindo com os dentes o fio da sua costura: — é tão triste! disse.

Amaro então olhou para ella: Tinha um vestido azul, que lhe modelava o contorno redondo e doce do seio; o seu pescoço, branco, batido da luz, sahia direito, firme, macio, tenro, d'um colarinho branco voltado: a luz tornava salientes os seus beiços vermelhos e frescos, e, com o respirar, as suas narinas delgadas arfavam, e um buço punha no seu beiço uma sombra subtil e doce.

Houve um pequeno silencio:

—Que será feito do sr. padre Brito? disse a sr.^a D. Maria da Assumpção.

—Está talvez com a enchaqueca, o santo homem, disse piedosamente a irmã do conego.

Então um rapaz que estava sentado, junto do aparador, callado, defronte de Amelia, disse com uma voz sympathica:

—Eu vio-o hoje a cavallo; ia para os lados da Barrosa.

—Homem, exclamou com voz amarga, a irmã do conego, é milagre ter o senhor reparado.

—Por que minha senhora? disse elle rindo, e erguendo-se:

Era alto, todo vestido de preto, o cabello preto lustroso, e sobre o rosto branco, e um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno, negro, cahido aos cantos, que elle costumava morder com os dentes.

—Ainda elle o pergunta! exclamou a sr.^a D. Joaquina Gansozo. O sr. que nem lhe tira o chapéu.

—Eu?

—Sim senhor; continuava ella: disse-m'o elle.—E accrescentou: Ai sr. parochó, bem pode chamar este senhor, o sr. João Eduardo, para o bom caminho.

—Mas eu parece-me que não ando no mau caminho, disse elle rindo, com as mãos nos bolsos, e a cada momento os seus olhos se voltavam para Amelia.

—E' uma graça! começou a dizer com aspecto affavel a sr.^a D. Joaquina Gansozo. Olhe com o que o sr. hoje disse lá em casa, de tarde, da Santa da Arregana, não ha de ganhar o céu, não! — E teve um riso hostile.

—Ora essa! gritou a irmã do conego, a sr.^a D. Josepha Dias, voltando-se para João Eduardo, que estava por traz;—e viam-se, entre a sua toca preta e o vestido de lã escuro, um pescoço engelhado e secco, o agudo perfil do seu nariz e o queixo retrahido:—Então que tem o sr. a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora, hein?

—Credo, Jesus! disse a sr.^a D. Maria da Assumpção, erguendo as mãos contra o peito, e fitando João Eduardo com espanto piedoso:—Pois elle havia de dizer isso? Credo!

—Não, o sr. João Eduardo, affirmou gravemente o conego, desdobrando o seu lenço vermelho, não era capaz de dizer uma d'essas.



Amaro, que estava sentado junto da mesa, inclinou-se, e com a sua voz vagarosa:

— Mas quem é essa pessoa, eu estou de novo...

— Credo! Pois não tem ouvido fallar v. s.^a? perguntou n'uma admiração a sr.^a D. Maria da Assumpção.

— Oh senhores! exclamava a sr.^a D. Josepha Dias, pois diz que os jornaes de Lisboa vem cheios d'isso!

— É com effeito uma cousa bem extraordinaria, ponderou com um tom profundo o conego.

A S. Joanneira interrompeu a meia, e tirando a luneta:

— Ai! não imagina, sr. parcho, é o milagre dos milagres.

— Se é! se é! disseram.

Havia um silencio.

— Mas então?... perguntou todo curioso o parcho.

E olhava em redor.

Amelia costurava, e a luz crua punha nos seus cabellos pretos reflexos metallicos e asperos.

— Olhe, sr. parcho, a santa,—começou a contar a sr.^a D. Joaquina Gansozo, endireitando-se no chale, fallando com auctoridade; —é uma mulher que aqui ha n'uma freguezia perto, que está ha vinte annos na cama.....

— Vinte e cinco, interrompeu a sr.^a D. Maria da Assumpção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olhe, ao sr. chantre ouvi eu dizer vinte.

— Vinte e cinco, vinte cinco; affirmaram a S. Joanneira e a irmã do conego.

— Está ha 25 annos na cama, concluiu o conego.

— Ora essa! disse Amaro.

— Está entevadinha de todo, sr. parcho! rompeu a irmã do conego, com grandes gestos. Parece uma alminha de Deus! Os bracinhos são isto! e mostrava o dedo minimo. Para a gente a ouvir é necessario pôr-lhe a orelha ao pé da bocca!

— Pois se ella se sustenta da graça de Deus! disse lamentosamente a sr.^a D. Maria da Assumpção. Coitadinha! que até a gente lembrar-se! — As suas palavras tinham uma piedade chorosa.

Houve entre as velhas um silencio commovido. Ouvia-se dentro ferver a chaleira do chá.

— Mas porque é... ia a começar o parcho.

— Olhe, sr. parcho, a causa é esta: interrompeu João Eduardo impaciente. O que os medicos dizem é que aquillo é uma doença nervosa.

Foi um clamor, todos reclamavam: a sr.^a D. Maria da Assumpção tinha-se persignado.

— Pelo amor de Deus, gritava a sr.^a D. Josepha Dias, o sr. diga isso deante de quem quizer, menos de mim.

— E de mim! sr. João Eduardo, disse a S. Joanneira, despeitada.

— Ai! Ai! fazia absorta a sr.^a D. Maria.

— Olhe, exclamou a sr.^a D. Josepha Dias, o sr. o que é, é um homem sem religião! — E voltando-se para o lado de Amelia, com a voz acre, o corpo n'uma attitude hostil: Olhe, filha minha é que eu lhe não dava! Saiba.

Amelia corou. E o sr. João Eduardo, avermelhado tambem, curvou-se sarcasticamente.

— Eu digo o que dizem os medicos. E de resto, olhe que não tenho pretensões a casar comsigo, sr.^a D. Josepha! Saiba tambem.

Houve algumas risadas.

— Arreda! Cruzes! gritou ella.—Estava colerica; a pelle engilhada, irritada d'um rubor, e pressentia-se a ira dos seus olhos sob os occulos azues: — Arreda, arreda! disia.

— Mas o que faz então essa Santa? perguntou o padre Amaro.

— Olhe, sr. parochio, disse a sr.^a D. Joaquina Gansozo,—está sempre na cama; sabe resas para tudo; pessoa por quem ella peça, tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ella, e cura-se de toda a molestia. E depois, quando communga, começa a erguer-se, a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos erguidos para o céu, que até chega a fazer terror.

Mas, n'este momento, uma voz dizia á porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

Era um rapaz extremamente alto, com a quinzena curta, o chapéo desabado na mão. Era amarello, com as faces escavadas, uma grenha irrissada, e o bigode arqueado e torcido accentuava-lhe a magreza do rosto; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quasi todos os dentes de diante: os seus olhos cavados, de grandes olheiras, de uma ternura imbecil, fitavam sempre melancholicamente. Trazia uma guitarra, parecia pobre e mal lavado. Comprimentava rindo, e battendo no hombro das velhas.

— Então como vae? perguntaram-lhe.

— Mas, respondeu com voz triste, sentando-se, sempre as dôres no peito, a tossesita...

Insistiram então em que experimentasse o oleo de figados de bacalhau.

— Uma viagem á Madeira, isso é que era, isso é que era! —disse a sr.^a D. Joaquina Gansozo.

Elle rio dolorosamente.

— Ora, dizia, um pobre amanuense de administração, com 18 vintens por dia, mulher e 4 filhos!

— E como vae ella, a Joannita?

— Coitadita, lá vae. Tem saude, graças a Deus. Gorda, forte, sempre com bom appetite. Os pequenos, os dois mais velhos é que estão doentes; de mais a mais agora a creada tambem caiu de cama... É o diacho! — E encolhia os hombros.

E a sr.^a D. Joaquina Gansozo contava baixo ao parochio que aquelle rapaz, o Arthur Couceiro, era muito engraçado, e tinha uma bella voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

Mas a Russa tinha entrado com o chá; arrastavam-se as cadeiras.

— Cheguem-se, cheguem-se, dizia a S. Joanneira, enchendo as chavenas d'alto, com grande ruido. Agitavam-se junto da mesa; Arthur offerecia assucar com o seu antigo gracejo, sempre risonho:—Se está azedo, deite-lhe mais sal!—E as velhas sorviam pequenos goles pelos pires, e de vez em quando limpavam com os lenços que tinham no regaço os cantos da boca, luzidios de manteiga.

— Ha ahi uns docinhos muito frescos, disse a S. Joanneira.

Cada uma se servia, e punha ao lado da chavena, sobre o guardanapo, guardando, preciosamente, para o fim. E a sr.^a D. Joaquina Gansozo tinha reservado dois, no bolso, para o seu afilhadinho. A sr.^a D. Maria da Assumpção deu-os a provar á cadella.

Sentia-se sorver alto, e o mastigar humedecido e ruminado de queixos desdentados. E com arrotos ligeiros, cada uma recuava um pouco a cadeira, sacudindo as migalhas do regaço; e encostadas, com os braços cruzados, limpavam os dentes com a lingua, ou, com os beiços arreganhados tiravam uns bocadinhos de pão com as unhas.

O sr. Arthur, quando estava, costumava cantar depois do chá. Tinha-se aberto o velho piano, e uma vella alumiaa o antigo caderno de musica, todo amarellado, copiado á mão. A S. Joanneira foi buscar uma traveseira para Amelia estar mais elevada, ao piano; e esta um pouco curvada, depois de ter sorrido, resmungando com um certo mimo, corria sobre o teclado do piano, todo gasto, os dedos inexperientes.

E então Arthur, depois de ter conferenciado baixo com Amelia sobre o compasso e o tom, trauteando, ergueu a sua voz arrastada, d'uma ternura emphatica, desolada e ligeiramente fanhosa:

Adeus, meu anjo! vou partir sem ti!

Era uma canção dos tempos romanticos de 51, o *Adeus!* Dizia a saudade, na suprema despedida, nos bosques, quando o outono empalidece e desfolha; a morte, os corações descridos, os homens solitarios e precitos, que inspiram um amor funesto, e a tumba esquecida em valles distantes!

— Muito bonito, muito bonito! — diziam.

E a melodia, dolorosa e plebea, ora n'um desmaio arrastado, ora n'uma vehemencia infeliz, levava a letra poetica, como a ondulação d'uma maré leva o destroço d'um barco.

Arthur cantava convencido, o olhar vago; e nos intervallos, durante o acompanhamento, sorria em redor; e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. A Russa á porta escutava toda pasmada. O padre Amaro, ao pé da janella, via Amelia de lado e olhava-a instinctivamente todo enlevado n'aquella musica: o seu perfil fino, d'encontro á luz, tinha uma linha luminosa; destacava harmoniosamente a curva do seu peito, e elle via as suas palpebras de grandes pestanas, que do teclado para a musica se erguiam e se abaixavam, com um movimento doce; e os cantos da sua boca tinham uma sombrinha lasciva.

Às vezes ella hesitava: suspendia-se um momento no acompanhamento, e, piscando os olhos, affirmava-se, com a cabeça estendida. Havia então um ligeiro silencio, e ouvia-se dentro a tosse afflicta da idiota e certos gemidos. Mas o acompanhamento rompia, e os grandes versos sentimentaes vinham caindo na sonoridade das rimas.

E quando Amelia se ergueu, todos gabaram o seu talento; e Amaro de uma das janellas, commovido, seguia-a com os olhos: Notava-lhe ainda o vestido de lã azul junto ao corpo, e sentia-se a forma e redondeza dos seus braços, e o seu pescoço, saindo do collarinho branco, tinha uma linha doce e tons pallidos e baços.

Mas chegara a hora do loto, e cada um tomava os seus cartões; conchegavam-se á mesa e chocalhava-se o sacco dos numeros.

— Olhe, aqui tem um logar, sr. parochó, disse Amelia. Era ao pé d'ella. Elle hesitou, mas tinham aberto espaço, e um pouco corado, veio introduzir a sua cadeira ao pé de Amelia que accamava a gomma das saias.

João Eduardo, só, tinha ficado de pé. Estava encostado á janella; desfranzira a cortina: um grande luar empallidecia o céu, e a linha negra das casas fronteiras destacava bruscamente. Estava um pouco triste; Amelia olhava para elle, muitas vezes ternamente; sorrira-lhe. Sentia-se descontente: sentia vagamente n'ella uma attenção artificial; e estar só, de pé, excluido da mesa, parecia-lhe comparavel ao seu destino.

Era filho d'um antigo empregado do governo civil. Quando o pae morreu vira-se só, com a irmã, ao desamparo, sem emprego, tendo de vender a mobilia da sala, as ultimas colheres de prata. Mas foi forte. Collocou-se como escrevente em casa do tabellião Falcão; e a irmã, pes-soa loira e doente, fôra por intervenção d'um velho amigo da familia para o recolhimento de Jesus, destino melancholico, mas farto. João Eduardo era um rapaz serio, casto e digno. De dia trabalhava no seu cartorio, com umas mangas falsas de lustrina, para não roçar o seu casaco, e á noite, no seu quarto, só, estudava flauta, porque tinha delicadesas de espirito e de temperamento, e a musica consolava-o.

Dizia-se que elle fazia versos, mas as suas palavras eram simples e as suas aspirações triviaes. De resto, amava Amelia muito, profundamente, como um destino exclusivo.

De ao pé da janella via-a ao pé de Amaro na attenção do jogo, curvada sobre os seus cartões. A mesa era estreita e a manga azul do vestido d'ella roçava ás vezes o braço do padre. Havia um silencio avaro, e, com a voz dormiente, o conego tirava os numeros, chocalhando de vez em quando o sacco. A sr.^a D. Anna Gansozo que não jogava, dormitava a um canto, e com a bocca entreaberta, ressonava ligeiramente.

Às vezes, no socego, erguia-se uma voz monotona:

— Precisa-se o 36! Chocalhe esses numeros sr. conego!

Com o *abat-jour*, as cabeças estavam todas na sombra, e cahia uma luz crua sobre o chale escuro que cobria a mesa, onde destacavam os cartões todos ennegrecidos do uso e as mãos seccas das velhas pousadas

em attitudes aduncas, n'uma intenção de ganho. Sobre o piano aberto a vella derretia-se com uma chama viva e avermelhada.

—Então não joga sr. João Eduardo? disse Amelia olhando para elle: Onde está?

Elle sahio da sombra da janella.

—Tome lá este cartão, ande, jogue.

—E receba as entradas já que está de pé; disse a S. Joanneira.

João Eduardo foi em roda com o pires de porcellana, mas no fim faltavam dez réis.

—Eu já dei, eu já dei—diziam todos.

O escrevente vira que a irman do conego não tocara no seu cobre acautellado.

—Ah sim, disse elle então, sorrindo, fui eu que me esqueci!

E a irman do conego dizia então baixo á sua visinha a sr.^a D. Maria da Assumpção:

—Queria ver se escapava o melro! Isto gente que não tem religião não tem escrupulos!—E a outra velha approvou.

—Só quem não está feliz é o sr. parocho, disseram.

Amaro sorriu-se: estava um pouco distrahido. Sentia o calor do corpo d'Amelia, e mesmo, um certo cheiro feminino que não conhecia. Ella tinha o vestido ligeiramente decotado no começo do seio, e sobre a pelle macia de tons suaves, destacava uma cruz d'azeviche. Ás vezes Amaro esquecia-se de marcar, e ella dizia sorrindo:

—Olhe que não marcou.

Tinham apostado dous ternos: ella tinha ganho: tinham rido. E depois faltou a ambos para quinareem o numero 36.

Em roda tinham reparado.

—Ora vamos a ver se quinaem ambos, disse a sr.^a D. Maria da Assumpção, com o seu riso abstracto, em que destacavam os grandes dentes.

Mas o 36 não sahia: havia outras quadras nos cartões alheios; Amelia receava que quinasse a sr.^a Gansozo; Amaro que tinha duas quadras ria interessado.

O conego tirava os numeros vagarosamente.

—Vá! Vá! diziam-lhe. Todos estavam attentos.

Amelia, debruçada, com os olhos vivos, animados, corada, esperava:

—Dava tudo p'ra que sahisse o 36.

—36 disse o conego!

—Quinámos! exclamou ella triumphante, rindo, toda vermelha, e tomando o cartão do parocho, mostrava-os ambos, orgulhosa, para conferir.

—Deus os abençoe, disse o conego, rindo, e entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis. Todos riram tambem.

—Parece milagre, dizia a sr.^a D. Maria da Assumpção, na sua voz arrastada.

No entanto tinham dado 11 horas. As velhas começaram a embru-

lhar-se nos chales, ia-se á janella ver a noite, cada um contava os seus ganhos. Amelia sentada ao piano, corria o teclado, rapidamente, nervosa.

—Vem cá amanhã? disse ella baixo, sem erguer os olhos, a João Eduardo.

—Não, respondeu elle seccamente.

Ella continuou, ferindo as teclas com uma impaciencia; mas a sr.^a D. Josepha Dias, toda embrulhada, com um chale de ramagem pela cabeça, veio beijal-a.

A Russa allumiava. O murmurio de vozes enchia as escadas, e ao descer os adeus repetiam-se. O sr. Arthur harpejava na guitarra, cantarolando o descrido.

E ainda na rua, á porta, se sentiam as vozes que se despediam, que fallavam da noite, e o murmurio da viola, os tamancos dos creados que tinham vindo com as lanternas, batendo no lageado.

Amaro foi para o seu quarto: estava fatigado, confuso, um pouco impressionado, estava mesmo levemente arrependido. Chegara na vespera, e passara já o noite jogando o quino, ouvindo musica, rindo, no contacto de mulheres.

—Mau, mau! dizia. As suas horas deviam ser passadas nas resas, nas leituras christãs, ou em consolações. Mas o conego, o seu mestre de moral, estivera, assim, como n'uma situação natural e legitima! Depois a vida ecclesiastica não era a aspera suppressão da alegria.

—Está claro, está claro, murmurava.

E lembrava as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur e Amelia, achava-a toda attrahente e *boa rapariga*. Parado, no quarto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas, com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, e a doçura da sua pelle, ao lado do pescoço, sob a orelha. Mas sentiu dar meia noite e não tinha resado ainda. Despio o casaco, rapidamente, abriu o breviario:

—Ora esta! exclamou.

Não tinha agua no quarto e tinha o habito de beber sempre de noite; não podia ficar sem um copo, á cabeceira. Quiz chamar a criada, mas estava deitada de certo, não sentia rumor. Lembrou-se que o cantaro da agua estava na sala do jantar com uma canequinha azul vidrada, em cima do testeo de barro. Então calçou as chinellas, tomou o castiçal e subio devagarinho. Havia luz na sala do jantar, estava o reposteiro corrido, ergue-o, mas estacou, e ouviu dentro um pequeno grito. Vira, n'esse momento Amelia, em camisa e saia branca, que de pé, junto da luz, dava uma passagem n'umas botinas. Ella tinha fugido, correndo para o quarto. Amaro ficou immovel, abstracto, com um suor á raiz dos cabellos.

Poderiam suspeitar uma offensa! Seria expulso! e palavras indignadas, iam sair atravez do reposteiro da porta do quarto, que ainda se balouçava, agitado.

Mas a voz d'Amelia serena perguntou:

—Que queria sr. parocho?

—Vinha buscar agua, disse elle com voz tremula, a bocca secca.

—Aquella russa! aquella desleixada! Desculpe sr. parochó, desculpe. Olhe ahi ao pé da mesa, o cantaro. Achou?

—Achei, achei!

E desceu de vagar, o copo cheio tremia-lhe; pelas costas dos dedos escorria-lhe agua.

Poisou o castiçal e ficou fitando a luz, ao pé da mesa, e com os dedos, machinalmente, enrolava a estearina amollecida. Ella estava em camisa... não vira detidamente... brancuras vagas... um hombro, um braço... a camisa descia, um pouco decotada, com uma rendinha... Via-se a redondeza firme, cheia, do seio... E com os olhos fitos, as narinas dilatadas, Amaro sentia-se n'um torpôr, e como cahir, perder-se n'alguma cousa insondavel, deliciosa e terrivel... Deitou-se sem rezar, revolveu-se, e quando adormeceu já cantavam os gallos.

Amelia, em cima, no seu quarto, não dormia tambem; tinha apagado a luz, e de costas, as mãos crusadas por traz da cabeça, entregava-se a uma grande abstracção viva, feita de ideas, de recordações, de planos, de sensibilidades. O quarto era pequeno: a mãe tinha cedido os seus quartos em baixo ao padre Amaro e dormia, ao pé d'ella n'um colção, no chão, n'um largo cochim acamado sobre esteiras. Em cima da commoda, dentro d'uma hacia, estava a lamparina, e a luz monotona e velada um pouco do espelho, reluzia, com tons d' aço. O quarto da idiota era ao pé e atraz da porta cerrada, Amelia sentia o seu ressonar catarroso, e grandes tosses que tinha, dormindo, e que terminavam n'um arquejar prolongado, e cheio de cançasso. A lamparina estava a extinguir-se, e o quarto estava n'uma penumbra, abafada e espessa: brancuras de saias cahidas no chão, destacavam; o espelho tinha um vago reflexo livido, e na sua cama, a corpolencia da S. Joanneira, com o seu lenço branco amarrado, punha na roupa um grande relevo. O quarto era pequeno, e com a respiração, o ar espessava-se: estava espalhado um vago cheiro de morrão d'azeite; os moveis, as roupas, as saias e vestidos pendurados, faziam calor e abafavam.

Amelia, não podia adormecer. A mãe, ao pé, ressonava roncando, e Amelia, olhava abstractamente uma claridade redonda, que no tecto, por cima da lamparina, tremia violentamente. O gato, que ficava no quarto ás vezes, caminhava, com as suas passadas moles e fofas, e fazia ver, na escuridão do chão, os seus olhos lusindo com uma claridade phosphorica e esverdeada.

No entanto, na casa visinha, uma creança chorava sem cessar, e sentia-se a mãe embalar-lhe o berço que gemia, cantando-lhe baixo, arrastadamente, uma cantiga triste, dolente, chorosa:—Dorme, dorme, meu menino!—e nos intervallos do canto o ranger compassado do embalar do berço, tinha uma grande tristeza. Amelia conhecia aquella cantiga: ficara-lhe isoladamente, e como um ruido solitario, esta recordação dos primeiros annos. Quando tinha sete annos, ouvia a mãe cantal-a, nas longas noites de inverno, ao outro filho, um irmãosinho que tivera, o João,

e que morrera, com um anno, de sarampo. Ella dormia ao pé do berço d'elle, e quando sentia aquella toada, doce, arrastada, escondia a cabeça na roupa, sentia uma vaga abundancia de lagrimas, e a necessidade de deixar o mundo e de se perder n'aquella tristeza insondavel e illimitada que a tomava. Porque, desde pequena, fora d'um temperamento impressionavel, sensual, prompto ás lagrimas, fraco, e d'um coração assustado, como um passaro captivo.

Lembrava-se bem: Moravam então n'outra casa, e a janella do seu quarto deitava para um quintal: um limociro chegava á janella, e a mãe ás vezes punha na sua ramagem luzidia e metalica os coeiros de João se secaram ao sol. Não conhecera o pae. A mãe tinha-lhe dito que elle era militar, e morrera novo: e gabava-lhe a sua bella figura, fardada com o uniforme de cavallaria. A mãe vivia então só com os dois filhos. Havia uma creada, a Annunciação, que ella tinha presente na memoria, sempre com o lenço da cabeça subido até á bocca, embrulhando os queixos, e a saia de chita arregaçada, apertada a traz, deixando ver o saiote de lã escarlata d'Aveiro: era filha d'um marnoto. Aos oito annos Amelia foi para a mestra. Era uma velhita redonda e grossa, com a bocca como a d'um peixe ao canto da qual pendia um signal cabelludo, o olhar surrateiro, risco na barba, e um lenço branco transpassado sobre o peito: era solteira e fôra educada n'um convento. Amelia gostava de lhe ouvir cantar as longas historias pittorescas do convento. A mestra, com os seus oculos redondos, junto á janella, costurava e, empurrando a agulha agilmente, descrevia o convento, os seus terrores e os seus encantos: como era extraordinario e terrivel, ao lusco-fusco, ver o luar que se estendia vagarosamente, no silencio dos altos corredores; o medo que inspirava, de noite, a lampada defronte d'um Christo de madeira ao fundo do dormitório; as perrices da escrivã, sempre com o dedo no nariz, ou escabichando os dentes furados, e a cada momento batendo com o seu largo pé nas lages, com uma voz aguda e vehemente; a madre rodeira, somnolenta creatura, preguiçosa e pacata, com uma pronuncia minhota, trocando o V pelo B, e dizendo a cada momento:—*Ora ba, ba!*—Descrevia depois a mestra de cantochão, admiradora de Bocage, com o pescoço secco, como um molho de cordas, puxando pelas suas fidalguias, dizendo-se descendente do sTavoras, e contando todos os dias minuciosamente a execução d'aquella familia, em Belem, e não se esquecia de que o filho mais velho, um moço louro, levava calçadas meias de seda cõr de perola, que custavam duas peças. Depois a mestra contava as legendas amorosas do convento: d'uma que fugiu, saltando a cerca com escada de corda; d'outra que morrera de amor, e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e chamando:—Augusto! Augusto!—; d'outra, que enlouqueceu, e tomando o Christo pelo seu amante morto, esteve longo tempo ao pé da cruz, dizendo á imagem do Crucificado palavras d'amor profano, olhando-o inmutavelmente durante horas, n'uma contemplação inexcedivel e lugubre.

Amelia ouvia aquellas historias, surpresa, e desde esse tempo come-

çou a sentir-se agitada; vinham-lhe caimbras e um entorpecimento. Já então era afeiçoada ás coisas da igreja. Até aos 14 annos aquelle sentimento cresceu em seu peito, penetrando e formando o seu temperamento, como uma flor se abre dentro d'um copo e o enche. A casa da mãe era frequentada por padres. O sr. chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava ao subir a escada e tinha uma cadelinha felpuda e uma voz esgançada e fanhosa, vinha todos os dias. Era o amigo da casa. Amelia chamava-lhe *padrinho*. Vinha sempre pela manhã, quando ella ia para a mestra, e ficava. Ás vezes, quando ella voltava para o jantar, encontrava-o ainda, com a sua vasta batina desabotoada, deixando ver o longo collete de veludo preto; a capa estava no cabide pendurada, tendo por cima o seu barrete de padre.

O chantre perguntava-lhe pelas lições, interrogava-a sobre o cathecismo, a taboada, e os verbos. Depois ella ia ao quarto da mãe pôr os livros, o chapéo, e tirar as botinas; calçava umas velhas botas da mãe, de duraque, cambadas.

Amelia lembrava-se: parecia-lhe que o via, com a barba bem feita, dura, a cara azulada, e as suas grandes orelhas donde saiam dous molhos de cabellos grisalhos. E a mãe, ao pé, costurava. Recordava-se bem: estava n'esse dia com uma flôr escarlata no cabello. E como que ainda via o irmão, que ressonava pesadamente, deitado em uma trouxa de roupa, que destacava sobre a chita escura da colxa. E Amelia sentia um prazer e como um repouso em recordar aquelles annos antigos.

Lembrava-se então das grandes devoções que a dominavam. A mãe obrigava-a a rezar, de manhã e á noute, o terço. A creada vinha: e monotonamente, com voz arrastada cheia de somno, á luz dormiente do candieiro, ia recitando a Ave-Maria. A creada bocejava, e ella sentia um grande somno e um peso, e repetindo: — *ora pro nobis, ora pro nobis*, — cabeceava, e quando queria despertar, abrindo muito os olhos, via na parede a sombra da mãe, de perfil, com um nariz enorme, que se prolongava fantasticamente.

Á noutinha o chantre voltava: e depois vinha o padre Valente, o conego Cruz, e um velhito calvo de perfil aguçado e cortante, com oculos azues, que fôra frade franciscano, e a quem chamavam frei André. Vinham as amigas da mãe, a sr.^a D. Maria da Assumpção, as Gansozas, que traziam as suas *meias*. Ás vezes um capitão Couceiro, de caçadores; um louro alto, magro, com uma grande bengala de cana da Índia, e os dedos negros do cigarro, vinha tambem, e o camarada trazia-lhe a viola.

Mas ás nove horas, mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ella via a luz e ouvia, de quando em quando grandes risadas; depois fazia-se um silencio, e o capitão, repicando a guitarra, cantava a meia voz o *Guerreiro* e a *Vivandeira*. Ella sentava-se na cama, e escutava-os até que os sentia descer com grande rumor na escada; e na rua o rumor prolongava-se sonoramente. Depois a mãe ficava juntando os cartões do quino, emquando a creada, que acordava estremunhada do seu somno junto do

brazeiro, na cosinha, arrumava as cadeiras, empurrando-as pesadamente, a mãe dava ordens para as compras do outro dia, bocejando, e entretanto desapertando o vestido.

Sempre assim vivêra entre padres. Era o padre Valente, o mais amigo d'ella: era extremamente gordo, com um barretinho de seda, e umas mãos grossas, flácidas, molles, trigueiras, com pequenas unhas. Tinha uma certa repugnancia, quando elle lhe passava a mão pela cara, vagarosamente, com um contacto humido e oleoso. Fallava baixinho, e quando á noute vinha o prato das torradas, ella não podia tirar os olhos do padre Valente, que comia com a cabeça sobre a chavena, lambendo os dedos, enquanto a manteiga lhe escorria dos beiços. Estava sempre a chamal-a, e gostava de a ter entre os joelhos, torcendo-lhe devagarinho a orelha, e ella sentia o seu hálito impregnado de cigarro. O conego Cruz era-lhe mais sympathico, com a sua figura magra, secca, o cabello branco, a volta sempre acceiada, e lusidias as fivellas dos seus sapatos. Ia sempre pôr-lhe o guarda-chuva a um canto, quando elle entrava devagarinho, comprimentando com a mão sobre o peito, e gostava da sua voz suave, e cheia de *ss*. Era o mais respeitado e todos se erguiam quando elle entrava:—Está aqui, está bispo;—diziam d'elle. Elle contava anedoctas de Lisboa, e fallava em marquezas. E Amelia considerava-o extraordinariamente, e um dia dissera:—que elle havia de ser um lindo bispo.—E todos tinham rido, e o conego Cruz, quando lhe contaram aquelle dito tinha-lhe beijado galantemente a mão. Aquillo tinha-a commovido: sentia-se orgulhosa, e não quizera lavar a mão: e d'ahi por diante, sustinha-se para lhe não deitar os braços ao pescoço e dizer-lhe, beijando-o:—Meu rico amiguinho!—

E assim vivera sempre n'um elemento ecclesiastico. Tinham-lhe ensinado o catechismo, a doutrina, e fallavam-lhe dos castigos do ceu. De tal sorte que Deus apparecia-lhe como um elemento barbaro e violento, que dá o soffrimento e a morte, e que é necessario abrandar, resando e jejuando, ouvindo novenas, amando os padres, indo ao Santissimo, rezando o terço, escutando sermões. Era por isso zelosa e minuciosa, e ás vezes, ao deitar-se, sentia remorsos se lhe esquecera uma *salve-rainha* e fazia penitencia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões, ou a fizesse escorregar e cair na escada.

Foi por esse tempo, que ella começou a tomar lições de piano. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano, antigo, coberto com um panno verde. Abandonado, desafinado, inutil, servia de aparador; e em cima estava uma rima de pratos e as garrafas. No entanto Amelia cantarolava pela casa: tinha uma voz casta, fina, fresca, e as amigas da mãe diziam-lhe:—Tu tens ahi um piano; porque não mandas ensinar a rapariga?... sempre é uma prenda... ás vezes pode servir-lhe de muito.—O chantre tinha approvedo, e agradava-lhe a idea de ter mais tarde quem lhe tocasse piano, depois de jantar, enquanto elle á janella, com o charuto na boca, se dilatava na espessa somnolencia da digestão.—O chantre conhecia um mestre: era um antigo organista da Sé de Evora. Fôra

casado e infeliz; uma filha unica fugira-lhe com um alferes, para Lisboa, e não soubera mais d'ella; tinha-lhe dito um negociante de Leiria que a encontrára em Lisboa, de saias enfunadas, cuia postiga, *garibaldi* vermelho, debruçada n'uma janella com taboinhas. O velho cahira em grande miseria, e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartorio do convento da Encarnação. Amelia sympathisou com elle, logo desde a primeira vez que vio aquella figura alta, secca e corcovada, com o cabello comprido e branco, a bocca desdentada, apertado n'uma sobrecasaca esverdeada, com uma gravata de seda esgaçada, que deixava vêr o interior de papelão, e um pequeno capote cor de vinho, curto, que lhe vinha á cintura com um cabeção de veludilho velho. Chamavam-lhe o tio Cegonha, pela sua alta estatura, a sua magresa, e o seu ar melancolico e solitario. Amelia, um dia, tinha-lhe chamado tio Cegonha; mas depois, cahindo em si, ficou toda embaraçada, com os olhos baixos, e um ar de envergonhada.

O velho poz-se a sorrir:

—Ai, chama-me, minha rica menina, chama-me. Tio Cegonha... ora que tem? Cegonha sou eu, e bem cegonha!

Era então o inverno: os dias eram cheios de grandes chuvas; e essa aspera estação opprimia os pobres. Viam-se n'aquelle anno familias esfo-meadas, indo á camara pedir pão. Tio Cegonha vinha sempre ao meio dia: O seu guarda-chuva azul escorria, deixando um ribeiro na escada: trasia o capote todo molhado, e quando se sentava escondia na sua vergonha de velho as botas encharcadas com a sola aberta: e Amelia sentia-lhe as mãos frias, molhadas, todas desconsoladas. O velho queixava-se do frio das mãos, que o impedia de dar a licção, de ferir com justesa o teclado; alem d'isso não o deixava escrever no cartorio:—Prendem-se-me as mãos, dizia: enfim Deus ha-de ser pelo melhor.—Mas quando Amelia lhe entregou o preço da primeira semana das lições, n'um papel, logo no outro dia, veio o velho todo contente, trasendo nas mãos umas grossas luvas de lã.

—Ah tio Cegonha, que frio, que tinha hoje!

—Foi o seu dinheiro, minha rica menina. Já comprei estas luvas; agora ando a juntar para umas meias de lá. Deus a abençoe, minha menina, Deus a abençoe, coitadinha. E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lagrimas. Porque já fazia a Amelia confidencias: contava-lhe as suas necessidades, a longa provação por que passára, as saudades da filha, e as suas glorias na sé de Evora, quando tocava diante do sr. arcebispo, todo vistoso na sua sobrepeliz escarlata, accompanhando o *Te-Deum* solemne.

Amelia não se esqueceu das meias de lã do tio Cegonha. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

—Ora essa! para que? para ti?...

—Para mim, sim senhor.

—Deixe fallar, sr. chantre, disse a mãe.

—Não deixe fallar, não! dê, sim? dê!—E lançando-lhe os braços ao pescoço, começou a roçar-lhe o seu rostinho mimoso pela barba chamando-lhe ternamente, *querido amiguinho*.

—Que sereia! dizia o chantre rindo, que esperanças! ha-de ser o diabo!... Pois, sim, toma lá!—E deu-lhe dous pintos para umas meias de lã.

E no dia seguinte, tinha-os ella embrulhado n'um papel, que dizia por fóra em lettras garrafaes e todas tortas: Ao meu rico amigo, tio Cegonha, a sua discipula.

O tio Cegonha teve uma grande alegria: tinha as suas meias de lã. Ordinariamente, como o tio Cegonha vinha ás dez horas, ainda estavam no aparador restos do almoço, pedaços de pão, a manteiga, e se o chantre jantava n'esse dia em casa da S. Joanneira, estava a sobremesa, a marmelada, o copinho de geleia e o queijo da Serra.

Amelia via-o muitas vezes, durante a lição, olhar para o aparador. Um dia vi-o mais amarello, mais chupado:

—Que almoçou hoje, ó tio Cegonha?—disse-lhe ella de repente. —Mas logo, em seguida, como para emendar a pergunta: Quanto lhe dão lá no cartorio?

O velho fez-se muito vermelho.

—Eu minha rica menina... que me hão-ne dar? uma bagatella... quatro vintens por dia. Mas ás veses, dão-me assim alguma cousa,... hortaliças, couves, fructas...

—E chegam-lhe quatro vintens?

—Ora! como hão-de chegar!—sempre é almoço, jantar, roupa lavada... Pouco é, mas sempre custa.

Amelia calou-se e continuou batendo o teclado: mas de repente levantou-se, foi ao armario, trouxe um pires de marmelada:

—Estou com uma fome, tio Cegonha! —O tio Cegonha não disse nada. Amelia trouxe a marmelada para cima do piano, e pão.

—Vamos fazer uma merenda, tio Cegonha!

—Ai! eu não, minha rica menina, obrigado.

—Máo! então tambem eu não quero: um bocadinho só...

E tirou com a faca uma lasca de marmelada dura, branca, bem secca, e ergueu-a ao ar.

—Aqui vae para o tio Cegonha. Vamos, abra a bocca!

—Ora, minha menina...

—Máu! máu! então ficamos mal.—E rindo, obrigou o velho a comer.

—Agora, agora.—E erguendo-se pé ante pé, foi deitar vinho n'um copo, e pondo o dedo na bocca: Psiú! nem pio! quem manda aqui sou eu! Já!

O velho bebeu consoladamente. Mas sentiram-se os passos da mãe, e Amelia, retomando com toda a gravidade a attitude da lição, começou a solfejar alto, com um ar profundo de attenção e de zelo.

Assim se estabeleceu uma intimidade entre Amelia e o mestre de piano. Quando entrava, ella tomava-lhe o chapeu; quando chovia, tirava-lhe o capote: tinha sempre alguma golodice para elle, e terminou por levar a mãe a dar de almoçar ao tio Cegonha, nos dias de lição. Tinha-

lhe arranjado um casaco de panno, do chantre, e assim cercava aquelle velho infeliz de consolações e de bem estar. O tio Cegonha, saindo da concentração do isolamento, começava a encontrar em Amelia uma amizade inesperada, em que elle se estabelecia como n'um conchego tepido. Encontrava n'ella aquelle elemento feminino, que amam os velhos, com as suas carícias, as suavidades da voz, as delicadezas de enfermeira: achava n'ella a unica admiradora da sua musica, e encontrava-a sempre attenta ás historias do seu tempo, ás recordações ecclesiasticas da velha Sé de Evora. O velho amava Evora: se se falava de edificios, ou de procissões, ou de festas de Igreja, exclamava sempre:—Para isso, Evora! em Evora é que é!

No entanto Amelia applicava-se ao piano: era a coisa delicada e boa da sua vida: já tocava uma contradança e antigas arias de velhos compositores; e a sr.^a D. Maria da Assumpção estranhava o mestre por não lhe ensinar o Trovador:—*coisa mais linda!*—como ella dizia. O tio Cegonha só conhecia a musica classica, as velhas arias ingenuas e doces de Lully, de Gluck. Sabia dizer, com simplicidade piedosa, no piano, as musicas religiosas. Amelia gostava de as aprender. Uma manhã, o tio Cegonha, quando veio dar a sua lição, encontrou Amelia toda amarella e tristonha. Tinha estado doente na vespera. O dia estava nublado, electrico, escuro: um vento frio soprava. O velho queria ir-se embora.—Não, não, tio Cegonha, disse ella, toque alguma coisa, para eu me entreter. Então elle tirou o seu capote, sentou-se e tocou uma aria muito simples, mas infinitamente triste.—Que lindo! que lindo! dizia Amelia, de pé junto ao piano. E quando o velho deu as ultimas notas, desanimadas:—Quem fez? quem fez? perguntou ella.

E então o tio Cegonha contou-lhe que fôra um frade, seu amigo.—Coitado, disse elle, teve bem o seu tormento!

Amelia quiz saber a historia, e sentando-se no mocho do piano, toda embrulhada no seu chale:

—Diga lá, tio Cegonha, diga como foi. E batia-lhe docemente com a mão no joelho.

O tio Cegonha disse então que aquelle homem tivera em novo uma grande paixão por uma freira, e que de tristeza e de dor se fizera frade franciscano: ia muitas vezes visital-o, quando elle era organista, e ambos no órgão tocavam as musicas religiosas.

—Olhe, menina, parece que o estou ainda a ver...

—E era bonito?

—Se era! Um rapaz na flor da vida, rico... Um dia veio ter comigo, ao órgão:—Olha o que eu fiz, disse-me elle. Era um papel de musica. Abria em ré menor. E elle poz-se a tocar, a tocar... Ai, minha rica menina, que musica!—E o velho commovido, pondo-se ao piano, disse as notas plangentes da clave em ré menor.

Amelia, durante todo o dia, esteve pensando n'esta historia. Á noite, deitou-se mais doente: assaltou-a uma excitação febril e nervosa. Passou toda a noite n'um sonho espesso e vivo, visionario e incoherente,

em que dominava a figura do frade franciscano, destacando na sombra do orgão da Sé de Evora. Via os seus olhos profundos, os seus dentes brancos. Tinha sido uma paixão que assim o arrastara para a inteira dor e para a amargura do convento. Parecia-lhe ver a freira pallida, branca, clara e triste encostada ás grades negras do convento. Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o escuro côro: elle ia no fim de todos, lento, com o capuz sobre o rosto, e depois as portas cerravam-se. Depois via-o triste na sua cella, á luz da lampada suspensa d'um varão de ferro, que allumiava um santo, escrevendo n'um papel de musica. E era por amor que elle assim estava na insondavel afflicção. E o amor apparecia-lhe como alguma coisa sublime e doce, que separa e mata: julgava que os que amam nunca podem encontrar-se; e o amor apparecia-lhe como uma coisa impossivel, inaccessible e doce como a palpitacão das estrellas. Ao outro dia estava boa, mas sempre aquella allucinação sonhada lhe ficou na memoria como uma boia nas vacillações da agua.

Por esse tempo o chantre morreu de repente com uma apoplexia. Foi uma consternação inesperada. Durante dois dias a S. Joanneira, esguedelhada, em saias brancas, chorou pelos quartos; e por vezes atirando-se de bruços para cima da cama, com o rosto entre a roupa, os cabellos espalhados em roda, soluçava com grandes ais desconsolados. A sr. D. Maria d'Assumpção, as sr.^{as} Gansozos vieram n'aquelle dia, amansaram a sua dor com palavras triviaes; e a sr.^a D. Josepha Gansozo resumio as consolações geraes dizendo com a sua voz ciosa:—Deixa filha que te não ha-de faltar quem te ampare. Setembro commecçava então e a sr.^a D. Maria d'Assumpção que tinha uma casa na praia da Vieira quiz levar a S. Joanneira e Amelia para a estação de banhos para ella despender, nos bons ares saudaveis e em lugar differente, aquella dor accumulada.

—É uma esmolla que me faz, tinha dito a S. Joanneira. Sempre me lembra que era alli que elle punha o guarda-chuva, ali que elle se sentava a ver-me costurar.

—Está bom, está bom, deixa-te d'isso. Come e bebe, toma os teus banhos e o que la vae, la vae. Olha que elle tinha bem os seus sessenta.

—Ah! minha rica, a gente é pela amizade que lhe ganha.

Amelia tinha então quatorze annos, mas era alta e tinha já um relevo saliente de fórmas. Foi uma aventura pitoresca a partida para a Vieira. Era com pequenos rizos sonoros que ella via accumularem-se no carro de bois, as bahus e colxões. A presença do mar deu-lhe uma sensação ineffavel. Não se fartava de estar sentada na areia olhando a monotona cadencia da agua. Os dias estavam serenos, cheios de sol. A areia polida reluzia batida da luz crua, secca, penetrada d'um grande calor. A exhalacão sahia das aguas, espalhava-se no ar, e Amelia rolava-se na areia, sob o sol, penetrando-se de luz, de ar salgado, da forte vitalidade que se exhala do mar, da presença dos elementos vivos, do cheiro acre das algas verdeneiras. Estendia-se na areia e ali ficava impregnada de vida e de saúde, com o fato como uma esponja cheia d'agua. Veio-lhe ali

à pelle uma colloração forte e sanguinea, engordou, e o cabello que tinha castanho tomou um tom escuro e engrossou.

Logo pela manhã estava a pé. Era a hora do banho: as barracas de lona alinhadas estavam dispostas ao comprido da praia, as senhoras sentadas defronte em pequenas cadeirinhas de pau, embrulhadas em capas, as sombrinhas abertas, olhavam o mar; os homens de sapatos brancos, estendidos em esteiras, revolviam a areia com as mãos. Às vezes de uma barraca, uma rapariga sahia pallida, no seu vestido de banho de lã azul, a toalha no braço; demorava-se a fallar do frio, persignava-se ás escondidas e depois, trêmula, dando a mão ao banheiro trigueiro e molhado ia com passos assustados, e escorregando na areia entrava na agua, de vagar, rompendo a custo o mar d'agua esverdeada que fervia em roda. A onda vinha enrolada, ella mergulhava, e da praia riam vendo-a saltar e levar a mão ao rosto e ao cabello, nervosa; com movimentos sacudidos, e d'ahi a pouco vinha para a barraca com a toalha pela cabeça, sob o pesado vestido que escorria, vergando, fatigada, sorrindo e erguendo a diante a ponta da saia pesada d'agua, com os sapatos cheios d'areia molhada. No entanto as familias iam-se retirando vagarosamente depois do banho, com as cabeças amarradas em lenços brancos, as saias esguias e as sombrinhas abertas. Depois, de tarde, eram os passeios á beira-mar apanhando conchas; os espectaculos das sahidas dos barcos, do recolher das redes, e a cada momento a perspectiva do mar, com o ceu d'um azul claro ao por do sol e as ondas que gemem negras e pendem por ultimo com o seu mugido accentuado, em quanto ao longe o poente acende, nos seus grandes traços, doirados e moles tons. A noite reuniam-se e jogavam o quino.

D. Maria d'Assumpção tinha sido vizitada logo aos poucos dias por um rapaz filho d'um sr. Brito d'Alcobaça que era seu parente. Chamava-se Agostinho e era estudante de direito na Universidade. Era um rapaz baixo, de bigode castanho, uma pequenina pera, o cabello comprido deitado para traz, e luneta. Usava um grande chapéu desabado e trazia sempre, sobre o seu fato de mescla claro, um chale-manta escuro. O sr. Agostinho tinha um ar sympathico, recitava versos, sabia tocar guitarra, contava aneddotas de caloiros, fazia *partidas*, descrevia valentias e era famoso na Vieira, entre os outros homens, por saber conversar com senhoras:—O Agostinho, patife! disse o recebedor d'Alcobaça, — é chalaça a esta, chalaça áquella... um atrevimento assim!

Logo desde os primeiros dias, Amelia vio os olhos do sr. Agostinho Brito fitos sobre ella em attitude victoriosa. Corava um pouco, tremia, fazia tregeitos na cadeira e terminava por olhar para ali atrahida como involuntaria e vencida. O Agostinho torcia a pera radioso. Um dia tinham-lhe pedido para recitar.

—O' minhas senhoras isto aqui não é proprio, tinha elle dito.

—Ora vá! não se faça rogado. Olhe que não lhe digo aquillo, tinha dito a mulher do escrivão d'Alcobaça.

—Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

—*O Noivado do sepulchro*, Brito, disse o escrivão que estava encostado á hombreira chupando no seu cigarro.

—Qual *sepulchro*! disse elle, ha-de ser, mas ha-de ser a *Morena*, e olhou para Amelia.

—Valeu, valeu, disseram.

—E eu acompanho, disse um sargento do 6 de caçadores, tomando a guitarra.

Fez-se um silencio. O vento e o vasto rumor do mar ouviam-se. O sr. Agostinho ergueu-se, e com voz grave, deitando o cabelo para traz e fincando a luneta.

—*A morena* disse:

Ès morena bem o sei

E és morena do meu gosto

Requeimou-te o sol d'agosto...

—Perdão, disse o escrivão de direito, a senhora não está boa.

Era a filha do recebedor d'Alcobaça: tinha-se feito muito pallida e lentamente desmaiava na cadeira com os braços pendentes, o rosto cahido sobre o peito. Foram dentro, burrifaram-n'a d'agua, e o pai afflicto chamava por ella:—Juliana! Juliana! Por fim levaram-n'a para o quarto d'Amelia e quando lhe desapertaram o vestido e lhe deram agua de colonia a respirar, sahio do esvaecimento, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os braços, e romperam os choros. Fôra, os homens, em grupo, comentavam:

—Foi o calor.

—O calor que ella tinha sei eu, disse o sargento de caçadores.

O sr. Agostinho callado torcia o bigode com aspecto contrariado. Por fim todos se despediram e algumas senhoras foram a casa acompanhar a sr.^a D. Juliana. A sr.^a D. Maria d'Assumpção e a S. Joanneira, embrulhadas nos seus chales, tambem foram. A noite estava escura, com vento. Um creado levava um lampeão e todos caminhavam na areia calados.

—Tudo isto é teu proveito, deixa lá, disse a sr.^a D. Maria d'Assumpção á S. Joanneira.

—Meu?!

—Teu. Pois tu não percebeste? Esta Juliana, é que ha muito em Alcobaça era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui, anda pelo beijo pela Amelia, percebes? A rapariga percebeu; viu-o recitar aquelles versos a olhar para ella, zás!

—Ai! então...

—Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias que morrem por elle: é um partidão! A Amelia dá-lhe cavaco, digo-t'o eu.

—Eu já tinha desconfiado...

—Deixa. Deus escreve direito por linhas tortas.

Tinham chegado á porta do recebedor e todos abraçavam Juliana

com grandes recommendações. Algumas lembravam uma chavena de chá bem quente ou um banho aos pés com mostarda e davam grandes esperanças de melhoras.

Ao outro dia, á hora do banho, a S. Joanneira vestia-se na sua barraca e Amelia só, sentada na areia, esperava.

—Sosinha, disse uma voz por de traz.

Amelia voltou-se sobresaltada. Era o sr. Agostinho. E ella calada, começou a riscar a areia com o seu guarda-chuva. O sr. Agostinho passou o pé pela areia para a alizar e escreveu:—Amelia. Ella quiz apagar com a mão.

—Então! disse elle. E debruçando-se para ella: é á morena, bem vê.

Ella sorrio, e:

—Ande que fez hontem desmaiar aquella Juliana, disse.

—Ora importa-me a mim bem com ella! Estou farto até aos olhos d'aquelle estafermo. Então que quer? Eu sou assim. Tanto digo que me não importa com ella, como digo que ha uma pessoa por quem daria tudo... Eu sei...

—Quem é? É a D. Bernarda?

Era uma velha hedionda viuva de um coronel.

—É. Disse elle rindo. É justamente por quem eu ando apaixonado, é pela D. Bernarda.

—Ah! o sr. anda apaixonado! Disse ella de vagar, com os olhos baixos, riscando sempre a areia.

—Diga-me uma coisa, está a mangar commigo? disse elle, puchando uma pequena cadeira e sentando-se ao pé d'ella.

Amelia poz-se de pé.

—Não quer que eu me sente? disse elle.

—Eu é que estava cansada de estar sentada.

Callaram-se um momento.

—Já tomou banho? disse ella.

—Já. Respondeu Agostinho chupando o cigarro.

—Estava frio hoje.

—Estava.

As palavras do Brito eram seccas, curtas, enfastiadas.

—Zangou-se? disse ella approximando-se.

O Agostinho ergueu os olhos. E vendo o rosto de Amelia fresco, appetitoso, envolvido na manta branca de lã, disse:

—Estou menos doido...

—Chut!... disse ella.

Mas a distancia a mãe d'Amelia levantando a barraca sahia embrulhando-se na capa com o lenço amarrado na cabeça e o capuz por cima.

O Agostinho ergueu-se e a S. Joanneira adeantou-se.

—Então vem mais fresquinha? hein?

—Estava por aqui? disse a S. Joanneira aconchegando-se na capa.

—Toca ao almoçinho, disse o Agostinho.

—Se é servido...

E as duas afastaram-se em direcção a casa.

Desde então o Agostinho seguia sempre Amelia, de manhã, no banho, de tarde á beira mar. Apanhava-lhe conchas, buzios e tinha-lhe feito uns versos. Ella guardara-os com grande commoção, repetia-os de noite só, aconchegando-se á roupa da cama e suspirando.

No entanto setembro findava. Uma noite tinha havido na praia grande ruido. Os barcos que tinham sahido de tarde, com mar chão, tinham recolhido por que vinha sob o nordeste um temporal para a noite. Voltavam a toda a pressa recolhendo as redes cheias de carangueijos e era já noite escura, duramente ventosa, quando chegaram á praia.

O mar crescia, os barcos de fundo chato não podiam ser tirados para longe da onda e o mar crescendo tomava-os, batia-os e quebrava-os. As companhas queriam trazel-os para terra a toda a força de braços; mas era noite escura; tinham acendido archotes. Cada companha afflicta puchava desesperadamente. Os homens gritavam e as mulheres espalhavam pela praia o seu choro confuso: corria-se, confundiam-se; o vento accentuava-se pesadamente, o mar crescia e sentiam-se contra as costas dos barcos pancadas seccas e duras.

Todos os banhistas tinham vindo ver curiosamente aquella afflicção. Os homens embrulhados nos seus *paletots*, de longe, fumavam tranquillamente, calculando os destroços.

— Aquelle barco d'além está perdido.

— Não, este é que não escapa, tem já um rombo.

As mulheres juntas, calladas, viam. No entanto na escuridão, na confusão dos grupos, Agostinho tinha dito a Amelia baixo:

— Sabe? — talvez eu tenha de me ir amanhã embora.

— Vae-se? disse ella.

— Talvez; não sei ainda.

— Vae-se... murmurou Amelia.

Ficaram callados.

Elle tomou-lhe o braço, ella deixou, passivamente, e Agostinho foi-se afastando na escuridão. Havia a distancia um velho barco inutil com o fundo voltado formando como que uma gruta de pau. Sentaram-se alli.

— Escreva-me, disse Agostinho.

— E a mim, escreve-me? disse ella.

Agostinho lançou-lhe o braço á cinta e attrahindo-a fortemente encheu-a de beijos, pelo rosto, pelos hombros e pelo cabello.

— Deixe-me! deixe-me! disse ella.

E elle sentiu-a dobrar-se-lhe nos braços, mas então um grupo que passava, voltando para casa, e Amelia sobresaltada deitou a correr para junto da mãe.

Ao outro dia o sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas e dentro em pouco Amelia, a mãe, a sr.^a D. Maria d'Assumpção voltaram para Leiria.

Mezes depois a sr.^a D. Maria d'Assumpção deu parte que o seu so-

brinho Agostinho, segundo lhe escrevia d'Alcobaça, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

— Caspitê! tinha dito a sr.^a D. Joaquina Gansozo, apanha nada menos dos seus trinta contos! olha o méco!—E mesmo ali deante de todos Amelia começou a chorar; e quando se viu só no seu quarto, deante d'aquella desgraça, lembrou-se do frade, de quem lhe fallára o tio Cegonha, que por um amor impossivel se fora esconder no convento como n'um esquecimento insondavel.

Amelia amava Agostinho cegamente, sem raciocinio, pela sensibilidade instinctiva: achava-o bonito e admirava-o recitando á guitarra, conversando e parecia-lhe vel-o ainda embrulhado no seu chale, apoiado a um cajado, com os seus compridos cabellos castanhos e a testa branca e firme. Depois aquelles beijos, de noite, debaixo do barco tombado, tinham posto no seu sangue impaciencias, excitações a que se abandonava com um encanto, como um corpo se afunda deliciosamente no calor d'um banho. Lia sempre um bilhete que elle lhe escrevera, estorcia-se dizendo o nome d'elle, emagrecia, e perdera a coloração saudavel que trouxera da influencia do mar. E pensava sempre em que elle ia casar com uma mulher rica.

Desde então Amelia julgou-se chegada a uma desgraça irremediavel. Não tornou a ter alegria. A vida appareceu-lhe como um copo vazio que se abandona. Nada tinha a esperar de bom. A lembrança de frei Jeronymo determinava a sua resolução. Não se podia fazer freira, mas absorver-se-hia em Deus, nas rezas e nas devoções. Durante dois dias chorou; depois vestiu o seu vestido de merino preto que a mãe lhe fizera para o lucto do chantre. Começou a passar longas horas na egreja. Ajoelhava deante do altar ora rezando, ora esquecendo-se em toda a sorte de pensamentos estranhos; depois voltava a rezar até que se erguia, e embrulhando-se no seu chale saía com ar melancolico. A mãe ralhava-lhe por esta longa demora; ella suspirava baixo, fechava-se no quarto e dava-se ali á leitura de livros piedosos que a mãe tinha n'um armario onde os havia deixado um padre que conhecera. Ás vezes distrahia-se da leitura, vinha ao espelho, compunha o cabelo, agcitava o collarinho, mas depois lembrava-se que devia ser severa e triste e voltava, bocejando um pouco, para o velho livro devoto e mystico. Tinha comprado santos que pregára pelas paredes do quarto; resava toda a noite e confiava no que os padres lhe diziam da hierarchia celeste. Assim resava mais a S. Pedro que a S. Lourenço, e mais á Senhora da Encarnação que á Senhora da Piedade. Ás vezes quando o dia estava bonito, cheio de sol, e os gallos cacarejavam alegremente no quintal, surprehendia-se cantarolando animada, com o peito dilatado n'um bem estar. Mas recalcava, vencia, o seu contentamento e fazia recahir como um veo escuro sobre o rosto a attitude infeliz. Ouvia todos os dias missa, commungava todas as semanas e a miudo ia ajoelhar, ao pé dos padres da sé, a confessar-se.

Por fim a lembrança de Agostinho tinha-se desvanecido e já não se lembrava com nitidez da sua phisionomia. No entanto no seu espirito va-

zio a devoção e o amor da igreja alargavam-se e dominavam. Por esse tempo o conego Dias e sua irmã a sr.^a D. Josepha Dias começavam a frequentar a casa da S. Joanneira. Dentro em pouco o conego tornou-se habitual, methodico. Vinha jantar regularmente duas vezes por semana. Depois d'almoço era certo com a sua cadellinha e tomava para si as antigas horas do chantre.

—Tenho-lhe muita amizade. Faz-me muito bem, dizia a S. Joanneira, mas o sr. Chantre não ha dia nenhum que não me lembre d'elle.

A San Joanneira tinha tambem accentuado mais as suas devoções. A irmã do conego vivia exclusivamente para a igreja e para os interesses ecclesiasticos. Tornara-se a amiga intima da S. Joanneira; tinham organizado ambas a *associação das irmãs do S. Sacramento*. A sr.^a D. Maria da Assumpção e as Gansozos pertenciam tambem.

A casa da S. Joanneira tornara-se um centro ecclesiastico; tinha um cheiro enjoativo e beato de cera e de incenso. Havia imagens de santos na sala de jantar. As creadas eram examinadas em doutrina antes de serem acceitas. Ali faziam-se as reputações. Se se dizia de uma mulher, d'um homem: *não é temente a Deus*, todas aquellas beatas se julgavam no direito de os desacreditar pouco a pouco. As nomeações de coadjutores, de sineiros, coveiros, serventes de sacristia, faziam-se ali por intrigas subtis e palavras piedosas. O novo chantre tinha tambem vindo áquelle centro devoto. Tinham tomado um certo vestuario entre o preto e o roxo e a linguagem era impregnada de exclamações mysticas e de gestos contritos.

Para imitar mais a igreja defumavam a caza com incenso. Algum tempo a S. Joanneira monopolizou o commercio das hostias. Os padres ali eram absolutos, tyranos, implacaveis.

Amelia dava-se bem n'este meio de devoção e de interesses de sacristia. O seu temperamento sensível, voluptuoso, dava-lhe uma certa exaltação. Prostrava-se como succumbida deante do Santissimo, beijava ardentemente os pés dos Christos nas cruzes: em casa estava sempre aborrecida, impaciente por voltar para a igreja. Tinha devoções por todos os altares, rezas para todas as horas, julgava culpada cada idea que lhe vinha ao espirito e impunha-se uma penitencia. Sobretudo com a sua natureza sensual, impressionavel, nervosa, todo o apparatus religioso a revolvía profundamente: gostava das missas cantadas com as bellas capas d'asperges recamadas de ouro, as scintillações das luzes e o abafado oppresso da igreja que impelle aos desmaios e a fadigas languidas.

Com esta educação achava n'essa hora triumphante que os padres eram uns entes superiores. Amava sobretudo a religião pela sua belleza e pela quantidade de elementos theatraes que ella põe na vida; e tinha necessidade de se impressionar, de ter uma vida que pela sensação aguda se elevasse acima da existencia arrastada e monotona da costura e da caza. Precisava viver ligada a um alto interesse, formar d'elle a sua força, a sua occupação, a sua sensação. E entregára-se toda á igreja. A

egreja era o seu amor, o seu luxo, a sua voluptuosidade. Gostava de se vestir, de se enfeitar, de se aromatisar, para se ir sentar nos tapetes do altar-mór junto dos tocheiros dourados. Gostava de ver os gestos sacramentaes, e os padres a reluzirem sob a luz hesitante das velas de cera e os recamados d'ouro das suas capas. Dilatava as narinas ao cheiro da cera, e do incenso: confrangia-se de voluptuosidade aos unisonos que rompiam briosamente com as agudas vozes fanhosas do cantochão nos alegros triumphantes da missa.

A igreja apparecia-lhe pela convivencia e intimidade de tantos padres como um complemento de sua caza e quando atravessava para o altar-mór era com um sorriso como quem n'uma festa se acha entre os seus convidados: ás vezes sorria intelligentemente para os padres como nas plateas dos theatros os homens ao entrar sorriem dando com caras conhecidas. Lamentava que a Sé fosse construida n'uma ampla structura de pedra d'um estillo frio e claustral: queria uma igreja pequena, dourada, tapetada, forrada de papel. Tinha requintes de beata. E uma coisa que a desgostava era que os padres ordinariamente fossem feios, porque para a belleza harmonica da religião, os bellos paramentos deviam reluzir sobre esbeltas figuras pallidas de typo sympathico. Tinha tambem tomado gostos beatos: e o toque do Santissimo e dos finados eram musicas que lhe agradavam, sobretudo em certos dias enevoados, em que ellas como que exprimiam a tristeza dos ares.

Foi por este tempo que ella conheceu o escrevente, no dia da procissão de *Corpus-Christi*. Era em caza do tabellião Nunes em cujo cartorio escrevia João Eduardo. Amelia, a mãe, a sr.^a D. Josepha Dias tinham ido ver d'ali a procissão. O João Eduardo estava lá, correctamente vestido de preto, serio e calado. Havia muito que Amelia o conhecia, mas n'aquella tarde reparou na sua phisionomia doce, na brancura da sua pelle, na gravidade com que ajoelhava, e como estivera na janella, ao pé d'elle, reparara na brancura dos seus dentes; e um certo cheiro de pomada que elle tinha no cabello ficou-lhe na memoria, e com essa recordação, a dos cabellos que eram castanhos, anelados, finos com um tom suave.

À noite o tabellião deu um chá. A filha mais velha, uma pessoa de peito secco e chato, nariz adunco e luneta de tartaruga sentou-se ao piano e com os seus magros dedos ferio com um brio maquinal uma mazurca. João Eduardo aproximou-se d'Amelia:

— Ai, eu não danço! disse ella com ar secco.

João Eduardo não dansou e foi encostar-se á hobreira com a mão na abertura do collete e os seus olhos a cada momento se voltavam para Amelia. Esta olhava-o, via-o. Erguendo o leque inclinou-se ligeiramente para traz, o seu hombro agitou-se sacudido de tosse com um movimento doce. Por fim ao pé d'ella houve uma cadeira vazia. João Eduardo veio sentar-se. Ella fez-lhe o lugar acomodando o vestido. O escrevente embaraçado torcia o bigode com uma das mãos no bolso. Amelia fallava baixo com uma senhora velha que estava ao pé com plumas na cabeça

e oculos d'ouro, com muitas rendas. Por fim voltando-se para João Eduardo:

— Então o sr. não dança tambem?

— E a sr.^a D. Amelia? disse elle baixo.

Ella inclinou-se para traz e batendo com o leque nas pregas do vestido:

— Ai, eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa séria.

— Nunca se ri? perguntou elle, querendo pôr na voz uma intenção fina.

— Ás vezes rio quando ha de que, disse ella olhando para elle.

— De mim, por exemplo.

— De si?! ora essa! Porque me hei de eu rir do senhor? Boa!...

Então o senhor o que tem que faça rir? E agitava o seu leque.

Elle calou-se procurando as ideas, as delicadezas...

— Então serio, serio, não dança?

— Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador, disse ella rindo.

— É porque me interesse por si.

— Ora, deixe lá! disse ella fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

A sr.^a D. Josepha Dias aprumou-se direita no seu vestido de folhos. João Eduardo levantou-se. A sahida Amelia estava no corredor com as outras pondo os agasalhos. João Eduardo de chapéo na mão aproximou-se d'ella: cubra-se bem, não apanhe frio.

— Então continua a interessar-se por mim? disse ella apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possivel, creia.

(Continúa).

EÇA DE QUEIROZ.

O CRIME DO PADRE AMARO

Logo na semana seguinte o cônego foi para a Vieira. E d'ahi a dias partiu a S. Joaneira. Por causa do calor foi de noite; ia n'um carro de bois, com toldo e um colxão, onde entre trouxas de roupa, a S. Joaneira ia sentada, com o gato no collo. A Russa toda enroscada, tossia encostada aos fueiros, embrulhada n'um cobertor. O luar nascia cêdo.

O padre Amaro foi dizer-lhe adeus. Estavam para partir. O carro da bagagem, com louças, enxergões e trem de cosinha, tinha ido adiante. A S. Joaneira chorava um pouco pela filha.

— Deixe estar que ella vae-lhe lá fazer uma visita.

— Por força! Que eu se me parecer, appareço por ali qualquer dia.

— Qual! Ella qae vá lá, que é nova e pôde com a jornada.

— Vamos lá, minha senhora, disse o carreiro.

— Vá, vá, senhor João.

— Adeus senhor parochó, e estendia-lhe a mão. Muito obrigado por tudo. E olhe, appareça lá pela Cortegana, olhe pela rapariga.

— Vá descançada, minha senhora, deixe estar.

— Adeus, senhor parochó, adeus, e muito obrigado.

— Adeus, minha senhora, adeus. Russa, agasalha-te.

O carro partiu com solavancos pela calçada; e o carreiro adeante cantava. Uma lua serena amaciava o ar.

O padre Amaro sentiu-se triste. Ficava só em Leiria. Eram dez horas da noite e foi passear pela estrada dos Marrases. O luar enchia-a.

Uma especie de nevoa luminosa dava uma grande suavidade á paisagem. As fachadas das casas distantes, pelos campos, batidas de claridade, destacavam-se. Foi até ao rio; a agoa corria mansamente com um

pequeno marulho, batilhando contra a terra lodosa das margens; uma claridade tremia como uma malha finissima, e debaixo das arvores havia grandes sombras tranquillias.

Mas aquelles aspectos entristeciam-o. Voltou para a cidade; passou por casa da S. Joaneira. Estava escura, com as janellas fechadas, com um ar abandonado e morto; o luar batia-lhe. Tinham tirado as cortinas de cassa pregadas ás janellas, e os vasos de alecrim tinham ficado esquecidos. Ás vezes Amelia vinha ali colher um ramosinho, punha-o no cinto. Tudo tinha acabado talvez! Havia quasi um anno que viera para aquella casa, indifferente, socegado. E quantas amarguras agora! E recordava-se. Ella costumava trabalhar á janella de cima, sentada no poial baixo. Quantas vezes a vira ali! Era na outra janella, a salla de jantar, com o seu velho piano! E vinha-lhe uma tristeza vaga, tranquillia e infinita como o mesmo luar! Sentia lagrimas, e com a garganta tomada, presa por soluços, foi para casa, devagar, revolvendo a sua vida triste.

E durante a primeira semana não foi á Cortegana. Mas que longos dias, enfastiados e vãos! O seu officio ecclesiastico pesava-lhe. E a solidão tornava-o inquieto como um animal preso. Fôra uma tarde procurar o coadjutor; tinham passeado; mas aquelle homem, esguio, doente, com tosse, calado e respeitoso, dava-lhe uma especie de torpor enervante; quasi desejava maltratar-o. Quiz ler para entreter aquelles dias, mas não tinha livros; os que tinha eram mysticos, e toda a piedade findara no seu espirito. Sentia-se vasio de Deus. E estava deante do altar como um actor sobre o palco. Não comprehendia; e ás vezes exaltando-se a rezar ou a celebrar, queria pela compuncção das attitudes, pelas palavras estaticamente ditas, e pela expansibilidade dos gestos religiosos chamar ao seu peito o antigo fervor vivo e actuante. Mas ficava indifferente, sem amor, sem temor. E mesmo já não lia o Breviario, nem rezava á noite.

Alem disso tinha difficuldades de dinheiro; a congrua andava atrasada. Dyonisia era exigente; e aquelle segredo era para ella um rendimento abundante.

Amaro emagrecêra, andava amarello. Todos na cidade o estranhavam. Demais, a sua casa estava desleixada e confusa. A criada, a irmã da Dyonisia, absorvida na devoção, não tinha arranjo; o jantar era mau; roupa suja arrastava-se pelo quarto: não tinha lenços e assoava-se ás piugas servidas! E havia quinze dias que não vira Amelia.

Não quisera ir; receiava as suspeitas da velha; e o cônego aconselhara-lhe que nos primeiros tempos se abstinhesse de a ver.

Mas um dia Dyonisia appareceu-lhe ao jantar. Ella morava ao pé, e a todo o momento ia a casa do padre.

— Grande novidade, disse ella. Está cá o escrevente.

— Então?

— Já hoje o vi. E hoje é que soube tudo.

— Então?

— O rapaz tinha ido para Lisboa com o dr. Silves.

—Como! com o dr. Silves!

—Pois o Silves tinha ido para Lisboa! E elle veio com elle?

—Veiu só. Pois ahi é que está o bonito. O senhor parochó não sabia?

—Mas o que, mulher de Deus? Acabe!

—Ah! eu cuidei que sabia. A irmã estava em casa do doutor. Elle quando foi para Lisboa com a familia, no principio do verão, levou-a tambem e ao irmão, para ver se o empregava por lá. Pois no fim parece que o Silves, que é desaforado com mulheres....

—Queria....

—Nem mais, nem menos. Parece que houve escandalo. O caso é que o rapaz apresentou-se hoje ahi com a irmã. E pelos modos parece que se arranjou.

—Que se arranjou, como?

—Parece que vae para mestre da filha do Morgadinho.

—Qual Morgadinho?

—O de Poyaes. É estrada lá pela Cortegana. O rapaz agora é capaz de dar pela Ameliasinha, e passar ali todos os dias.

—Então elle não vive lá?

—Parece que não. Vae pela manhã, janta, e volta pela noite. A irmã está cá na cidade. Eu fiquei bansada com estas noticias todas.

O padre Amaro ficou preocupado. E n'esta tarde depois de jantar, tomou o seu capote e foi á Cortegana. Era menos de meia legua; a estrada era lisa; d'um lado olivaeas, com o seu tom triste, parado e monotono; do outro os campos, por onde o rio passava entre a sua alea estreita de choupos esguios. Era uma tarde tranquillá, e as grandes vegetações d'um verde quente cheio de seiva pareciam repousar do sol. Trabalhadores recolhiam com a sua enchada ao hombro. Os carros chiavam. Mulheres passavam com grandes molhos de hervas. Uma creança em farrapos, com uma vergasta, tocava um bando de carneiros vagarosos, com o seu andar miudo. Um sino tocava a distancia. E o grande ceu estava cheio de luz branda, pallida e quente, e o seu grande aspecto bondoso, serenava!

A Cortegana era uma casa com quinta, pomar e olivaeas; estava á beira d'um pequeno caminho feio e triste, onde a sua fachada amarellada, d'um só andar, com varandas de ferro, destacava soberbamente. O comprido terraço, ao lado, com vasos collocados a espaços, onde se erriçavam cactos, tinha um aspecto antigo e de habitação morgada. Um corregedor de Pombal comprára aquella vivenda por baixo preço a um fidalgo arruinado, notavel toureiro da côrte; e como era padrinho da irmã do cônego, e não tinha filhos, deixára-lh'a por morte, com grandes olivaeas ao pé de Ourem. A irmã do cônego tinha grande orgulho n'aquella propriedade que era a cousa excellente da sua vida e o seu cuidado.

O aspecto interior no entanto era melancholico. As sallas grandes de altos tectos de castanho escuro, frias, com echo sonoro, estavam apenas mobiladas, ao longo das paredes, com bancos compridos, cujo assento se abria como uma tampa, e que tinham ainda nos espaldares o vestigio

desbotado e lascado de braços pintados. Havia apenas tres quartos mobilados, burguezmente, com leitos de ferro, cadeiras de pinho. A quinta andava arrendada, e os caseiros faziam d'aquellas vastas sallas, onde outr'ora se tinham dado festas no gosto requintado, emphatico e lugubre do tempo de D. Maria I, uns colleiros primorosos. Estavam amontoados aos cantos saccos de milho e de cevada; e estendido n'uma camada delgada, secava o feijão.

Logo desde os primeiros dias, Amelia caíra n'uma tristeza enervada. A velha, ao principio, sentira allivios inesperados; mas depois, subitamente recaíra, e sempre na cama, com uma tosse aspera e sêca, um terror agudo da morte e uma perpetua murmuração de rezas, tornava aquelles dias mais monotonos, d'uma desolação pesada.

Tinha levado consigo a creada, a Thereza, que cosinhava, descontente, resmungando.

Ao fundo do pomar viviam n'umas casas baixas, os rendeiros, casados, com filhos. Era uma gente recolhida, callada e activa, e só de vez em quando appareciam na cosinha da casa.

Era nos fins de agosto; algumas arvores, bem cêdo, começavam a perder as folhas; as tardes tinham uma pallidez quente e tranquillã, e havia já na paisagem um recolhimento outomnal.

Amelia passava os dias no quarto, ao pé da doente, costurando, e á noite a Thereza com a saia pela cabeça, as contas na mão, vindo de rezar a sua estação a Nossa Senhora, ia fechar as portas; mas tinha receios de ladrões, de almas penadas, e Amelia, atraz, amparando a luz do vento, pelos corredores, fallava-lhe, dava-lhe animo.

A noite era a sua hora mais tristemente arrastada. A sua vida apparecia-lhe irremediavelmente infeliz. Aquella vasta casa solitaria dava uma decoração funebre aos seus pensamentos. Qualquer ruido tinha um echo cavo, demorado, e Amelia estremecia pensando em defunctos, fogueiras de bruxas e aves agoureiras que annunciam a morte. Estava cheia de presentimentos, de superstições. Alem d'isso, a irmã do cônego, gemendo no seu leito, quasi no fim da vida, instinctivamente, chamava-lhe a idéa para as cousas da morte e para os destinos da alma. Porque podia morrer de parto! E quem sabe se estava em peccado mortal! A sua paixão por Amaro tinha agora largos espaços pacificos cheios de reflexão, e a verdade apparecia-lhe nitida, inilludivel, destacando. Ella solteira, affastára o noivo, o marido, a situação legitima; entregára-se a um homem, a um padre! E apesar das subtilezas amorosas, das attenuações devotas, o facto permanecia por si, culpado, sensual, inabsolvido.

No primeiro dia em que Amaro veiu á Cortegana, ella conservou-se concentrada, inalteravel, modesta, como alheia a elle. Era no quarto da velha.

—Está doente? tinha elle dito com intenção.

—Um pouco, respondeu Amelia, baixando os olhos.

O padre tinha começado a vir regularmente duas vezes por semana. Vinha quasi sempre ao fim da tarde, e ficava no quarto da Josefa. Ac-

cendiam o candieiro de latão, pondo diante uma velha chapelleira, para dar sombra ao rosto da velha: ella deitada fallava pouco, e a sua pallidez fundia-se vagamente na penumbra com os travesseiros e o lenço branco amarrado na cabeça. Amelia sentava-se á cabeceira e Amaro junto aos pés da cama, n'uma alta cadeira de couro.

Fallavam baixo. Depois vinham grandes silencios, e destacava o respirar catarrhoso da velha. A Theresa entrava e, sentada a um canto, ficava cabeceando, toda somnolenta. Então Josefa dizia algumas palavras arrastadas, baixas, com uma voz expirante, e as suas mãos lora da roupa raspavam devagarinho, com as unhas crescidas, o linho dos lençóis. Tornavam a callar-se. Sentiam-se os inapreciaveis ruidos da noite no campo; o pendulo de um velho relógio batia monotonamente. De vez em quando Amelia suspirava. Até que Amaro sentia-se invadir por um tédio pungente; erguia-se. Amelia ás vezes ia acompanhá-lo só até á porta, allumiando, e ali davam um beijo frio, retraído.

O tempo mudára: havia agoaceiros, electricidade, nuvens pesadas. Depois o tempo sêco voltara, mas Amelia não passeava para não deixar Josefa só. Levantava-se cedo. O seu quarto, nas trazeiras, dava para um pateo onde havia o curral; e Amelia penteando-se, sentia em baixo o grunhir dos porcos; e depois só, na grande sala de jantar, defronte da sua chavena de café com leite, vinham-lhe tristezas, recordações. Aquella hora costumava almoçar com a mãe; o sol entrava, alegrava a pequena sala, e ás vezes ia tocar um momento ao piano em quanto a mãe fazia a sopa ao gato. Que faria ella na Vieira? O que fariam os outros, os conhecidos, os amigos da casa? Depois toda a manhã passava ao pé de Josefa. A velha fallava-lhe pouco, com uma certa frieza hostil; considerava peccar, faltar á caridade, alludir ás suas infelicidades; e então retraía-se e dizia sempre, sêcamente «a menina».

Demais Amelia tinha dias doentes, com ancias, irritações nervosas, appetites vagos; ficava então deitada toda a manhã, só, no seu quarto. Aquella solidão fazia-a soffrer; chorava. Todos a abandonavam, pensava. O padre Amaro estava tres, quatro dias, sem vir. Então no seu solitario pensamento, Amelia accusava-o; vinham-lhe a espaços, contra elle, odios agudos e passageiros. Mas como tinha grandes pesos de cabeça, ás vezes adormecia n'aquelle estado infeliz.

Depois do jantar passeava no terraço; não ia á quinta para não encontrar os trabalhadores, os rendeiros, por que já não podia occultar o seu estado.

Por baixo, rente do terraço, era o caminho dos Poyaes de Santa Catharina. Havia do outro lado uns silvados; e para alem eram terrenos, campos, olivae, elevações accidentadas, diversos tons de verduras, uma paisagem pallida e esteril; e no fundo a perpetua immobilidade do ceu mudo. As vezes destacavam, na pallidez do poente, pittorescas decorações de nuvens. Amelia ficava a olhar, e aquelles ceus que não comprehendia nem a impressionavam, davam-lhe todavia uma sensibilidade instinctiva. Pensava em outros destinos que poderia ter tido! Estaria

talvez casada! Riria, seria feliz; teria um pequerrucho vermelho, gatinhando e babando-se! Triste, triste! Mas então a voz de Thereza chamava-a. Era a irmã do cônego que se queria voltar e era necessario ajudal-a, ou eram as horas do remedio.

Mas d'ahi a pouco no quarto da velha começava a escurecer. Thereza vinha. Rezavam o terço, baixo, murmurando na penumbra; depois ficavam n'um grande silencio; um sino d'uma capella proxima tocava Ave-Marias.... Amelia estava triste até ás lagrimas; o quarto estava já escuro; o arquejar da velha vinha do fundo. Ella ia encostar-se á janella; havia escuridão nos campos; no horisonte, claridades d'um dorado pallido tinham ficado; mas no alto já algumas estrellas appareciam. No caminho passavam vultos de trabalhadores, á volta do trabalho; as mulheres em rancho ás vezes cantavam. Aquella hora de certo a mãe, como era costume, recolhia do passeio da praia; e os barcos voltavam; ainda algumas rêdes se estavam tirando; as senhoras recolhiam ao *pa-lheiro* rindo, em grupo. A espuma fazia grandes riscos brancos na areia. E ella ali só! Que tristeza a da sua vida!

Todos das suas relações estavam a banhos; ou na Vieira, ou na Nazareth. Ninguem a viera ver. E assim passavam os seus dias.

Mas lentamente, no meio d'aquelle tédio e á maneira que se aproximava o termo da gravidez, voltaram certos movimentos de temperamento. Quando Amaro vinha fazer a sua visita fria, distraida, ella olhava-o fixamente, como outr'ora. Quando elle saia, ficava triste. Apertava-lhe fortemente a mão, começava a pensar n'elle durante o dia. Que faria aquellas horas? Estava na cidade, só, triste. E via-o no isolamento do seu quarto, entregue ás curvaturas da dôr e ás amarguras da separação. Lembrava as horas da casa do sineiro e essas recordações faziam-a suspirar.

Um dia, quando Amaro ia a sair, ella foi acompanhá-lo só, até á porta; e ali pousando a luz, n'um banco, lançou-lhe os braços ao pescoço, com força, e olhando-o, deu-lhe um beijo, outro, outro, devagar, ruminando o seu gozo; e o padre sentia-a enfraquecer e dobrar-se-lhe nos braços. Então perguntou-lhe:

—A porta do pomar não tem uma chave?

—Tem, tem, disse Amelia radiosa, comprehendendo.

—Arranja-m'a.

E logo ao outro dia a Dyonisia appareceu na quinta; fallou só com Amelia. Ella deu-lhe a chave e combinaram. O pomar ficava em seguimento ao terraço; tinha uma portinha verde que abria sobre o caminho, no muro. Depois uma escada de pedra conduzia do pomar ao alto do terraço. E logo n'essa noite, Amelia, depois de se ter recolhido, preparou-se para esperar Amaro. Deram onze horas. Ella tirou as botinas, e em meias, a saia branca, saiu do quarto, atravessou a sala proxima, e abriu a porta envidraçada, que dava para o terraço, e mostrou, na noite, a claridade da luz. D'ahi a momentos o padre Amaro atravessou o terraço, entrou; trazia um chapeo desabado, uma capa curta, uma grossa bengala. Vinha commovido. Ella tinha os braços nus, e com a luz na mão, a sua pelle

branca, firme, tinha tons lacteos, quentes, todos mimosos, e logo ali se abraçavam freneticamente com beijos rapidos, que se devoravam!

E assim começavam a ver-se umas poucas de noites por semana. N'esses dias estava impaciente, nervosa, doente. Recolhia-se ás nove horas; deitava-se meia vestida dentro da roupa. Ás dez, levantava-se devagarinho; ia ver se a velha dormia, ao outro extremo da casa, e se a Thereza já se recolhera tambem. Voltava para o seu quarto; mas só naquelle isolamento nocturno tinha mêdo, estremecia, e accendia duas luzes para se dar animo; passeava no quarto, descalçava-se para não fazer ruido. As horas pareciam infinitas, e para as abreviar punha-se a contar os minutos; queria rezar, ler uns livros que trouxera; mas não podia distrair-se. Começava a palpitar com as esperanças da entrevista. Olhava-se ao espelho; e via no fundo a sua physionomia viva, expressiva, radiosa e pittoresca.

Dava então meia noite. Ella abria a porta, fazia o signal da cruz, saía com o pé direito, e invocando machinalmente os santos, ia abrir a porta do terraço. Amaro chegava esfregando as mãos; já havia um certo frio da noite.

— Porque não trazes luvas? dizia ella, e retraía-se ao contacto d'aquellas mãos frias.

Mas elle punha-se então a esfregal-as rapidamente nas calças.

— Deixa ver agora, dizia ella.

Elle dava-lhe as mãos.

— Ah! já estão tão quentinhas.

E eram infinitas perguntas, ciumes, pieguices, e ás vezes fazia-lhe cocegas, de vagar, na coróa.

— Já deve ser tarde, dizia por fim Amaro. Entreabria a janella. Um vago ar da madrugada clareava a noite.

— Vou-me.

— Não, não, espera.

Amaro levantava-se para partir. Amelia em saía branca com um saiote de bacta pelos hombros, os braços crusados, tremia com frio.

O padre saía.

— Vem amanhã, dizia Amelia, vem! Estou tão aborreeida. E acompanhava-o até á porta, tiritando, enquanto o padre se agasalhava na capa, e ella com a mão diante da luz, por causa do vento, abria de vagarinho a porta envidraçada do terraço. Um ar frio cortante, entrava.

— Apre! dizia ella.

— Isto é que não é lá muito bom, não. Adeus. E elle descia, rapido, confrangido, encolhido, batendo o queixo.

Mas uma noite, cêdo, Amelia estava doente; e pouco depois da meia noite separaram-se. Amaro descia do terraço. E ao abrir a porta do pomar, viu um homem que ia passando, chegado ao muro. Havia lua entre nuvens que corriam sob o vento, e Amaro aterrado, reconheceu o escrevente. Fechou rapidamente a porta, tornou a subir o terraço, bateu de mansinho á porta que Amelia acabava de fechar.

—Abre, sou eu.

Ella abriu assustada.

—Viram-me, disse o padre.

—Quem? quem te viu?

—O escrevente, parece-me.

—Santo Deus! E Amelia pallida, ficou a olhar para elle.

—Que diabo! dizia o padre.

—E elle que sabe que eu estou aqui! disse Amelia cheia de terror!

—Sabe? exclamou baixo o padre. Viu-te?

—Viu-me antes de hontem, no terraço, de manhã. Até olhou para traz.

—Essa maldita mania de estar no terraço! Diabos te levem...

Mas Amelia abraçou-se a elle; pedio-lhe perdão meigamente. O padre Amaro estava desesperado. Elle fallaria, contaria, tudo seria sabido; era a desgraça, a suspensão, a miseria! E o padre passava pela sala, e as suas botas faziam echo.

—Anda devagarinho, dizia ella.

—Que me importa?

Mas então vinham as supposições boas. Talvez elle o não conhecesse.

—Talvez nem fosse elle, dizia.

—Era! era!

—A esta hora?

—Vem de casa do morgado. Naturalmente ficara até mais tarde; um dos pequenos adoecera talvez.

—Quaes pequenos? perguntava Amelia.

—Os do morgado. Elle é o mestre. Vae lá todos os dias. Passa sempre por aqui! É o diabo!

Mas era quasi madrugada. Amaro foi espreitar o caminho, do parapeito do terraço. Ninguém. A noite estava fria e mordente. Não era natural que elle ficasse esperando, ali, no caminho escuro!

E o padre Amaro saiu pelo pomar, tremendo. E durante todo o caminho olhava em redor desconfiado; tremia ao menor ruido. Era quasi dia claro quando chegou a casa.

XX

E então aquelles encontros nocturnos suspenderam-se. Nem podiam continuar. Amelia estava no fim do seu periodo.

O cônego escrevera dizendo — «que a S. Joaneira tinha já trinta banhos, queria voltar; alem disso Amelia escrevia-lhe pouco. Eu, accrescava, pouco quasi todas as semanas tres, quatro banhos, de proposito, para os espaçar, dar tempo, por que cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cincoenta, não vae. Ora já tenho trinta, veja lá você. Mande-me dizer em que estado estão as cousas.» E n'um *post-scriptum* dizia: «Tem você pensado que destino se ha de dar ao fructo?»

Aquella carta preoccupou amargamente Amaro; consultou Dyonisia.

—Olhe, menino, mais vinte dias, menos vinte dias.

E Amaro respondeu ao cônego: «A cousa pode estar prompta d'aqui a vinte dias. Suspenda por todo o modo a volta da mãe. Isso de modo nenhum, sim? veja lá. Diga-lhe que a pequena não escreve nem vac, porque sua ex.^{ma} mana passa sempre adoentada».

E em quanto ao fructo, não dizia nada. No entanto era aquella a grande inquietação de Amaro. Ao principio pensara n'aquillo como um cuidado vago, distante; depois affligira-se; e desde que Amelia fôra para a Cortegana, era a sua preocupação sempre presente; mas addiava, esperava, evitava pensar. Mas faltavam agora vinte dias. E elle via-se diante d'aquella difficuldade temerosa, fatal, inilludivel, crúa, como uma muralha: o filho! Procurava por todos os caminhos idéas, soluções, um termo, mas debalde, e debatia-se n'aquella difficuldade, como na invencibilidade d'um carcere.

Na cidade não havia rôda. Dois annos antes o concelho de districto supprimira-a. A mais proxima que havia era em Ourem, a quatro legoas; mas ali havia extremas difficuldades. Desde que em Leiria se tinha acabado a rôda, affluíam á de Ourem. Não havia vigilancia. Eram ali depositadas innumeraveis creanças de todos os arredores. Os recursos da misericordia eram pequenos; havia abusos além d'isso. Lavradores abastados, até empregados, mandavam ali de noute depositar os filhos; e todas as noutes a aspera sineta acordava a rodeira. A misericordia não podia sustentar o numero, e então recorrera ao embarago. Tinha-se posto uma sentinella á porta, e a pessoa que ia levar a criança era interrogada, esmiuçada; indagava-se depois a paternidade; entregavam-se as creanças, e assim a auctoridade impedia a abundancia de exposições com o terror dos vexames.

De tal sorte que o padre não podia deitar o filho á roda. Seria attrair sobre o facto uma publicidade infamante.

Por outro lado não queria entregal-o a uma ama; não tinha confiança em ninguem. Mais tarde a mãe queteria vê-lo. A S. Joaneira poderia desconfiar, a Dyonisia fallar, a fatalidade esclarecer! E depois quem lhe affiançava que Amelia seria sempre submissa, amante? Não poderia um dia arrepender-se? Não poderia accusal-o? E aquella creança, creada por uma ama de aldêa, era a prova viva, o facto accusador! Poderia ter inimigos! E depois a ama viria a sabel-o! Apparecia sob aquella tenebrosa culpa. E o chantre era um homem velho e frio, cabeça placida, cheia de rhetorica e de casuistica, para quem o sangue, o temperamento e a idade, não eram attenuações!

E desejava então que a creança nascesse morta. Que solução natural, perpetua! Porque não? Que destino podia ter no duro mundo aquelle engeitado infeliz? Elle era pobre, a mãe pobre! Seria uma creança necessitada e triste; mais tarde um operario, um trabalhador. Debater-se-ia perpetuamente na tyrannica miseria! Teria uma encherga na vida, e a valla na morte! E, assim, se morresse! Anjinho, Deus leva-o no seu

somno natural e inerte para a pacificação do paraíso! Mas se nascesse vivo, forte, viverdor?

E os dias passavam para Amaro n'este embaraço pungente. Vivia como no fundo de um sonho. Erguia-se, celebrava, comia, dormia, sempre sob a pressão afflictiva e enervante d'aquella difficuldade. Ao accaso, para prevenir, tinha-se informado, como por uma curiosidade caridosa, ácerca das amas da terra. Resolvera chamar uma, attrail-a ao seu interesse... Mas, tímido, aterrado, egoista não resolvera, addiára; e soffrendo, esperando e recuando as decisões, via os dias passarem, hoje, amanhã, depois, e o termo chegava temerosamente. Além d'isso a sr.^a D. Maria da Assumpção estava doente. Mandava-o a cada momento chamar para tranquillisar a sua alma, consultal-o sobre escrúpulos de consciencia, faltas veniaes. E elle amargurado, vibrando todo no susto e na impaciencia da sua vida, precisava escutal-a, animal-a, absolver; porque continuava tirando recursos d'ella, e cada escrúpulo tinha por penitencia uma missa pelas almas do purgatorio, e cada missa tinha por paga um pinto! Por fim viera-lhe mesmo uma certa indifferença. Depois tinha um plano definido, quasi certo, esperava socgado, quando recebeu um bilhete de Amelia, com a letra trémula, quasi inintelligivel: — «A Dyonisia depressa: Chegou.»

Um rapazito da quinta, todo rôto, sujo, trazia o bilhete. Mas a Dyonisia não estava em casa: chamou-a umas poucas de vezes da janella da cosinha. Onde estaria?

— Conheces a Dyonisia, tu? disse elle ao rapaz.

Elle abriu uns olhos admirados.

— Bem, bem, vac-te!

Além d'isso a creada saíra. Era ao meio da tarde, horas de ir á fonte. Amaro foi procurar Dyonisia; dirigiu-se á praça. Pessoas da terra, empregados, proprietarios, officias do batalhão, passeavam aos pares, gravemente, fazendo a sua digestão, o cigarro na boca. Saíu ao Rocio. Debaixo do arco havia duas tabernas. Vinha de lá uma sensação de fumo, de confusão, o vago frigir do peixe, um afinar de violas. Olhou. Dyonisia não estava. No Rocio passavam as creadas com os seus cantaros, uns soldados ao lado conversando; algumas senhoras dirigiam-se para a alamêda, junto ao rio, e o hospital destacava a sua massa branca, do outro lado da ponte, sobre o ar azul baço da tarde.

Amaro olhava inquieto. Não a via. Deu volta pela sé. No adro, creanças brincavam serenamente sentadas; um carro carregado de herva esperava, e os tranquilllos bois olhavam com o seu largo olhar pacifico. Meteu pela rua direita. Os sapateiros batiam a sola sentados na tripeça, á porta, em mangas de camisa, cantando; e no terreiro um rapaz novo experimentava um cavallo; outros em redor encostados á bengala examinavam, olhavam os cascos e com aspectos graves discutiam. Não via Dyonisia. Amaro, fatigado, olhava inquietamente. Talvez Amelia, n'aquelle momento esperasse, ansiasse, constringendo a dôr. Amaldiçoava Dyonisia: queria bater-lhe. Tinha vontade de perguntar ás mulheres que en-

contrava, aos lojistas que á porta das lojas esperavam bocejando. Mas não ousava; seria inconveniente. Entrou pelas viellas estreitas que sobem para os lados do castello; as casas eram miseraveis, e ás vezes n'umas janellas unidas balançava-se uma velha cortina de cassa; ás portas mulheres de *garibaldis* vermelhas, faziam meia, sentadas sobre os calcanhares, riam alto ou cantavam monotonamente com um tédio triste. Alguns soldados parados, fallavam, diziam obscenidades. E velhos curvados passavam com andar trémulo. Não via Dyonisia. Sentia picar o sangue de fadiga, de impaciencia. Voltou por outras ruas espreitando, apressado, hostil, desejando vingar-se vagamente. Ia a entrar em casa. Dyonisia á porta conversava com um velho visinho caldeireiro, que costumava embebedar-se e fazer ruido. Amaro subiu, chamou-a, e logo, no escuro da escada:

— Oh! mulher do diabo! ando a procural-a ha que tempos!

— Então...

— Vá já á Cortegana. Recebi um bilhete! que fosse logo, logo.

Ella subiu a casa, poz um chale, e quasi correndo ía a dobrar a esquina; mas voltou, tornou a subir a escada do padre.

— E a creança? disse ella, respirando fortemente.

— Lá fallaremos, lá fallaremos. Vá, vá.

Mas tornando-a a chamar:

— Mas você sabe o que ha de fazer?

— Oh! senhor, pelo amor de Deus. Assim o menino tivesse tantos contos, como de vezes... Ai! e as ligaduras?

E correndo, voltou a casa tomar pannos, ligaduras, lenços e com o chale traçado, vermelha, serviçal, passou pela botica onde comprou o preciso.

— Então que é isso, que é isso? perguntou o boticario.

— Nada, nada.

E foi-se.

No entanto o padre Amaro esperava que chegasse a noite. O crepusculo começára, e elle a cada momento ía ver se estavam acesos os candeiros. Mas então bateram á porta. O coadjutor entrou. Tinha passado por ali, tinha entrado um bocadinho, e sentando-se ficou callado.

Que horas serão? perguntou Amaro.

— Sete.

Houve um silencio.

— Pois, sim senhor... dizia Amaro.

O coadjutor mexia-se na cadeira.

— A tarde estava muito bonita.

Amaro passeava ao comprido do quarto; e via como um aspecto odioso, a figura magra, doentia, curvada do coadjutor, sentado gravemente, com as mãos apoiadas ao cabo do guarda chuva. Amaro ao mesmo tempo tinha uma preocupação. Elle não quizera envolver um medico n'aquelle segredo perigoso; mas não acreditava na habilidade da Dyonisia. Podia haver um perigo.

— Encontrei agora o sr. Chantre, disse o coadjutor.

— Ah! disse Amaro. E encostado á janella, rufava nos vidros. O candeeiro da rua tinha sido accêso.

— Trago luz? disse de dentro a Thereza, que voltava da fonte.

— Não, não, apressou-se a gritar o padre.

Não queria luz. O coadjutor podia ver o seu rosto perturbado, demorar-se, estabelecer-se para toda a noute. E ao mesmo tempo não queria dizer-lhe que saía.

O coadjutor a espaços, dizia algumas palavras sobre cousas da egreja; congrua, missas, pormenores technicos do officio.

E Amaro devia sair. E se fosse preciso um medico! Se fosse necessario extrair a creança a ferros! E estava tão longe, meia legoa!

E via-a soffendo, pallida, suando de dôr.

— Diz que vem na *Nação* d'antes de hontem um artigo, diz que muito bom. E a voz do coadjutor era grave.

— Sim? disse Amaro.

Mas como os silencios se accentuavam, a noute crescia, não accendiam o candeeiro no quarto, o coadjutor ergueu-se:

— Estou talvez a incommodar.

— Não, não. Deixe-se estar.

E o coadjutor tornou a sentar-se. Deram oito horas.

— Já oito, disse o parochio.

— Agora anoutece muito tarde! disse o coadjutor.

E o padre Amaro na sua impaciencia, na sua inquietação, exasperado, febril, começou a cantarolar.

— Diz que ha agora um hymno ao Santo Padre muito bonito, disse o coadjutor.

Deu meia hora depois das oito.

E era talvez tarde. Amelia esperava-o! Gritava talvez o seu nome! E a creança, a creança! E o padre Amaro torcia o forro das algibeiras com as mãos suadas, crispadas. raivosos.

O coadjutor então ergueu-se, e despediu-se sêcamente.

— Allumie, Thereza, gritou o parochio. E apertava cordialmente, gratamente, quasi rindo, a mão do coadjutor.

— Olhe não caia. A escada é má.

E então embrulhou-se no seu capote, pôz um chapeo desabado, tomou a bengala e saíu. Quando entrou na estrada, quasi corria. A noute estava escura; estrellas palpitavam frouxamente afogadas na espessa negrura.

No entanto Amaro resolvia o seu plano: era simples: decidira pôr a creança á porta d'alguem. O melhor era no campo, n'algun casal abastado. Era completo. Tomal-o-ia debaixo do capote; chegaria devagar, com precauções; pousaria a creança bem envolta em pannos, num chale, á porta. Depois bateria duas, tres pancadas violentas, e fugiria pelos campos. Decerto viriam abrir, veriam, á luz diffusa da noute, alvejar no chão, á porta, a trouxa, a creança; recolhel-a-íam; ao outro

dia entregal-a-íam á auctoridade e iria crear-se, n'uma ama da camara. Era facil, de alcance certo. A que casal bateria? Lembrava-lhe um ao pé do rio, de Bento Farto, um velho lavrador rico, viuvo, sem filhos; talvez recolhesse a creança, a adoptasse, a enriquecesse. E alargava-se nas supposições illimitadas. Elle conhecia a casa; fôra lá levar a extrema-unção a um creado do campo.

Duas janellas pequenas deitavam para uma horta, que se abria por uma cancella sem chave. Mas se o cão ladrasse! Era excellente, era um signal, era um apello! Mas se o cão mordesse a creança! Mas lembrava-se: os cães deviam estar do lado de traz, na quinta, no pomar, ao pé dos curraes! Creados dormiam ao pé da porta; accordariam de certo. Bateria violentamente com uma pedra. Depois pelo atalho, correndo, saltaria pela sébe para os campos, ganharia pela escuridão complacente da noite a estrada, e estaria brevemente na cidade, livre, tranquillo, innocente, inatacavel. Ninguem desconfiaria. Mas teria tempo? De certo. Em quanto se levantam ao ruido, perguntavam para fôra da janella, destrancavam a porta, saíam a espreitar com a espingarda na mão... de certo tinha tempo. Talvez abrissem o postigo cautellosamente! Em qualquer caso ouviriam a creança gemer; veriam o vulto; apanhariam surprehendidos; iriam accordar o amo... De certo, de certo, elle tinha um largo tempo para escapar, correr, esconder-se, sumir-se, entrar em casa, salvar-se!

Não contara este plano a ninguem. Diria á Dyonisia, á Amelia, ao cônego, que a creança fôra entregue a uma ama d'uma aldêa distante, no monte. E depois *morreu, foi-se!* Ah! o seu plano era completo, d'uma legitima infallibilidade. E apressava-se na estrada solitaria, pensando assim, destacadamente, por idéas rapidas, n'um sobresalto amargo.

Eram mais de dez horas quando penetrou na Cortegana, fazendo ranger a pequena porta verde do pomar. Subiu ao terrasso; a porta envidraçada estava aberta; a salla escura; por baixo da porta do quarto de Amelia vinha uma perdida luz; e logo parou ali, immovel, com susto, aterrado. Ouviu gritos abafados, mordidos, e um longo gemer agudo.

Foi de vagar, bateu com os dedos á porta do quarto; bateu mais forte com a palma da mão, tremendo. Dyonisia saiu fechando a porta sobre si, rapidamente.

—Então? disse Amaro.

—Vae bem.

—Quem está?

—Eu, e uma mulher que eu trouxe. Deixe estar: é segura.

A irmã do cônego estava na cama; a Theresa ajudava.

—E a creança? disse Dyonisia.

—Trouxe a ama, disse o padre hesitando um pouco. Está ali fôra, á espera. Embrulhem-a. Eu levo-a. Eu mesmo lh'a levo lá fôra. Agazalhe-a. Vae bem ella?

Mas Amelia deu um grito. E Dyonisia, em cabello, com as mangas arregaçadas, entrou para o quarto.

Amaro começou a passear pela salla. No quarto os gritos, os gemidos começavam. A cada momento o padre estacava, com uma mão á raiz dos cabellos. Depois era um gemer arquejante, de lucta, e ais agudos, lancinante, tornavam a cortar o silencio. Amaro tremia. Podia-se ouvir fóra; os caseiros accordarem; e Amaro junto da porta do quarto, os punhos cerrados, dizia baixo, machinalmente:

— Calla-te, calla-te!

Mas gritava dentro ella. E sentiam-se os passos apressados de Dyonisia; cadeiras que arrastavam, e depois uns suspiros profundos, terribes, desmaiados, como d'um allivio cruel. E que tudo acabára talvez. E era o seu filho que ali estava nascido, e ella, Amelia, soffria, chorava, torcia-se no crispamento mordente da dôr! E era ella, e era ella! E uma piedade infinita tomava-o violentamente pelo coração, e começara a rezar baixo, a pedir, a invocar!...

— Jesus da minha alma! dizia, Jesus da minha alma!

Ajoelhara mesmo: fazia promessas aos Santos... Mas os uivos dilacerados saíam. E elle ergueu-se de salto; passeava frenetico; ia á janella ver se alguém passava embaixo no caminho a escutar; e hallucinado escarrava, tossia violentamente, julgando suffocar o ruido. Mas não. Elle sentia o ranger de cadeiras e as violencias da dôr!

— Basta, basta! Não acabará este inferno!

Mas a voz de Amelia subia:

— Ai! ai! morro, morro!

E Amaro accusava-se, arrepelava-se, impunha-se penitencias terribes; queria fugir áquellas vozes; ia para o terraço; desceu ao pomar. Mas gritos sécos, duros, vinham ferir, como flechas. Estava extenuado, suado, aterrado! Depois não sentia já o gemer violento. Approximou-se, de vagar, tremendo.

A Dyonisia saju abruptamente com um embrulho escuro ao collo.

— Ah! está. É uma menina.

Elle deu um pequeno grito, recuou, ficou a olhar.

— Tome, vá, vá. A ama que o leve, que corra. Nasceu bem. Pegue. Elle estendeu as mãos hesitando.

— Vá, homem.

Amelia gemia dentro.

Elle tomou-o de vagar e ficou immovel, tonto, pasmado.

— Vá com os diabos, homem! mexa-se.

Amaro sentia nos braços uma coisa molle, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço; achou-se na estrada!

Mas então o contacto d'aquella creança, do seu filho, perturbou-lhe as suas idéas, tão arranjadas, tão firmes! Deixal-o á porta d'um casal! Abandonal-o! Perdê-lo! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não ouvissem! Se a creança, gemendo toda a noute, morresse, como um bicho, só, arrefecido, hirtio! E pôl-o nos campos, na humidade da herva! Abandonal-o! Havia frio! Mas não podia voltar. Dyonisia não tinha leite! Mas não podia leval-o para a cidade, dizer claramente «Aqui

está, é meu filho!» Não podia! não podia! E estava assim, só no caminho escuro, immovel, tremendo, afflicto, sem ir, sem recuar, quasi sem sensibilidade, sentindo vir-lhe debaixo do capote um gemer fraco, fino, chiado.

Foi andando de vagar. Vinha-lhe a idéa de se matar com a creança, atirar-se ao rio no logar fundo, ao pé das azenhas. Aquella idéa envolvia-o, enroscava-se n'elle; reclamava-o: matar-se, matar-se! Mas que fria devia estar a agoa! E arripiava-se. E então vinha-lhe um desejo aspero, dilacerante, de voltar para a quinta, para casa, para o bom calor do quarto, ao pé de Amelia; metter-lhe o pequerruchinho na cama, agasalhar-o, beijal-o devagarinho, ali, na felicidade, e todos trez, sós, como no conchego d'um ceu, sentirem fóra a fria noite cair! Que encanto! Não podia! Era padre! padre! condemnado, maldito, celibatario! Seria o sacrilegio, a excomunhão da egreja, a prisão, a grilheta! E sentia um vento frio que se erguera, e as arvores escuras ramalhavam sêcamente.

Algumas nuvens corriam e, mais limpo, o ceu estrellado, deixava cair uma luz diffusa! Elle ia andando lentamente; mas ao voltar, quando do caminho estreito se entra na estrada larga, sentiu atraz passos rapidos, uma voz cantarolando. Voltou-se. E n'um susto, n'um estremeção, n'um frio de espinha — reconheceu o escrevente com o seu chale-manta claro! Santo Deus! E não podia voltar, encontrar-se com elle de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era ali d'altos aterros, abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido; reconhecera-o de certo e, desconfiado já, perseguil-o-ia, luctariam, e elle tinha ali, sob o capote, encostada ao peito, a creança embrulhada n'um chale!

Começou então a andar apressado. De vez em quando olhava. Parecia-lhe que o escrevente apressava, alargava o passo. Continuou mais vivamente. Os passos do outro, soavam atraz na terra sêca. Lembrava-lhe voltar-se, arremessar-se, matal-o. E o escrevente approximava-se. Estava perto.

Mas ali a estrada tinha uma rampa soave, facil, que descia para os campos, para os casaes, para o rio. Era fatal! era fatal! Iria pôr a creança á porta d'um casal e pela beira do rio fugiria, esconder-se-ia no pinhal da Fiuza, ou pelos baixos pedregosos do Castello chegaria á cidade. Desceu a rampa correndo; via a distancia a fachada branca do casal do Silvestre. Conhecia-o e lembrava-lhe o seu cabello d'um louro avermelhado. Começava a atravessar os campos de glebas terrosas, revolidas; mas de repente estacou. Pareceu-lhe que ouvira dizer: «— Olá!»

Ficou a tremer. Talvez tivesse ouvido, mas a voz do escrevente veio no silencio:

— Olá! oh amigo!

Tinha-o visto, tinha-o visto. Estava perdido. O vulto do escrevente estava parado, á beira da rampa na estrada. Parecia-lhe enorme! Se fugisse, elle seguil-o-ia, correria! Se abandonasse ali nos campos a creança, tudo se revelaria, encontrado por aquelle homem, n'aquellas horas nocturnas, ali. Se se matasse! O rio estava ali com um marulho brando,

fundo n'aquelle lugar, e vagos reflexos polidos e finos como os do aço! Desembuçou-se. A creança não chorava. Apalpára por baixo do chale: pareceu-lhe fria. Se estivesse morta! Morta, e então derepente, como um trovão que estala, tomou-lhe o cerebro, a idéa de o matar! Matal-o! matal-o! Não tinha idéas, reflexão, sensibilidade. Estava como um animal instinctivo. Tinha medo! medo! um medo physico, bestial, vil. Estava ao pé do rio. Havia canaviaes ali. Pareceu-lhe sentir passos. Abaixou-se, poz a creança no chão; abriu-lhe o chale; os pannos brancos, destacavam-se da terra escura; tomou uma pedra, que ali estava, grande, musgosa, humida, pesada; pôl-a ao lado da creança; tornou a entrouxar tudo n'um fardo pesado, apertado, atado, submersivo. Pareceu-lhe sentir gemer baixinho a creança, o filho. A agoa escura, vagamente lúsidia estava ali. Umas canas curvadas arrastavam n'agua que as fazia vibrar. E Amaro crispado, com o arquejar sêco, os dentes que lhe rangiam, deixou cair o embrulho. Aquillo fez *pchah!* E a serêna agoa correu. Então positivamente sentiu passos, ruidos, movimentos. Deitou a correr, febrilmente, covardemente.

Um carreiro seguia no pé do rio; sempre, sempre esfalfado, gemendo, chorando, suando, ia, ia. Mas derepente viu-se ao pé d'um pinheiral escuro. Escondeu-se ali. Os pinheiros gemiam ao vento. Esteve um momento encostado a um tronco, hirto, inconsciente, entorpecido. Um cão ladrava a distancia. Bateu com os pés. Estava frio, quasi inerte. Saiu do pinheiral, atravessou uns campos de restólho. Derepente viu á claridade das estrellas reluzir o macdam d'uma estrada. Trepou uma rampa, caminhou, e d'ahi a pouco viu um candeeiro que o vento balouçava monotonamente. Estava na cidade. Davam duas horas quando entrou em casa. Accendeu a luz serenamente. Esteve um momento a olhal-a com uma fixidez idiota; e então, derepente atirou-se de bruços para cima da cama e ficou immovel.

XXI

Pela manhã, duas pancadas rapidas á porta do quarto accordaram-o em sobresalto. Na vespera fechára a porta por dentro.

Saltou abaixo da cama, abriu, e ficou de pé no meio do quarto.

Dyonisia entrou decomposta, afflicta, o lenço caído, o chale no braço.

— Morreu, disse ella.

Amaro abriu desmedidamente os olhos para ella.

E Dyonisia suffocada:

— Pela madrugada não sei que lhe deu. Veiu-lhe uma cousa; levou as mãos á cabeça. Eu comecci: Amelia, menina! Estava morta!

Ella viu Amaro empallidecer, os joelhos affrouxarem-se e cair, inerte, no chão.

Dyonisia gritou. A Theresa veiu. Borrifaram-o d'agua; molharam-lhe as fontes com vinagre; deitaram-o. Elle d'ahi a momentos abriu os olhos, ergueu-se sobre os cotovellos; viu Dyonisia e deixou-se cair de bruços,

n'um chôro despedaçado entre grandes soluços. Mas depois ficou tranquillo, estendido, alheio, immovel. As creadas não sabiam se elle dormia. Andavam em pontas dos pés; e viam as suas botas e as calças cheias de lama, ainda encharcadas.

Muito tempo depois ergueu-se e vestiu-se de padre, de vagar. O seu rosto estava decomposto, os beiços manchados de sangue, umas olheiras encnecidas, o nariz afilado e amarello. Abriu a vidraça. O dia estava claro, tépido, outomnal, d'um doce azul. Os ruidos da rua destacavam alegremente. Era dia de mercado. Havia multidão.

Amaro saiu. Algumas pessoas, na rua, voltavam-se estranhando o rosto amargurado e abatido do parocho. Elle caminhava de vagar, com o seu guarda-sol aberto, um pouco inclinado para diante. Foi ao paço procurar o chantre.

— Que é isso? disse-lhe este, vendo a physionomia do padre.

— Reccebi uma parte que minha irmã estava a morrer, e venho pedir a v. ex.^a licença para ir lá.

Então o chantre com palavras classicas, citações, consolava-o.

— A morte é um tributo universal.

E d'ahi tinha visto casos de pessoas que estavam a expirar, e que melhoravam, viviam. E contava um facto que lêra no *Panorama*.

O padre Amaro apoiava gravemente com a cabeça, direito, as mãos encostadas ao guarda sol. E quando saiu, desceu á sé. Ao entrar na sacristia, as lagrimas saltaram-lhe. Abriu uma gavêta, onde tinha o seu papel, as suas pennas; e escreveu ao cônego Dias.

Meu caro amigo.— Ella morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora. Venha logo. Sua irmã coitada, é que terá de tratar do enterro. Eu, bem vê, não posso. Venha logo. Muito lhe agradeço tudo. Até á vista se Deus quizer, d'aqui a mezes. Adeus. Muito lhe agradeço. Creia que nunca me esquecerei, e adeus. Um grande abraço d'aquelle que é— muito obrigado do C.— *Amaro Vieira*.— *P. S.* Venha logo, adeus.— *P. S.*—A creança morreu. Já se enterrou.

Fechou a carta com uma obreia preta. A porta da sacristia que dava para o pateo estava cerrada. Elle empurrou-a, olhou em roda. O pateo estava tranquillo; tinha crescido herva, musgos, parietarias, verdejavam nas fendas das velhas paredes; alguns passaros voavam chilreando. Havia de resto uma tranquillidade triste: a herva cobria o carreirinho por onde elle costumava ir para casa do sincero. Amaro deu alguns passos. Chegou até á porta da cosinha, empurrou-a brandamente; estava fechada. Esteve um momento, olhando, e saiu, devagar. E na igreja, ao passar diante do altar mór, não ajoelhou.

No adro, algumas pessoas cumprimentaram-o. Uma mesmo veio falar-lhe por causa d'um baptisado. Elle abaixou a cabeça, continuou, abrindo o seu guarda sol, e deitou a carta para o cônego, na caixa, na mercearia, á esquina.

Quando chegou a casa, a Dyonisia tinha voltado da Cortegana. Queimava os pannos, as ligaduras, os lençóes. A irmã do cônego,

aterrada, erguera-se, e amparada a Theresa, viera rezar ao pé do cadaver de Amelia, e preparar o enterro. Tinham ido mulheres para a lavar e amortalhar. Tinha-se sabido na cidade a morte d'ella. Dizia-se que fora um aneurisma.

Amaro pediu a Dyonisia que lhe fosse alugar um cavallo para ir a Chão de Maçãs tomar o comboyo, que devia passar as onze da noite.

— Mas ha diligencia, disse Dyonisia, chorando.

— Não quero ir na diligencia.

E começou então a fazer uma pequena mala; não levava bahu; levaria a mala um homem que devia depois trazer o cavallo. E explicando á Dyonisia, dobrava a roupa sobre a cama. Depois, vagarosamente rasgou os seus papeis. Entre elles estavam dois bilhetes de Amelia. Começou a soluçar derepente, baixo, cheio de lagrimas; guardou-os no bolso. E continuava a acamar a sua roupa na mala. Vinham-lhe grandes soluços.

— O cavallo está prompto, veio dizer a Dyonisia.

Elle então chamou a irmã d'ella, a Joanna.

— Eu não tenho senão o dinheiro que é necessario para a jornada. Mas tudo o que aqui está em roupa, em lençóes, é para vocês.

Ellas queriam beijar-lhe a mão, choravam.

— Ah! é verdade. Ha ahí uns copos e duas chavenas, que são de lá... de...

— Sim, sim, fique descansado, dizia a Dyonisia, que começava a dobrar os cobertores, os lençóes, fazendo trouxas.

Eram quasi tres horas. Amaro estava de chapéu baixo, com o capote ao hombro. Abriu a vidraça. Defronte morava um empregado da camara, casado, havia tres annos. Tinha um filho louro, branco, todo alegre. Naquelle momento a mãe appareceu com elle ao collo, rindo, e o pae, por traz, olhava para a rua; porque em baixo um homem tocava realejo, e sob o seu bonnet de pala, grandes cabellos louros vinham pousar sobre a gola encebada; e ás vezes com o Joelho dava um geito ao realejo, cospindo contra a parede.

Mas a creança viu o parcho, e de mansinho, batendo na cabeça da mãe, pulando no collo, ria-se para elle, e disse-lhe adeus com a sua pequenina mão vermelha e gorda.

O padre recuou para dentro, e rompeu a chorar, sentado, os cotovellos sobre a mesa. E o realejo, em baixo, continuava monotonamente o final da *Norma*, e sob a impressão d'aquella musica dolorida, que elle ouvira tocar a Amelia, muitas vezes, no piano, sentia, como no fim de tudo, a perpetuidade da dôr.

Por fim o cavallo chegou. Um rapaz trazia-o á rédea. Levaram a mala para baixo. Amaro ia descer, sentiu um ruido na escada. Era a muleta do sineiro. Elle entrou com o bonnet na mão.

— Então v. s.^a?...

— É verdade. Vou-me embora.

O sineiro hesitava.

— V. s.^a ha de desculpar, mas eu, como soube que se ia embora,

vinha trazer-lhe isto, que já achei ha tempo. Tinha-me esquecido. E procurando na algibeira das calças, tirou um papel amarrotado que abriu, e onde luzia uma cousa d'ouro. Amaro curvou-se. Era um brinco d'Amelia! Ella muito tempo o procurara debalde. Amaro meteu-o no bolso, convulsivamente, com um movimento quasi afflicto. E, suffocado, com a garganta apertada em soluços, abraçou o sineiro, que chorava, limpando os olhos ás costas da mão.

— Adeus! adeus! disse descendo.

As duas mulheres desataram a chorar.

Amaro montou a cavallo. O homem do realejo affastou-se para elle passar. O rapaz começou a correr adiante com a mala, e Amaro partiu. As ruas estavam cheias de gente do campo, para o mercado. Fallava-se, apregoava-se, ria-se; bebia-se á porta das tabernas. Ao passar pela rua onde morava Amelia, Amaro olhou para a casa; estava ainda fechada: o alecrim da varanda secára, e um lenço de certo esquecido, estava entalado por uma ponta sob a vidraça corrida do quarto de Amelia, e pendia rôto, da chuva, decerto, e o vento fazia-o mover brandamente. Era um lenço branco com uma silva amarella.

Amaro levava o guarda-sol sobre o rosto, porque lhe corriam as lagrimas. Quando chegou ao Rocio parou derepente o cavallo. Da casa do armador ia saindo um homem com um caixão de defuncto á cabeça, negro, com galões dourados. Outros atraz levavam tochas, conversavam, riam, e esperavam dois que hebiam á porta d'uma taberna, d'onde saía um grande ruido. Amaro picou o cavallo. A estrada estava cheia de gente que voltava para as freguezias. A tarde tinha uma placidez amoravel. Homens iam a cavallo, o cajado entre a perna e o albardão, conversando, direitos: burros, com o seu passo miudo, passavam carregados de saccos de milho; mulheres levavam canastras cheias de louça de barro; outras iam enchotando porcos adiante de si, com uma vara. E á beira da estrada os pobres lamentavam-se, pedindo com voz estridente. Quasi todos conheciam o parocho. As mulheres diziam: «Guarde Deus a v. ex.^a» Os novos tiravam o barrete, olhando; e os velhos, gravemente, descobriam-se, mostrando os seus cabellos brancos. E assim o padre ia acompanhado pelo respeito da gente do campo, que voltava para o lavor das freguezias e para a paz da lareira. Elle ia direito, com o seu chapéu desabado, e as largas bandas do seu capote caíam-lhe dos dois lados, pou-sando um pouco sobre a anca descarnada do cavallo.

Um vento norte erguera-se e, á volta da estrada por onde vinha encanado, sentiu o padre Amaro, vindo da cidade, o som lento, pausado, frio, distante, infinitamente melancolico do dobrar a finados.

E como o frio começava a penetrar, embrulhou-se mais no seu capote.

XXII

Nos fins de maio de 1870, havia affluencia na Casa Havaneza, ao alto do Chiado, em Lisboa. Os que compravam, batendo com o dinheiro so-

bre as caixas de charutos, em fileiras no balcão, os que accendiam os cigarros á chamma do gaz, os que de pé estacionavam, moviam-se no ruido das opiniões e na commoção communicada. Pessoas saíam, com o aspecto vivamente interessado; e os que entravam, logo desde a porta, em bicos de pés, olhavam avidamente uma taboleta movel, suspensa em duas hastes de metal, sobre o balcão, onde se collavam telegrammas.

Um facto inesperado perturbava os criterios. Paris, a cidade que faísca e atráe, no fundo do sonho burguez, ardia. Entre os destroços errissados das barricadas, entre a plebe, na espessura do fumo, uma batalha social se dava aos regimentos da republica e aos velhos batalhões cezarianos. Casas desmoronavam-se; cadaveres furados das balas, rasgados das baionetas, jaziam no asphalto; charcos de sangue vermelhejavam. Os feridos uivavam rolando-se no macdam; um estallido da fusillaria cortava o ar; operarios e soldados batiam-se ao pé dos altares, sobre os tumulos dos cemiterios, nas platéas dos theatros, nos portaes dos prostibulos: luctava-se no fundo das alcovas. Atiravam-se mechas accesas pelos buracos das sargetas e disparavam-se rewolvers pelo respiradouro das adegas; uma fusilaria sêca e tenebrosa varria os canos da cidade; a colera fôra saciar-se até á escuridão das latrinas. Fusillava-se pelos cantos das ruas; a indignação levava a morte; o impulso da fé produzia a desordem da resistencia; e assim o fanatismo colerico, egualava insaturavel vingança! De espaço a espaço, um edificio historico ardia, e sobre aquella cidade entregue ao desespero, pesava uma atmosphera de fumo de petroleo!

Os que liam ficavam pasmados, sem comprehensão. Praguejavam contra os destruidores de Paris. Burguezes placidamente sentados decretavam a vingança; vadios e devedores insoluveis glorificavam a propriedade; empregados publicos, de estomago insaciado sanctificavam o capital; plebeus mal polidos queriam a restauração dos Bourbons.

Um homem vestido de preto que vinha saindo, sentiu ao virar uma voz admirada:

— Oh! Padre Amaro!

Voltou-se. Era o cônego Dias. Abraçaram-se e para fallarem tranquillamente foram para junto das grades da Encarnação. Não se viam desde Leiria.

— Você por aqui, padre mestre?

E então o cônego explicou: A irmã morrera, e estava em liquidações.

— Mas você já não está em S. Thyrsó, Amaro?

E Amaro contava que viera a Lisboa para alcançar a transferencia para Villa Franca. E resumindo-se, fallaram das cartas que ultimamente se tinham escripto.

— E que tal se deu em S. Thyrsó?

— Mal! Pouca congrua, má gente. Estive lá anno e meio, aborrecidissimo. E de Leiria? Você na sua carta do mez passado parece, dizia que a S. Joaneira ia mal.

— Coitada! Cada vez peor: gorda, pesada, sempre a dormitar! de mais a mais agora gosta de hebericar.

— Hein?

— Deixe-me, homem! tem apanhado cada uma!

— E o escrevente?

— Está mal. Você sabe, a irmã morreu phytica.

— Bem sei. Você mandou-me dizer.

— Pois o rapaz por lá continua pobre, com um casaquito encolhido. Coitado! Tem sido bem castigado! Escreve em casa do tabellião Nunes. Mas porque preço! Quatro vintens por dia!

— Está bom! E a D. Maria da Assumpção?

— Lá está. Ainda antes de hontem estive com ella; muito temente a Deus, sempre. Tem agora um creado novo, e rosnam-se cousas.

— Palavra?

— Pelo menos o rapaz anda no trinque: relógio, luvas, charutos! As Gansosas estão na mesma.

— E outra cousa que me esquecia: a Dyonisia?

— Coitada! Parece lá vae com as suas industrias.

E conversaram ainda sobre o passado, e as amarguras d'então.

— E que me diz a estas cousas da França, padre? E o cônego cruzava os braços.

— É verdade! É verdade! dizia Amaro com aspecto inintelligente: uma sucia de padres fusillados!

— Que brincadeira, hein?! exclamavam uniformemente.

E então o cônego:

— E por cá, pelo nosso canto, parece que começam essas idéas!

E então indignavam-se; fallavam dos republicanos, dos maçons; que os homens novos desacreditavam a egreja, o clero, os bispos, e faziam sociedades secretas. O cônego lembrava para os revolucionarios a cadeia, Amaro pedia a fôrça.

— Não fazem senão calumniar-nos! dizia elle exclamando.

— Calumniam-nos, calumniam-nos, ponderava o cônego.

Mas arredaram-se, porque vinham da rua do Alecrim duas senhoras, mãe e filha, parecia. E a menina, delgada, anemica, pallida, com o corpo curvado, os vestidos tufados por traz, botinas com salto erguido, caminhava balançando-se.

— Caspíte! disse o cônego. Hein, seu padre Amaro?! Que tal!

— Nada, nada. Já lá vae o tempo, disse Amaro, rindo, e enrolava o cigarro.

E chegando-se ao ouvido do cônego, disse-lhe risonho, triumphante:

— Já as não confesso senão casadas! Chut!

ÊÇA DE QUEIROZ.

Achando-se fóra de Portugal não poudo, o sr. Êça de Queiroz, dirigir pessoalmente a publicação do seu romance, e introduzir n'este modificações importantes que tencionava fazer.